

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

SER LGBTI+ Negro/a Pentecostal: um estudo da igreja
inclusiva Nova Esperança em São Paulo (2004-2019)

ÁTILA AUGUSTO DOS SANTOS

São Bernardo do Campo
2022

ÁTILA AUGUSTO DOS SANTOS

SER LGBTI+ Negro/a Pentecostal: um estudo da igreja
inclusiva Nova Esperança em São Paulo (2004-2019)

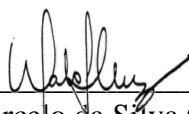
Dissertação apresentada à Banca Examinadora
da Universidade Metodista de São Paulo,
Programa de Pós-Graduação em Ciências da
Religião, como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre, sob a orientação da Prof.^a.
Dr.^a. Sandra Duarte de Souza

São Bernardo do Campo
2022

A dissertação de mestrado intitulada “SER LGBTI+ Negro/a Pentecostal: um estudo da igreja inclusiva Nova Esperança em São Paulo (2004-2019)”, elaborada por Átila Augusto dos Santos, foi apresentada em 02.08.2022 perante banca examinadora composta por Prof.^a Dr.^a. Sandra Duarte de Souza (Presidente/UMESP), Prof.^a. Dr.^a. Clarissa de Franco (Titular/UMESP) e Marcelo Tavares Natividade (Titular/UFC).



Prof.a. Dra. Sandra Duarte de Souza
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora



Prof. Dr. Marcelo da Silva Carneiro
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Programa: Pós-Graduação em Ciências da Religião
Área de Concentração: Religião, Sociedade e Cultura
Linha de Pesquisa: Religião e Dinâmicas Socioculturais

FICHA CATALOGRÁFICA

Sa59s Santos, Átila Augusto dos
SER LGBTI+ negro/a pentecostal: um estudo da igreja inclusiva
Nova Esperança em São Paulo (2004-2019) / Átila Augusto dos
Santos -- São Bernardo do Campo, 2022.
143 p.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) --Diretoria de
Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São
Bernardo do Campo, 2022.

Bibliografia

Orientação de: Sandra Duarte de Souza.

1. Sexualidade - Aspectos religiosos 2. Homossexualidade -
Aspectos religiosos 3. Minorias sexuais 4. Pentecostalismo 5.
Religião - Negros I. Título

CDD 289.9

Esta pesquisa foi financiada pelo CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas, através do programa de Suporte à Pós-Graduação IES Comunitárias (PROSUC) ligado à Universidade Metodista de São Paulo, entre fevereiro de 2020 e fevereiro de 2022 (Processo: 130320/2020-0).

RESUMO

O Pentecostalismo tem sido um dos movimentos religiosos que mais tem crescido no Brasil e os dados apontam para a crescente adesão da população negra a suas fileiras. As igrejas denominadas “igrejas inclusivas”, que ao contrário das igrejas evangélicas convencionais, não condenam a sexualidade “dissidente” (LGBTI+) dos seus fiéis, têm se consolidado também no pouco ortodoxo campo pentecostal, porém, são raras as pesquisas que se interessam pelo tema dos Negros/as LGBTI+ “pentecostais”.

Esta pesquisa tem como objetivo evidenciar a participação e vivência religiosa do LGBTI+ Negro/a Pentecostal, através do estudo de caso de uma igreja inclusiva pentecostal: a “Nova Esperança”. Para o desenvolvimento do tema foram realizadas pesquisa documental (periódicos, jornais, e meios eletrônicos públicos como facebook, instagram, twitter, site, correlatos), bibliográfica e de campo, com entrevistas semiestruturadas aplicadas a leigos, leigas, clérigos e clérigas negros/as. O olhar interseccional possibilitou a análise das demandas das pessoas LGBTI+ negras cristãs a partir de suas vivências nestas comunidades de fé.

Palavras chaves: LGBTI+, negro/a, pentecostalismo, igreja inclusiva, interseccionalidade.

ABSTRACT

Pentecostalism has been one of the fastest growing religious movements in Brazil, and data point to the growing membership of the black population in its ranks. The churches called "inclusive churches", which unlike conventional evangelical churches, do not condemn the "dissident" (LGBTI+) sexuality of their faithful, have also been consolidating themselves in the unorthodox Pentecostal field; however, research that is interested in the theme of "Pentecostal" Black LGBTI+ people is rare.

This research aims to understand the participation and experience of Black LGBTI+ Pentecostal people through the study of an Inclusive Pentecostal Church: "New Hope". For the development of the theme, documentary research was conducted (periodicals, newspapers, and public electronic media such as Facebook, Instagram, Twitter, website, correlates), bibliographic and field research, with semi-structured interviews applied to laymen and women, black clergymen and clerics. An interseccional look may enable the analysis of the demands of Black Christian LGBTI+ people from their experiences in these faith communities.

Key words: LGBTI+, Black, Pentecostalism, Inclusive Church, Intersectionality.

AUTOBIOGRAFIA

Meu nome é Átila Augusto dos Santos, tenho 49 anos e sou natural da cidade de São Paulo, Capital. Vivo com meu companheiro, Rodrigo Oscar Batista há quase 20 anos e, hoje, somos pai do Diederick Ângelo com 1 ano e 2 meses. Sou pastor Pentecostal de uma igreja inclusiva pentecostal há 5 anos.

Nasci no bairro do Jardim Angela, na Zona Sul. Sou o primogênito da família. Meu pai José Ângelo dos Santos, vigilante e minha mãe Lídia Lopes da Silva Santos, auxiliar de enfermagem, são migrantes de Minas Gerais na década de 70.

Meu avô materno Gêneroso Pereira da Silva e minha avó materna Margarida Teixeira Lopes, esta, neta de escravizados, foram pioneiros no interior de Minas Gerais como pastores abrindo e inaugurando várias igrejas pentecostais Assembléias de Deus, pelas décadas de 60 a 90. O avô paterno Ângelo Augusto, também era neto de escravizados, e minha avó paterna Maria Sérgia, filha de portugueses. Ambos eram católicos praticantes.

Minha família “paulistana” é muito parecida com muitas outras de negros/as da década de 70. Pai, mãe e 4 filhos/as (Átila, Keila, Kátia e Kelly) criados e educados como pessoas cristãs pentecostais na extrema periferia de São Paulo e vocacionados ao trabalho secular e na igreja.

Desde muito jovem, sempre trabalhei para ajudar no sustento da casa, vendendo flores e balas no farol e restaurantes da região de Moema, bairro de classe média alta da Zona Sul. Também trabalhei como *office-boy*, ajudante de limpeza, vendedor de livros, de dedetizantes, saco de lixo, vassouras, porta a porta. Na igreja, constantemente no louvor, na escola bíblica, cultos ao ar livre, culto dos jovens, culto de ensino, culto de oração e doutrina, e assim por diante. Muitas dessas atividades faço e participo até hoje na igreja. Essas experiências contribuíram para meu amadurecimento e para aprender o valor do trabalho e serviço sacerdotal.

Sempre gostei muito de estudar, de ler e de ir para a Igreja (Assembléia de Deus). Aos 17 anos, terminei o primeiro grau e comecei o segundo grau, época difícil para conciliar os estudos e trabalho. Tinha o sonho de ser professor de história e advogado. Com esse foco, aos 24 anos, consegui passar no vestibular na Universidade Cruzeiro do Sul, para o curso de direito, uma felicidade, mas as mensalidades eram muito altas. Eu trabalhava em uma empresa de limpeza de caixa d'água de prédios e dedetizadora, o salário não era suficiente, e precisei de ajuda da família para cumprir os acordos e mais acordos que tive que fazer no final de cada ano

cursado, para fazer a matrícula para o ano seguinte. A dificuldade era tanta, que só pude estudar o último ano do curso, com uma liminar em um mandado de segurança. Ainda me lembro do despacho do juiz dizendo: “não podemos impedir/coibir pedagogicamente este aluno de concluir seu último ano de curso, por um débito que ele se compromete a pagar, tanto porque a Universidade recebe verba federal para custear casos de pessoas como ele”.

Se na Universidade conseguia avançar, o mesmo não posso dizer da situação na igreja. Lá, as coisas não andavam nada bem, era o final dos anos 90 e início dos anos 2000 e, embora eu fosse extremamente aplicado (pois, fui educado pelos meus pais e avós a ser assim com as coisas de Deus) nos cultos, escola bíblica, vigílias, ensaios.

Devido à minha orientação sexual, já não era muito “bem-visto” e fui deliberadamente expulso/excluído da igreja e atividades, pelas lideranças por ser diferente e preferir namorar meninos. Foi traumatizante, pois não imaginava tamanha crueldade, eu era dali aquilo fazia parte central da minha vida. Não sabia o que seria de mim sem participar daquelas reuniões, cultos, ensaios, congressos, vigílias, confraternizações, encontros com os jovens. Mesmo assim, tudo me foi tirado. Isso acabou me fortalecendo, pois sentia no meu coração que Deus me amava como eu era e, com a ajuda da minha família, me apliquei mais ainda aos estudos. Em 2001, concluí a faculdade de direito e fui o primeiro da família a terminar uma universidade para orgulho dos meus avós. Sofri um pouco para passar no exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), curso ingrato esse, você faz cinco anos de faculdade, mas se não passar no exame da OAB, não pode exercer a profissão como advogado. Mas me apliquei a fazer cursinhos, a ler a Constituição Federal, a maioria dos Códigos de legislação e passei no exame. Hoje tem mais advogados/a na família.

Em 2004, já estava atendendo em uma pequena sala alugada, próximo do Metrô Artur Alvim, zona leste, com poucos clientes, mas sobrevivendo. Eu também já estava participando de outra igreja evangélica, onde o Pastor era muito amoroso com pessoas LGBTI+. Ele nos ouvia e respeitava. Foi quando conheci a igreja inclusiva Acalanto e depois Nova Esperança.

Nessa época, o meu companheiro Rodrigo Oscar me ajudou muito na transição para a igreja inclusiva, eram muitos dogmas, traumas e medos. Porém, ainda faltava algo, eu precisava estudar mais a Bíblia, entender melhor o porque haviam me expulsado da igreja, afinal estava em uma igreja inclusiva que não condenava o relacionamento homoafetivo e na minha cabeça havia muitas pessoas como eu, oprimidas, e em vias de ser excluídas, como eu fui.

Pensando nisso, eu comecei a fazer a faculdade de Teologia, foram anos muito intensos e reveladores, em que pude me aplicar a entender melhor o mundo, as narrativas bíblicas e a me preparar para me defender das acusações de fundamentalistas e pessoas sem muito amor no

coração. Também, para de alguma forma ajudar pessoas como eu a se desvencilharem de mentiras que nos afastam de Deus e do bem. Em 2017, eu me formei Teólogo pela Universidade Metodista de São Bernardo do Campo. Eu já havia sido ordenado Pastor da Igreja Nova Esperança, em 2014, onde fui presbítero e pastor auxiliar.

No ano de 2016, fui enviado com meu companheiro, pela igreja Nova Esperança Sede para iniciar uma “célula” da igreja no Bairro da Vila Mariana. A célula se tornou igreja, porém, se desvinculou da Nova Esperança em 2019 e, hoje, chama-se A igreja da Vila com aproximadamente 100 membros/as.

Em 2019, fui participar de um Congresso de Igrejas e coletivos inclusivos, na Catedral Anglicana no bairro da Santa Cecília e lá fiquei sabendo do programa de pós-graduação da Universidade Metodista, me inscrevi primeiro como aluno especial, curso seis meses, depois fiz o processo seletivo e consegui uma bolsa CNPq para pesquisar igrejas inclusivas, com recorte étnico/racial, ou seja, pensando as pessoas pretas que a compõem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPQ pela bolsa que me concedeu, sem a qual a realização desta pesquisa não teria sido possível.

Agradeço a Deus, na pessoa de Jesus Cristo, meu grande mestre espiritual por ter me dado forças para enfrentar todas as dificuldades com que me deparei ao longo desta caminhada, como o sistema político atual, retrocessos em conquistas sociais, a pandemia COVID-19, e ter sobrevivido ao contágio com a COVID 19, a crise econômica, rumores da terceira guerra mundial, tendo em vista o conflito entre Rússia e Ucrânia.

Agradeço a toda a minha família, aos meus pais José Ângelo dos Santos (*in memoriam*) e Lídia Lopes da Silva Santos. Às minhas três irmãs Keila, Katia, Kelly e minhas sobrinhas Carolina, Camila, Letícia, Júlia, pelo incentivo.

Agradeço ao meu companheiro de duas décadas Rodrigo Oscar Batista e nosso filho Diederick Ângelo, pelo companheirismo, amor, apoio nas minhas escolhas e compreensão ao longo do mestrado.

Agradeço a minha igreja inclusiva mãe – Comunidade Cristã Nova Esperança (CCNE), na pessoa do Pastores/as, Justino, Wladimir, Esdras, Cícero e Pastora Ineide. À Pastora Lanna Holder, Rosania Rocha e Daniela Modesto da Igreja Cidade de Refúgio. Aos Pastores Marcos Gladstone e Fábio Inácio da Igreja Contemporânea, que contribuíram com suas vivências e materiais para essa pesquisa.

Agradeço a igreja que sou Pastor, A igreja da Vila, sem vocês eu não teria conseguido.

Agradeço aos pastores/as amigos/as de todas as horas, Geraldo Carvalho, Reuel e Susi Andrade, Isac Santos e Fernanda Cavotti, da A igreja da Vila, Cristiano Valério, Márcio Retamero, da Igreja ICM.

Agradeço à minha orientadora Sandra Duarte de Souza pelos ensinamentos e pela liberdade que me deu ao longo da execução desta pesquisa. Às Professoras Marina dos Santos, Clarissa de Franco, Jaci Candiotto, Valéria Vilhena e ao Professor Marcelo Natividade pela partilha de conhecimento.

Agradeço a todas as amigas e amigos que ganhei no mestrado e no Grupo de Estudo MANDRAGORA/NETMAL, dentre esses/as, Tainah, Nirvana, Anna, Fernanda, Alberto, Eder, Tattiane e Aline.

Agradeço aos amigos/as Robson Carlos, Paulo Victor, Luiz Soares, Tom Escrimin, Gaby Kassab, Pietra, Adson Vasconcelos, Everson Tes caro, Samir Rosa, que mesmo a distância

me incentivaram e apoiaram.

Agradeço a todas as pessoas entrevistadas/participantes no campo de pesquisa.

Dedico este trabalho aos meus grandes professores de vida: meu pai, José Ângelo dos Santos (in memoriam), tão amoroso e bom que o céu o levou para si, tão jovem! E à minha querida mamãe, Lídia Lopes da Silva Santos, além de mãe uma grande amiga e minha maior inspiração de resiliência e fé! Dedico também às pessoas LGBTI+ negras e negros cristãos pentecostais inclusivos, que ousaram e ousam desafiar a lógica hegemônica do cristianismo conservador e opressor que apaga nossas vivências e corpos e que continuam firmes e fortes lutando por igualdade e equidade nos espaços e ambientes religiosos.

TABELA DE SIGLAS

ABGLT	- Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos
ADI	- Assembléia de Deus Inclusiva
AIDS	- Acquired Immunodeficiency Syndrome
CADB	- Convenção das Assembléias de Deus no Brasil
CAHEUSP	- Centro Acadêmico de Estudos Homoeróticos da USP
CCG	- Comunidade Cristã Gay
CCMT	- Comunidade Cristã Missão para Todos
CCNE	- Comunidade Cristã Nova Esperança
CCNEI	- Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional
CEM	- Comunidade Evangélica Manancial
CEU	- Comunidade Evangélica em Unidade
CGADB	- Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil
CNPJ	- Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
CNPQ	- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COVID-19	- Corona Vírus Disease 2019
CR	- Igreja Cidade de Refúgio
DST	- Doenças Sexualmente Transmissíveis
ENTLAID	- Encontro Nacional de Travestis e Transexuais que atuam na Luta e Prevenção à
S	AIDS
EUA	- Estados Unidos da América
FI	- Faculdades Integradas
FMU	- Faculdades Metropolitanas Unidas
GGB	- Grupo Gay da Bahia
GLBT	- Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais
IAFL	- Igreja Apostólica Filhos da Luz
IBAN	- Igreja Batista Apostólica das Nações
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICC	- Igreja Cristã Contemporânea

ICM	- Igrejas da Comunidade Metropolitana
ICMG	- Igreja Cristã Maravilhosa Graça
IDVI	- Igreja do Deus Vivo Inclusivo
IEDEC	- Igreja Evangélica Inclusiva Despertar em Cristo
IES	- Instituições de Ensino Superior
ILGA	- International Lesbian and Gay Association Pentecostal
IPEG	- Igreja Inclusão Plena de Pessoas LGBTQIA+
IPRC	- Igreja Pentecostal Resgatado em Cristo
IRIS	- Igreja Renovadora Inclusiva para a Salvação
MCC	- Metropolitan Community Church
NETMAL	- Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América
OAB	- Ordem dos Advogados do Brasil
PROSUC	- Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior
PSDB	- Partido da Social Democracia Brasileira
SBT	- Sistema Brasileiro de Televisão
SENALE	- Seminário Nacional de Lésbicas
TI	- Todos Iguais Igreja Cristã Inclusiva
UnB	- Universidade de Brasília
UFC	- Universidade Federal do Ceará
UFPE	- Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
UMESP	- Universidade Metodista de São Paulo
UNICSUL	- Universidade Cruzeiro do Sul
USJT	- Universidade São Judas Tadeu
USP	- Universidade de São Paulo

TABELA DE FIGURAS

FIGURA 1 – William J. Seymour

FIGURA 2 – Primeira Convenção das Assembléias de Deus -1930

FIGURA 3 – The Church oh The Village em Nova Iorque

FIGURA 4 – Coral da The Church oh the Village em Nova Iorque

FIGURA 5 – Grupo de Estudo

FIGURA 6 – Primeiro Culto Igreja Nova Esperança

FIGURA 7 – Evangelismo na Parada Gay

FIGURA 8 – Festa Cor de Rosa

FIGURA 9 – Primeiro Batismo

FIGURA 10 – Homenagem à Igreja Nova Esperança

FIGURA 11 – Painel de Debates Nova Esperança

FIGURA 12 – I Congresso Igrejas e Comunidades LGBTI+

FIGURA 13 – Convite para Consagração e Apresentação de Jacque Chanel

FIGURA 14 – Primeiro Café Eclesiástico Inclusivo de Pastores

FIGURA 15 – Lideranças femininas da Igreja Cidade de Refúgio

FIGURA 16 – Ação Social Nova Esperança

FIGURA 17 – Sojourner Truth

FIGURA 18 - Assembléia de Deus em Santa Maria Suaçuí-MG (Anos 60)

Sumário

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I A IGREJA INCLUSIVA PENTECOSTAL	9
1.1 As origens negras do pentecostalismo	9
1.1.1 A influência norte-americana no pentecostalismo e William J. Seymour	14
1.2 Outras participações e contribuições: raça e gênero na Assembléia de Deus	17
1.3 Igrejas inclusivas como espaços religiosos de refúgio e proteção	20
1.3.1 O modo peculiar das mulheres construírem e viverem sua fé pentecostal	21
1.4 A secularização e o surgimento das igrejas inclusivas	24
1.4.1 O surgimento das igrejas inclusivas	25
1.4.2 As igrejas inclusivas pentecostais no Brasil	28
1.4.3 As igrejas inclusivas pentecostais nativas	34
1.4.4 Igreja Acalanto	35
1.4.5 Igreja Nova Esperança	37
1.4.6 Igreja Cristã Contemporânea	39
1.4.7 Igreja Cidade de Refúgio	40
CAPÍTULO II IGREJA NOVA ESPERANÇA: A trajetória de uma Igreja Inclusiva Pentecostal Negra.	43
2.1 O surgimento	43
2.2 A trajetória	49
2.3 Características marcantes	55
2.4 Da estrutura Organizacional	66
CAPÍTULO III E EU NÃO SOU UMA BICHA PRETA PENTECOSTAL? A experiência e vivência do ser lgbti+ negro/a na igreja inclusiva Nova Esperança	71
3.1 Interseccionalidade: quando o gênero e raça se encontram	71
3.1.1 Interseccionalidade e igreja inclusiva pentecostal	79
3.1.2 Trajetórias, experiências e vivências LGBTI+ + pretas pentecostais	86
3.2 Vamos, as vivências que importam, bi!	92
3.2.1 Sobre embranquecer o pentecostalismo da Nova Esperança	93
3.2.2 Face com face: a democracia racial	95
3.2.3 A pele cromática clara ou escura	98
3.2.4 Precisamos de engajamento político, querida!	99
3.2.5 Agora que é que são elas...	100
3.2.6 No afro/nte da educação eurocentrada	108

3.2.7 Eu preciso de um companheiro, mas com muita fé!	110
3.2.8 Travesti não é bagunça, é pentecostal e quilombola!	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123
ANEXOS	135
I - QUESTIONÁRIO PARA Clérigo/Pastor/líder LGBTI+ NEGROS/AS	135
II – CARTA PROCLAMAÇÃO	138
III – TERMO DE ADESÃO AO SERVIÇO VOLUNTÁRIO	141
IV – LIDERANÇAS IGREJA NOVA ESPERANÇA (ATUAIS E DISSIDENTES)	142

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o número de pessoas que se declaram evangélicas, no Brasil, tem crescido significativamente, inclusive as que se declaram pentecostais. Dentre esses, há os que participam de igrejas inclusivas pentecostais, que surgiram no Brasil ainda na década de 90, na tentativa de diminuir preconceitos, discriminação, ser lugar de acolhida, de aprendizagem e fortalecimento da participação social e política para lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e demais pessoas de sexualidades dissidentes.

Muito embora o Brasil seja um país multicultural, miscigenado e rico em tradições religiosas, pesquisas¹ demonstram a hegemonia da religião católica e o forte crescimento dos evangélicos, dentre estes, os evangélicos negros que escolheram o pentecostalismo.

A população negra, em geral, à margem na maioria dos segmentos sociais, tem se apresentado como uma das mais vulneráveis devido às grandes desigualdades e opressões sociais que permeiam o Brasil desde sua colonização e, após a abolição da escravatura, migraram das senzalas para as favelas.

Os mais de 300 anos de escravidão² no Brasil faz da vivência do ser negro no Brasil, desde o dia seguinte ao dia 13 de maio 1888³ até os dias atuais, tornassem-se uma luta diária por direitos igualitários com o sistema sócio, político e econômico colonialista.

A religião, especificamente, a evangélica pentecostal, traz algum pertencimento a essa população e é um refúgio para os excluídos de classes menos favorecidas, porém, é raro que nessas igrejas falem em desigualdades sociais, racismo, preconceitos e políticas públicas de ações afirmativas para a classe negra, mesmo que na formação de várias igrejas pentecostais

¹ Censo (IBGE,2010) Novo mapa das religiões (2011).

² A escravidão não é simplesmente um fato do passado. A herança escravista continua mediando nossas relações sociais quando estabelece distinções hierárquicas entre trabalho manual e intelectual, quando determina habilidades específicas para o negro (samba, alguns esportes, mulatas) e mesmo quando alimenta o preconceito e a discriminação racial. Assassinar a memória, escondendo o problema, é uma forma de não resolvê-lo (PINKSY, 2010).

³ Lei Áurea — oficialmente Lei Imperial n.º 3.353, sancionada em 13 de maio de 1888, foi o diploma legal que extinguiu a escravidão no Brasil... foi votada e aprovada em definitivo, um pouco antes das treze horas, no dia 13 de maio de 1888, e, no mesmo dia, levada à sanção da princesa regente do Brasil Dona Isabel. O documento é assinado pela Princesa Imperial Regente Isabel (Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bragança e Bourbon, 1846 – 1921), pelos senadores Primeiro Vice-Presidente Antônio Cândido da Cruz Machado (1820 – 1905), Primeiro Secretário Barão de Mamanguape (Flávio Clementino da Silva Freire, 1816 – 1900) e pelo Segundo Secretário do Joaquim Floriano de Godói (1826 – 1907). O manuscrito original faz parte do acervo do Arquivo do Senado Federal.

clássicas, a representação negra seja marcante e importante.

O interesse é menor ainda quando se trata de pessoas negras LGBTI+ pentecostal, pois são raras as pesquisas que investigam, nesse segmento religioso, o recorte étnico-racial e a sexualidade.

Nisto, há um nicho a ser ocupado nas pesquisas sobre igrejas inclusivas, e o intuito desta dissertação é contribuir com o estudo das vivências das pessoas negras pentecostais LGBTI+ na Igreja Nova Esperança, uma comunidade de fé da qual, eu, negro, homossexual, cristão, pentecostal fiz parte por 15 anos, na tentativa de responder à pergunta pela participação, de parte desses fiéis nas esferas religiosas ditas “inclusivas”.

O surgimento de igrejas inclusivas se dá por uma complexa combinação de processos sociais, históricos e culturais, que vão desde os anos 80 com a eclosão da AIDS e a luta por sobrevivência dos LGBTI+, até os dias de hoje, com a possibilidade do casamento igualitário, adoção de filhos/as e criminalização da homofobia (NATIVIDADE, 2008).

O Movimento LGBTI+ está na vanguarda, dessas lutas, reivindicando o pleno e livre exercício de cidadania e dignidade.

Grande parte dessas pessoas está à margem e com baixa representatividade nas instâncias de poder (PIOVESAN; SILVA, 2015). Assim, a busca por cidadania é uma constante nos movimentos sociais, pois seu exercício pleno dá acesso a possibilidades e potencialidades políticas, como esclarece Evelina Dagnino:

Em primeiro lugar, o fato de que ela deriva e, portanto, está intrinsecamente ligada à experiência concreta dos movimentos sociais, tanto os de tipo urbano — e aqui é interessante anotar como a cidadania se entrelaça com o acesso à cidade — quanto os movimentos de mulheres, negros, homossexuais, ecológicos, etc. Na organização desses movimentos sociais, a luta por direitos — tanto o direito à igualdade como o direito à diferença — constituiu a base fundamental para a emergência de uma nova noção de cidadania (DAGNINO, 1994, p. 104).

Isto porque, em tempos de globalização, esses movimentos tensionam a esfera pública tomando as ruas e os espaços, numa luta por mais reconhecimento social, civil e político, como o movimento de mulheres e o movimento negro, entre outros.

Esse reconhecimento corresponde com um dos princípios fundamentais do Estado Democrático de Direito brasileiro, da intitulada Constituição Federal (1988), usualmente evocada como A Constituição Cidadã, sendo:

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:
I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;
II - garantir o desenvolvimento nacional;
III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (BRASIL, 1988).

Sem desconsiderar a grande representatividade dos dizeres do Preâmbulo do mesmo texto para a luta e reivindicações da população negra que clama por direitos e acesso. Segundo a redação do Preâmbulo, o Estado tem a função de “assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos” (BRASIL, 1988), inclusive, gostaríamos de frisar, “sob a proteção de Deus” (BRASIL, 1988).

As reivindicações (direitos constitucionais) da população negra, quando analisadas através do marcador religioso, no caso pentecostal LGBTI+, apresentam negros/as ainda mais subalternizados/as que são sujeitos que motivaram essa pesquisa.

Sabemos que a vida de muitos LGBTQI+s, como a minha, são atravessadas por dor, preconceito, discriminação, precariedade e violências diversas e simbólicas e que não deter o olhar para esse carrossel de dores e lutas pode invisibilizar e minimizar as relações invisíveis de poder que oprimem e exploram esses corpos, inclusive pretos/as, mesmo que estejam a todo tempo na nossa frente, no dia a dia, espaços religiosos e que passem despercebidos/as. Entretanto, trazer luz para esse olhar não é o objeto específico desta pesquisa que busca apresentar um povo preto LGBTI pentecostal, por vezes tão subalternizado e apagado, em sua máxima possível dimensão de força, resistência, luta e esperança.

E sobre o objeto tema da pesquisa, após levantamento bibliográfico, verificou-se a quase inexistência de literatura especializada que investiga a relação LGBTI+ e igrejas pentecostais inclusivas, com recorte étnico-racial, principalmente, analisando o exercício do poder nesses espaços e a intersecção entre gênero, raça/etnia e classe. Esses são eixos que se misturam e constroem vias para a perpetuação do racismo, patriarcalismo e opressão de classe, entre outros.

Diante disso, não podemos prescindir da questão racial negra. O Estado brasileiro, em 1995, reconheceu o racismo como processo social e parte fundamental das relações sociais no país que, por vezes, hierarquiza a opressão e traz privilégios aos brancos/as e héteros/as (MARQUES JR, 2016). Trata-se, portanto, do racismo como um dos fatores relacionados à construção das desigualdades sociais, que culmina numa crescente violência letal e possível genocídio da população negra nos últimos anos conforme diferentes estudos demonstram.⁴

⁴ Ipea — Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada — Atlas da violência — Rio de Janeiro – junho de 2017. De fato, ao se analisar a evolução das taxas de homicídios considerando se o indivíduo era negro ou não, entre 2005 e 2015, verificamos dois cenários completamente distintos. Enquanto, neste período, houve um crescimento de 18,2% na taxa de homicídio de negros, a mortalidade de indivíduos não negros diminuiu 12,2%. Ou seja, não apenas temos um triste legado histórico de discriminação pela cor da pele do indivíduo, mas, do ponto de vista da violência letal, temos uma ferida aberta que veio se agravando nos últimos anos.

Verifica-se, assim, que o racismo institucionalizado no Brasil é uma marca e eixo social que colabora para uma maior desigualdade social.

Tais fatores devem ser analisados pela lente interseccional, visando explicitar as agressões/opressões/dominações ou discriminações verbais e físicas sofridas por um ser humano fora do eixo heteronormativo, erigido pela cultura colonial, onde as diferenças se traduzem em desigualdades sociais, econômicas e raciais. A não compreensão da interseccionalidade leva à invisibilidade das violações dos direitos das mulheres e homens e demais pessoas oprimidas da sociedade (CRENSHAW, 2002).

Nos dizeres da pesquisadora Patrícia Hill Collins:

A interseccionalidade é uma maneira de entender e analisar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. Os eventos e condições da vida social e política e o eu raramente podem ser entendidos como moldados por um fator. Eles geralmente são moldados por muitos fatores de maneiras diversas e que se influenciam mutuamente. Quando se trata de desigualdade social, a vida das pessoas e a organização do poder em uma dada sociedade são melhor entendidas como sendo moldado não por um único eixo de divisão social, seja de raça ou gênero, ou classe, mas por muitos eixos que trabalham juntos e se influenciam. A interseccionalidade como ferramenta analítica, oferece às pessoas um melhor acesso à complexidade do mundo de si mesmos (COLLINS, 2019, p.1).

O uso dessa ferramenta analítica nos possibilita alcançar o fenômeno da participação da população negra LGBTI+ em diferentes grupos religiosos, particularmente nos pentecostaismos. Ou seja, a percepção da interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. Nisso, o desafio da pesquisa proposta é pensar essa participação tendo como foco a intersecção entre raça/etnia, gênero, sexualidade, classe e religião.

Quando pensamos em instrumento de análise, devemos lembrar que a Ciências da Religião corresponde a uma área de estudo extremamente complexa, em que se aborda o fenômeno religioso com suas várias implicações e desdobramentos, ou seja, correntes de pensamento, formas artísticas, formações institucionais e políticas, rituais, processos psíquicos e subjetivos, etc. Por isso, a religião deve ser estudada por meio de abordagens interdisciplinares, daí a necessidade de uma boa estrutura metodológica.

A metodologia desta pesquisa é bibliográfica, documental e lança mão também do método etnográfico. Foram consultadas as mídias sociais (Facebook, Instagram, twitter, site) e os documentos produzidos pela igreja Nova Esperança, em especial as suas atas. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 10 (dez) membros/as, clérigos/as, e lideranças da

Igreja Inclusiva Nova Esperança⁵, e outros que já passaram por ela. Vale ressaltar que, como pesquisador/entrevistador, uma forma de lidar com a questão de ser nativo deste meio foi diminuir minha presença nas prédicas e atividades na igreja.

As pessoas selecionadas para as entrevistas atuam ou atuaram em igrejas situadas nas cidades de São Paulo (2004) e Guarulhos⁶ (2005) e Osasco (2006).

Essas são as igrejas mais longevas. Também foram realizadas entrevistas com interlocutores/as chave de outras comunidades religiosas e que participaram da Nova Esperança no passado. Além disso, foi realizada observação dos cultos, reuniões e rituais da igreja.

Foram abordados assuntos relacionados às “vivências múltiplas” e à visão que esta igreja tem relacionadas a questões de opressões sociais, representadas por lideranças e membros, isto considerando o que Spink (2004, p.104) diz: “a entrevista possibilita [...] dar voz ao entrevistado, evitando impor as pré concepções e categorias do pesquisador, permite eliciar um rico material, especialmente quando este é referido às práticas sociais relevantes ao objeto da investigação.”

As entrevistas foram gravadas e transcritas com o consentimento dos entrevistados/as e o roteiro (anexo) utilizado foi o mesmo, havendo somente algumas alterações nos casos em que determinada pergunta não se enquadrava no contexto daquela entrevista. As falas e experiências dos colaboradores/interlocutores estão em todo o transcorrer dessa dissertação.

Dentre outras questões busca-se com os questionamentos:

1. Investigar alguns marcadores sociais (classe, raça, gênero, religião, sexualidade, geração, localidade) para além da política de silenciamento e apagamento de histórias e estórias de pessoas pretas, afinal para grande parte de nós a memória também é resistência;
2. Saber se os/as negros/as se veem representados/as nos serviços/liturgias/ministérios/departamentos/administração/ da igreja e se há alcance nas suas vivências, ou seja, uma investigação interseccional crítica e prática na união de ideias e ações fundamentais para sobrevivência das pessoas em sua vida cotidiana; e

⁵ O nome de origem desta Igreja é Comunidade Cristã Nova Esperança (CCNE). Após aproximadamente cinco anos de sua existência, por deliberação do conselho eclesiástico, foi incluída a letra “I”, para designar as igrejas/células/grupos/filiais nascidas internacionalmente (Argentina, Lisboa, Itália, Canadá). Em 2016, por nova deliberação e questões relacionadas a melhor visibilidade, decidiu-se pelo nome Igreja Nova Esperança, mesmo nome que utilizamos nessa dissertação.

⁶ Em conversa de campo com o atual Pastor desta igreja (Amândio Fernandes), fui informado que as atividades se encerraram em dezembro de 2021, tendo em vista as enormes dificuldades que a pandemia imprimiu, com a diminuição dos membros e sobre as finanças da igreja.

- 3.—Saber, também, a média e quantidade de negros/as; “aonde” eles estão alocados; o que fazem na estrutura da igreja; onde residem; qual a idade, qual o gênero e qual a escolaridade.

Não há pretensão de esgotar os temas, mas apenas de inaugurar uma frente com protagonismos de narrativas negras e investigar a importância na construção ou “desconstrução” de uma identidade de fé negra LGBTI+ pentecostal. Essa “desconstrução” é necessária, talvez, porque, geralmente, percebe-se uma construção religiosa a partir de um pentecostalismo clássico (branco, heteronormativo, misógeno, homofóbico, racista) que faz com que essas igrejas reproduzam uma lógica moral que dissemina uma preocupação exclusiva sobre aspectos religiosos, distanciados das reais vivências, principalmente, das pessoas LGBTI+ pretas.

Sobre a melhor nomenclatura para identificar as pessoas de sexualidades “dissidentes” nessa dissertação, temos a dizer que em 2008, na I Conferência Nacional GLBT, decidiu-se pelo uso da nomenclatura LGBT, para ressaltar a participação de lésbicas, gays, bissexuais e travestis. Desde 2008 a sigla LGBT é a mais utilizada nas lutas sociais pelo movimento no âmbito nacional e na academia (GOMES/ZENAIDE 2019).

Outro formato muito utilizado atualmente é LGBTQIA+. O “L” de lésbicas, o “G” de gay, o “B” de bissexual, o “T” de Transexual, o “Q” de *Queer* que abarca as orientações e identidades sem pretensão de especificidades e o “I” de Intersexo, que se refere a várias condições genéticas e/ou somáticas que não se ajusta a definições gerais do binômio feminino e masculino. “A” de pessoas que não sentem atração afetiva e/ou sexual, por outras pessoas independentemente do gênero e o “+” abriga as diversas possibilidades de orientação sexual e/ou identidades de gênero que existam. Trata-se de uma sigla política que embasa a luta por igualdade, diversidade e democracia, porém, em constante atualização e disputa teórica e historiográfica. Mais recentemente, tem-se reafirmado a sigla LGBTI+ (QUINALHA, 2022) e a utilizaremos no decorrer desta dissertação.

Outra controvérsia, e essa acompanha a trajetória das igrejas inclusivas, diz respeito a disputa da nomenclatura “inclusiva”. Enquanto umas utilizam o termo no próprio nome da igreja sem qualquer desconforto para os fiéis e líderes, outras preferem dizer que são afirmativas e ou progressistas e não utilizam o termo “inclusiva” no nome da igreja, dentre alguns motivos está não serem enxergadas apenas como igrejas gays e/ou exclusivas para o público LGBTI+ (DIAS, 2022).

Fato é que segundo Weis (2012) “Igreja Inclusiva” trata-se de um termo amplo e

complexo de interpretação, ou seja, em disputa, e em suas palavras: “Igreja inclusiva é o termo êmico, usado no campo estudado, para as Igrejas que “acolhem” pessoas LGBTI+.” (WEISS, 2012 p.68). Ao meu ver essa nomenclatura é a que mais está próxima da realidade dessas igrejas, por isso a utilizaremos nessa dissertação.

Já sobre os termo negro ou preto, utilizado para identificar a cor da pele das pessoas, também não há consenso. Existem divergências sutis que variam conforme o conteúdo, por exemplo: “câmbio negro” e “ovelha negra” (pejorativos) e “grana preta” (apreciativo).

Conforme convencionou o IBGE desde 1940, no Brasil, negro é quem assim se autodeclara e também neste termo negro está contido o preto e o pardo. Trata-se de termo em constante ressignificação seja no campo social, político ou religioso. Nisso , preferimos nessa pesquisa na maioria das vezes, utilizar o termo negro, por ser o que mais abraça a luta antirracista. Por fim, a maioria da população brasileira se declara negra, a religião mais negra é o pentecostalismo, logo, a maioria dos LGBTI+ negros são cristãos pentecostais e *ser* essa pessoa nas igrejas inclusivas em São Paulo é mais um desafio para a vulnerável população preta LGBTI+.

Assim, busca-se entender qual o lugar do LGBTI+ negro em relação à tomada de decisão e posição de poder na comunidade inclusiva. Quem são essas pessoas negras? As igrejas que dizem ser inclusivas pentecostais e que justificam sua existência nessa “radical inclusão”, são espaços excludentes quando se diz respeito aos LGBTI+ negros? E no que diz respeito à liberdade de seus corpos nos rituais? Há liberdade? Esses negros/as são invisibilizados ou não, excluídos ou não nos processos de tomadas de decisão, posições de lideranças e de exercer seu a(fé)to e sacerdócio livremente. Para responder as perguntas propostas, a nossa pesquisa foi organizada em três capítulos.

No primeiro capítulo são apresentadas as contribuições e participações dos negros/as nas origens do pentecostalismo, sem prescindir das marcas de racismo, misoginia e homofobia no percurso, que atravessa as instituições “tradicionais” e desemboca no surgimento de igrejas pentecostais alternativas, dentre essas as “inclusivas”.

No segundo capítulo, serão vistos surgimento, trajetória e maiores características daquela que em São Paulo parece ser a mais “preta” das igrejas inclusivas, considerando sua institucionalização e longevidade, a Igreja Nova Esperança.

No terceiro capítulo, busca-se respostas nas experiências e cotidianos das pessoas negras frequentadoras da Igreja Nova Esperança Central, Guarulhos e Osasco, algumas destas pessoas são frequentadoras desde 2004 , outras por um período de 5, 6, 8, 10, 15 anos , isto numa perspectiva interceccional, dando protagonismo às narrativas, aos corpos e vivências de

peças LGBTI+ pretas de fé judaica/cristã em aproximadamente 30 anos do início do movimento religioso inclusivo no Brasil ainda na década 90 com os Reverendos Nehemias Marien e Domício Pereira de Mattos .

CAPÍTULO I

A IGREJA INCLUSIVA PENTECOSTAL

“O pessoal da orientação sexual não vai retroceder em suas lutas, as mulheres não vão recuar mais suas agendas; nós não vamos voltar mais para a senzala, e isso está colocado.

Vai ter luta!”

Sueli Carneiro

1.1 As origens negras do pentecostalismo

A história do pentecostalismo tem em seu surgimento nos Estados Unidos, uma grande participação de pessoas negras. O movimento é fruto dos avivamentos ocorridos dentro de “igrejas/denominações protestantes tradicionais” do século XVII e XVIII na Europa. Ele rejeita parte da teologia clássica e o formalismo de grupos como os quackers, os pietistas, os metodistas, porém, é importante lembrar que algumas dessas denominações abarcam influências das religiosidades negras diaspóricas como, por exemplo, o metodismo:

O metodismo tornou-se um fenômeno africano pela maneira como foi vivido nas igrejas negras antes e depois da abolição da escravidão. Ele mostra como o “movimento de santificação” nos Estados Unidos, que pode ser visto como uma espécie de nova vaga metodista, conheceu um vivo impulso nas igrejas negras, como estes movimentos eram vividos enquanto experiência religiosa através do prisma das religiões africanas, como, depois da abolição da escravatura, igrejas negras haviam se multiplicado, como se havia assistido no final do século XX ao “aburguesamento” destas igrejas, como a integração de certas camadas de negros nos setores da classe média, e como isto havia contribuído para o surgimento de um novo despertar, que se manifesta então no pentecostalismo (CORTEN, 1996, p. 49–50).

A própria integração destas camadas de negros/as trazia marcas próprias e expressava, dentro do pentecostalismo, uma corporeidade única deles, a corporeidade negra. Nas palavras do autor:

[...]segundo MacRobert, nos “clamores, respostas na forma antífonas, cantos repetitivos, glossolalia, aplausos, batidas de pés, tripúdios, saltinhos, balanço do corpo, fazendo cair alternadamente o peso do corpo sobre um pé e sobre o outro, dança outros gestos (que) são todos praticados nas regiões da África ocidental e da cristandade escrava e continuam a ser corrente entre os pentecostais negros dos Estados Unidos, Jamaica e Grã-Bretanha”. É claro, acrescenta Iain MacRobert “que se pode argumentar que os revivais e os pentecostais brancos tem o mesmo

comportamento religioso, embora geralmente numa forma alterada; isto contraria o ponto de vista segundo o qual estas práticas seriam de origem africana. Mas, há fatos que mostram que os modelos negros de comportamento religioso influenciaram os brancos que assistiam aos mesmos retiros espirituais (ou camps meetings) durante os séculos XVIII e XIX, e que estes retiros foram incorporados ao nascimento e no desenvolvimento do movimento pentecostal no início do século XX” (CORTEN, 1996, p. 50).

Esses grupos surgem na Europa e migram para os EUA, com um movimento de “santidade”, originariamente de nome *Holiness* com crenças como: o poder do espírito santo para falar em línguas (glossolalia), a crença do eminente fim do mundo, o inimigo (diabo) no mundo a ser combatido, a música como arma de guerra espiritual, a bíblia como base das suas interpretações religiosas, a crença em dons espirituais, salvação, cura e outros aspectos religiosos. Observa-se a transnacionalidade do movimento que se entrelaça, em formato de “rede”, em vários contextos nacionais tendo em vista o nada ortodoxo campo pentecostal brasileiro:

À conquista do mundo seja uma característica do campo evangélico, sobretudo, pentecostal, a situação mundial atual caracterizada pela abertura ao transacional e ao global abriu um novo espaço de disputa simbólica entre os pastores, entre as redes religiosas e entre estas e as igrejas (ORO, 2012, p. 113).

Também, David Martin (1978), para ilustrar a história do surgimento do protestantismo mundial, apresenta-nos três “ondas marítimas”, a primeira o puritanismo, a segunda o metodismo e a terceira o pentecostalismo. Para o autor, o pentecostalismo alcança novos lugares para além do metodismo e do calvinismo, conquistando espaços antes exclusivos aos católicos e luteranos (MARTIN, 1978).

Esses movimentos se espalharam pelos Estados Unidos, fazendo surgir doutrinadores em busca de sedimentar, esquematizar e popularizar essa “nova crença”. Assim, de início, o pentecostalismo surge heterogêneo teologicamente e socialmente na luta em favor dos oprimidos com participação de negros/as, imigrantes, latinos, pobres e mulheres, porém, é algo que foi se perdendo com o tempo, pois as igrejas acabam por adotar e reproduzir os mesmos mecanismos de subalternização desses grupos “minoritários” (ALENCAR; FAJARDO, 2016) perpetuando opressão e discriminação no cristianismo.

Para tratar do pentecostalismo no Brasil, Paul Freston (1993) usa a mesma metáfora das ondas proposta por Martin (1978): primeira onda (1910/1911), com a chegada da Igreja Congregação Cristã do Brasil e Assembléia de Deus, fixadas nacionalmente e em pontos migratórios; segunda onda (1950/1960), com a Igreja Quadrangular e a Igreja O Brasil para Cristo, ambas nascidas na cidade de São Paulo e terceira onda (1970/1980), com o surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus e da Igreja Internacional da Graça de Deus. Cada igreja em sua respectiva “onda” expressa

características e marcas de sua época (FREESTON, 1993).

Morgane Laure Reina (2017), diz que independente da “onda” (mundial ou brasileira) o “preconceito”, a “discriminação” e o “racismo” com os negros/as nestas igrejas são marcas visíveis há muito tempo, inclusive no pentecostalismo, situações que vão desde a separação no espaço físico religioso dos/as negros/as e brancos/as, nos Estados Unidos, até as liturgias totalitárias eurocêntricas (REINA, 2017). Roger Bastide (1960) percebeu um movimento de resistência na busca por acesso e igualdade dos/as religiosos/as negros/as, pois já dizia que os pretos não estavam mais entrando na igreja pela porta lateral (BASTIDE 1960 *apud* REINA, 2017). Se “profeta” ou não, fato é que Bastide (1960) foi assertivo, pois atualmente “os números mostram que há mais evangélicos negros do que praticantes das religiões afro-brasileiras e as religiões evangélicas são as que mais crescem no Brasil das últimas décadas” (SILVA, 2011, p. 298).

Tal crescimento de evangélicos/as negros/as merece atenção porque o protestantismo histórico tem seu surgimento no Brasil como uma religião branca, trazida pelos europeus. Os/as negros/as escravizados/as acabaram por “aderir” a este movimento e a se “converter” por dois motivos: histórico, tendo em vista a incorporação do escravo à vida da família escravocrata protestante, angariando e “ganhando” fiéis para a recente religião oriunda da reforma, sendo uma das formas que “levava” os escravos negros à “conversão”; e a rejeição sofrida nas igrejas e escolas católicas. Bastide entendeu que, mesmo que com algum preconceito e discriminação, as pessoas negras recebiam algum “acolhimento” nas instituições protestantes que independiam da cor da pele (BASTIDE 1960, p. 494-495 *apud* REINA, 2017 p.257). Invariavelmente, percebe-se que o pentecostalismo que chegou ao Brasil acaba por manter a forma/maneira/*modus operandi* da espiritualidade branca europeia e estadunidense. Em outras palavras:

O movimento pentecostal no Brasil iniciado em 1910 com a Congregação Cristã e com a Assembléia de Deus em 1911, herda já nos seus primórdios a forma de espiritualidade dos pentecostais brancos. Até porque seus fundadores eram migrantes europeus que trabalhavam nos EUA e tiveram contato com o avivamento iniciado em Los Angeles [...] em suma, somente resgatou para si aspectos litúrgicos do pentecostalismo negro dos EUA, mas não as suas lutas políticas [...] o movimento pentecostal ao ser transplantado da América do Norte para o Brasil por missionários brancos perdeu suas características de inclusão racial e política praticada em suas origens (GELEDES, ANO, s/p).

Falar de espiritualidade pentecostal branca nos remete ao dispositivo da colonialidade

(QUIJANO, 2005⁷; LUGONES, 2014) como forma de controle e subalternização, como ocorreu com o catolicismo utilizado para tentar justificar a escravidão dos negros/as e “demonizar” sua cultura. Fizeram isso diluindo no campo discursivo a colonialidade da religiosidade cristã. (ROCHA, 2021)

O pentecostalismo eclodiu no campo religioso brasileiro no início do século XX. Foi a espiritualidade que mais acolheu a população negra e por essa negritude foi influenciada e ressignificada simbolicamente na busca por mais dignidade da pessoa preta, evangélica e pentecostal (ROCHA, 2021).

De qualquer forma, o que pouco se observa é a participação e/ou contribuição dos/as negros/as desde o início do pentecostalismo, tanto nos EUA, como no Brasil onde se propagou com imensa rapidez e em pouco tempo já havia arrebanhado milhões de fiéis em todo território nacional.

O que também pouco se pergunta é: Por que o pentecostalismo inaugurado no Brasil tem forte influência branca e não negra? E se tem, por que pouco ou quase nada se fala sobre isso? Corten (1996) nos aponta uma possibilidade: Se o modelo de pentecostalismo que chegou no Brasil fosse “um pentecostalismo negro” teria sido duplamente subversivo, ou seja, o racismo o teria tornado muito difícil” (CORTEN, 1996, p. 53).

No mesmo sentido Rocha (2021) nos remete a pensar o por quê desse recorte racial não ter muita atenção de pesquisadores e pesquisadoras. Seria a centralização epistemológica que retira a importância do fator racial tão estruturante na sociedade brasileira, onde a racialidade é estrutural e determinante das relações sociais no Brasil (QUIJANO, 2005; LUGONES, 2014) além de sedimentar desigualdades? A tentativa de resposta está no fato de que racializar o pentecostalismo traz luz ao entendimento desta religiosidade além de ajudar a compreender as relações étnico-raciais no Brasil. Afinal, o pentecostalismo pode ser pensado como uma grande rede de ajuda, mas atravessada por relações de poder.

Tentando melhor entender as questões étnico-raciais no campo do pentecostalismo, vemos que, segundo o Novo Mapa das Religiões (2011), a religião mais negra é a pentecostal. Em um viés quantitativo, “há mais evangélicos negros do que praticantes das religiões afro-brasileiras e as religiões evangélicas são as que mais crescem no Brasil nas últimas décadas” (SILVA, 2011, p. 298).

Segundo dados do IBGE (2019), a participação negra em termos numéricos na maioria das grandes igrejas pentecostais do Brasil é superior à participação branca, com exceção da

⁷ Quijano, ao pensar os corpos, situa esse corpo dentro da colonialidade e tem a raça como essa matriz de relações de poder, ou seja, uma hierarquização racial dentro da colonialidade.

Congregação Cristã no Brasil, a mais antiga igreja pentecostal do país (1910), em que 44% da membresia se declara negra. A Assembléia de Deus, que possui o maior contingente de fiéis entre todas as denominações evangélicas do Brasil, tem 61% de sua membresia composta por pessoas negras. Na Igreja do Evangelho Quadrangular as pessoas negras são aproximadamente 50% da sua denominação. A Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo, que se originou de experiências de evangélicos nativos, possui grande número de pastores negros e 51% de sua membresia se declara negra. A Igreja Pentecostal Deus É Amor, tem cerca de 63% de pessoas que se declaram negras.

Apesar dessa importante presença negra nos pentecostalismos, Oliveira (2015) afirma que, de maneira geral, a representatividade negra em lugares de tomada de decisão nessas igrejas ainda é muito tímida, externando as desigualdades, o preconceito e o racismo tão bem assimilado pela sociedade brasileira. Em outras palavras, se é verdade que no pentecostalismo no Brasil a população negra encontra um espaço de pertencimento, essa pertença se reduz, muitas vezes a uma participação na base da hierarquia religiosa.

Não nos deteremos aqui de tratar de cada uma dessas igrejas, mas destacaremos a Assembléia de Deus, não apenas por ser a maior denominação evangélica do país (IBGE, 2010)⁸, mas também porque, como veremos mais adiante, dela advém parte importante da liderança religiosa das Igrejas Inclusivas Pentecostais, tais como Victor Ricardo Soto Orellana⁹, Lanna Holder e Rosania Rocha¹⁰, Amom Rodolfo dos Reis¹¹, Wladimir Freire¹², Esdras Xavier¹³, Chlisman Toniazzo¹⁴, Alan Luz¹⁵

As lideranças que não vieram diretamente, tiveram passagem na Assembléia de Deus. É o caso do Pastor Justino, que frequentou a Assembléia de Deus do Bom Retiro. Vale ressaltar também que 70% dos pastores/as ordenados na Nova Esperança, pelo Pastor Justino advém da Assembléia de Deus, ou seja, a Assembléia de Deus parece ser o berço do pentecostalismo

⁸ Mais de doze milhões de pessoas se declaram assembléianas no Brasil, ou seja, é o maior movimento religioso brasileiro depois da Igreja Católica e pensa-se ser o maior movimento pentecostal do mundo.

⁹ Pastor da primeira Igreja Inclusiva Pentecostal com registro em cartório do Brasil, Formado em teologia no Instituto Betel, com pós-graduação em ciência e religião. Ordenado na Assembléia de Deus de onde saiu para fundar a própria igreja, a Acalanto. (REVISTA ÉPOCA, 2003).

¹⁰ Deixaram seus “ministérios” de sucesso (pregadora e cantora) na Assembléia de Deus para fundar a Comunidade Cidade de Refúgio.

¹¹ Ex-assembléiano e fundador da ADIN – Assembléia de Deus Inclusiva em Guarulhos

¹² Co-fundador da Igreja Nova Esperança e Pastor da Nova Esperança Guarulhos por vários anos. Ele foi membro desde criança da Assembléia de Deus do Bairro da Casa Verde. O único nesse rol que se autodenomina não-branco.

¹³ Esdras Xavier é o atual Pastor da Nova Esperança Central.

¹⁴ Chlisman Toniazzo é o atual Pastor da Igreja Arena Church em Brasília-DF, foi da Assembléia de Deus de Chapecó/SC

¹⁵ Alan Luz é pastor da Igreja Apostólica Filhos da Luz em Fortaleza/CE e veio de tradição Assembléiana.

brasileiro e também de lideranças evangélicas LGBTI+.

1.1.1 A influência norte-americana no pentecostalismo e William J. Seymour

O pentecostalismo teve em William J. Seymour (1870-1992), negro, norte-americano, uma grande representatividade. Seymour, foi aluno de Charles Fox Parham (1873-1929), tido por historiadores como pai do pentecostalismo. Ele era diretor e professor no Instituto Bethel Bible College na Cidade de Topeka. À seguir, Figura 1 desta mola propulsora do pentecostalismo:

Figura 1 – William J. Seymour



Fonte: Memórias da Assembléia de Deus.

O pastor Parham, estudante de medicina, é um importante personagem que a historiografia pentecostal tende a ocultar, pois há suspeita de ter sido homossexual, com inclinações racistas, não admitindo alunos negros dentro da sala de aula, sendo estes obrigados a assistirem suas aulas, do lado de fora da sala. Parham era simpatizante da Ku Klux Klan e adepto da doutrina que ensinava que os anglo-saxões eram descendentes das doze tribos de Israel em diáspora após o exílio da Assíria (CAMPOS, 2005 p. 104). Remonta a história que, no culto de “passagem de ano” de 1900 para 1901, na escola de Parham, uma mulher por nome de Agnes Osman durante uma oração com seus colegas, teria falado em “línguas estranhas”, o que, posteriormente, aconteceria com outros estudantes (ROLIM, 1985; FRESTON, 1994; OLIVEIRA, 2004; ALENCAR, 2007).

O contexto geopolítico nesta época, ao final do século XIX, era complexo e desalinhado, com muitas tensões raciais pela libertação dos escravizados. O capitalismo crescente com a industrialização e a migração rural para os grandes centros trazia pessoas com esperanças e

sonhos de uma vida melhor, o que, segundo alguns historiadores, favoreceu a atração pelo pentecostalismo que pregava uma facilitação para a vivência naquele contexto (CAMPOS, 2005), principalmente para as pessoas negras, sem identidade, respeito e alma.

O Pastor Seymour, filho de escravizados, mesmo desprezado por Parham, era persistente, inteligente e aprendeu a doutrina da descida do Espírito Santo e a evidência de falar em línguas (glossolalia) ensinando-a na rua Azuza¹⁶, 312 na cidade de Los Angeles. Segundo Florêncio Galindo (1995):

[...] a novidade dessa doutrina era que a santidade não consistia na prática da caridade cristã, como na espiritualidade de Wesley, mas na presença do Espírito Santo. Era uma doutrina altamente atraente para aquela gente pobre e “ignorante”, porque se pregava a possibilidade de um poder esmagador e instantâneo, mediante uma série de experiências religiosas que iam além da experiência dos renascidos (GALINDO, 1995, p.194).

Nas palavras de Freston (1994), percebemos a diversidade e as consequências do fenômeno pentecostal liderado por Seymour no início do século XX em Los Angeles:

Da liderança multirracial da Rua Azuza, de 12 “anciãos”, pelo menos seis eram mulheres. A liderança de negros e de mulheres é marcante nos primórdios do pentecostalismo. Pastores brancos do Sul iam a Los Angeles para receber as ministrações dos líderes negros. Mas essa convivência, tão inusitada na época, não durou muito. O movimento pentecostal, originadamente concebido como uma renovação das igrejas independentes começou a solidificar-se em grupos independentes, separados por querelas doutrinárias. Dentro de cada segmento a separação racial se deu dentro de uma década. Os brancos que haviam recebido a ordenação na Igreja de Deus em Cristo (predominantemente negra) saíram para fundar a Assembléia de Deus (quase exclusivamente branca) em 1914 (FRESTON, 1994, p. 74-75).

O pentecostalismo inaugurado por Seymour na Rua Azuza¹⁷, em momento de grande segregação racial, divide-se em dois, o negro e o branco. Foi exatamente o pentecostalismo branco que chegou ao Brasil na pessoa de imigrantes brancos, também marcados por discriminações, mas não tanto quanto os negros, que no Brasil viviam na extrema pobreza. Isso

¹⁶ O movimento da Rua Azuza é popularmente conhecido como marco do início do pentecostalismo moderno, mas nesta época já havia simultaneamente narrativas do mesmo fenômeno acontecendo em outras partes e continentes, sem nenhuma conexão uns com os outros. O grande diferencial da Rua Azuza é o “empoderamento” pela glossolalia que motivou os fiéis a se espalharem pelo mundo e a diversidade de classe, gênero e raça (mulheres, negros/as, pobres, migrantes). W.G. Hoover, o missionário metodista fundador do movimento no Chile, contemporâneo de suecos e italianos que vieram para o Brasil, e diversos outros movimentos pentecostais no mundo (ALENCAR, 2000).

¹⁷ A igreja fundada por Seymour na Azuza Street, agregou a população negra que vivia em sistema “apartheid” racial norte americano” e a população subalternizada de imigrantes europeus pobres e migrantes do campo, a mística da cura divina, associado ao trabalho social para os fiéis negros e pobres da periferia de Los Angeles e manifestações do espírito santo que externavam a situação e tensão de penúria que vivia a maioria daquelas pessoas [...] Assim essa se torna a base do pentecostalismo que atinge todo o mundo, principalmente em países “subalternizados” com o capitalismo predominando sobre a classe mais pobre (ARENANI; TORRES, 2006; CAMPOS, 2005 *apud* PINTO, 2012, p.95).

não foi devidamente contemplado pelo pentecostalismo branco, que se empenhou em um aspecto mais espiritualista e emotivo (ALMEIDA, 1996).

Essas pessoas brancas que trazem o pentecostalismo ao Brasil, em 1911, eram os “missionários” suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, que viviam nos Estados Unidos. Em Belém do Pará, eles fundam a Igreja Assembléia de Deus, a segunda igreja pentecostal mais antiga do Brasil, com forte adesão dos socialmente marginalizados, incluindo principalmente os negros/as (REINA, 2017), e se tornando uma grande força popular, bem diversa e muito ativa politicamente na sociedade brasileira.

Dentre alguns fatores que fizeram as pessoas negras optarem pelo pentecostalismo e não pelas “igrejas históricas” de migração como por exemplo a Igreja Luterana, está na mensagem. Enquanto estas pregavam visando aqueles que eram seus, no que diz respeito a origem, cultura e etnia, as igrejas pentecostais se propunham anunciar a mensagem a todos, sem distinção de raça, cor ou credo. Atrelado a isso houve grande êxodo rural, com aumento da população pobre nas cidades brasileiras, expandindo a pobreza e miséria, empurrando a população urbana para as favelas, refúgio dos negros desde a saída das senzalas. Além disso, o incentivo à utilização dos dons espirituais de alguma maneira devolvia aos pobres um sentimento de posse, pois bastava algum esforço cultural e social para ser cheio de poder. (OLIVEIRA, 2015, p. 41-49). Em síntese, a espiritualidade negra é contemplada na pentecostalidade por meio da simplicidade, naturalidade, dedicação e altruísmo e tem alcançado cada vez mais espaços, como fruto da resistência negra.

Podemos, inclusive, dizer que a igreja evangélica pentecostal brasileira tem crescido muito e tem chamado a atenção de pesquisadores de diversas áreas acadêmicas. Assim, percebe-se o quanto pode contribuir para o Brasil e para os negros brasileiros pensar a religião pentecostal com a participação dos/as negros/as, não somente na dimensão espiritual, mas também em todas as áreas que afetam a vida da população negra, como questões de classe, raça e gênero, investindo em conscientização e educação religiosa desprovida de preconceito e racismo, sem vitimização do negro. É ainda um desafio para os pentecostalismos assumir pautas voltadas para o enfrentamento da desigualdade racial, uma injustiça que fere toda a humanidade (OLIVEIRA, 2015, p. 106-108).

Nesta vertente, vamos evoluir para pensar a contribuição dos/as negros/as, na origem do pentecostalismo inclusivo (NATIVIDADE, 2008), que surgiu possivelmente com base na insatisfação com o racismo, homofobia e misoginia enraizados nos movimentos pentecostais “tradicionais”, como veremos a seguir.

1.2 Outras participações e contribuições: raça e gênero na Assembléia de Deus

A nossa pretensão é registrar algumas digressões sobre assuntos que são caros aos estudos das religiões com recorte de raça, classe e gênero, por vezes mantidos à margem do debate acadêmico, que é fruto de estruturas de pensamentos colonizadores, patriarcais e eurocentrados que eternizam opressões e desigualdades.

Ao pensar a participação e/ou colaboração dos/as negros/as e mulheres no início do pentecostalismo no Brasil, e considerando a relevância das Assembléias de Deus no país e na história das origens das igrejas inclusivas no Brasil, optamos por elegê-la como “modelo de pentecostalismo” para discutirmos os temas do racismo, da homofobia e da misoginia nesse campo religioso. Segundo Alencar e Fajardo (2016), a participação de negros e mulheres nos inícios do pentecostalismo sugere certa “inclusão” do movimento que, conforme foi se estruturando, foi também se distanciando dessa característica.

A Figura 2, abaixo, é da Primeira Convenção das Assembléias de Deus, em 1930. O grupo fotografado é de 35 pessoas, sendo 33 homens e duas mulheres estrangeiras, Frida Virgen e Beda Palm (ALENCAR, 2012). As pessoas são predominantemente brancas, havendo alguns negros.

Figura 2 - Primeira Convenção das Assembléias de Deus de 1930



Fonte: Acervo do autor.

Essas pessoas haviam participado de um momento importantíssimo que ditaria o futuro de uma “nação pentecostal”. Nesse evento, ficou determinada a proibição do exercício ministerial das mulheres que, em certa medida, perdura até os dias atuais e que a administração ficaria 100% com os brasileiros¹⁸.

O pedido para incluir o debate sobre ordenação feminina foi de Frida, que não pode participar e o resultado não foi favorável. Todavia, agora no ano de 2017, houve a cisão do “campo” norte saindo da CGADB, formando uma nova convenção das Assembléias de Deus a Convenção da Assembléia de Deus no Brasil (CADB). Sobre ela, Marina dos Santos (2021) esclarece que foi colocado em pauta o pedido do setor feminino e teve resultado positivo para ordenação de mulheres ao ministério pastoral. Porém, no Estatuto oficial da CADB da região norte, não consta ainda o aceite a ordenação igualitária das mulheres nos diferentes ministérios da Igreja. Nisso, vemos também que o “progresso” nas pautas de gênero nas Assembléias de Deus até ocorrem, mas de forma lenta como em um processo.

Em 1930, quando da realização dessa primeira convenção, havia apenas 43 anos da “extinção” do comércio escravagista no Brasil (Lei Áurea - 1888), assim é de se supor que as pessoas negras participantes da convenção tiveram alguma experiência com a escravidão (ALENCAR, 2000), ou seja, algumas dessas pessoas eram filhas de escravizados/as/es ou haviam sido escravizadas. E mesmo que no registro histórico (foto) haja poucas pessoas negras e mulheres, esse pequeno começo não deve ser desprezado, tendo em vista a tamanha “nação” pentecostal negra e feminina atual¹⁹.

Isso interessa a nossa pesquisa, pois aponta a possível contribuição cultural africana²⁰ e

¹⁸ Nesta convenção ficou determinado que a liderança da igreja ficaria (100%) com os brasileiros, deixando de ser liderada por suecos e o grande destaque desse evento foi a presença da missionária Frida Vingren e os debates sobre o ministério feminino na Assembléia de Deus. (ALENCAR, 2000) Após os debates em torno do assunto, ficou a seguinte resolução: as irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e da sua salvação, e apresentando instrução se assim for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma Igreja ou de ensinadora da mesma, salvo em casos de exceção mencionados em Mt 12.3-8. Assim deve ser, especialmente quando não existem na Igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar (VINGREN, 1982, p. 168).

¹⁹ Tal situação nos remete ao texto bíblico do profeta Zacarias 4:10 a “Não desprezem os pequenos começos...”. Isto, pensado por mim através de uma hermenêutica pentecostal e de teologia negra que encontra uma base na Bíblia para o sentido político da libertação dos escravos hebreus do Egito (êxodo), ou seja, que deveria ser utilizada para libertação da população negra e como ferramenta epistêmica para resistência, sobrevivência e libertação dos oprimidos (negros/as, indígenas e demais grupos racializados no contexto ocidental) da segregação e desigualdades sociais, ou seja, instrumento de luta anti-racista (CONE, 1985; 2010).

²⁰ Afinal é enorme a quantidade de variantes culturais que chegaram no Brasil com a diáspora do povo africano iorubás/nagôs, daomeanos, malês/mulçumanos, angolanos, congoleses, gêneses, moçambicanos e outros, que trouxeram suas manifestações religiosas como a santería cubana, o vodú do Haiti e o candomblé que aqui evoca deuses milenares originários da tradição dos iorubás, vindos do oeste africano. Vale dizer que cerca de 500 anos antes de Cristo, a África já tinha impérios, grandes cidades e uma arte sofisticada, especialmente a feita com metais,

não somente europeia e americana no início do pentecostalismo no Brasil. Contribuições e marcas africanas presentes até agora nas liturgias e cultos pentecostais, como a liberdade dos corpos com dança, palmas, “transe”, centralidade na escuta dos mais velhos e mulheres, fato é a identificação de grande parte dos negros/as, atualmente, com esse “mover pentecostal”.

Isto nos remete aos pensamentos de Lélia GONZALEZ (1988) e o conceito de “amefricanidade” que ajuda na análise diferenciada da realidade brasileira e latino-americana, ou seja, há uma necessidade de um novo olhar para a formação socio política brasileira considerando as influências do continente africano para além do país. Segundo ela, essa categoria tem um caráter geográfico, histórico, cultural (religioso) e identitário para pensar as Américas a partir das suas próprias vivências, lutas sociais, história e cultura considerando as diversas experiências dos povos africanos no Brasil que difere das experiências europeia e estadunidense. De certo esse pensamento de GONZALEZ (1988), traz a quebra de uma certa simbiose colonialista que estabelece a Europa e os Estados Unidos como potencial hegemônico, uma determinada ideologia cujo discurso serve unicamente a quem o produziu.

Mesmo considerando as experiências dos povos africanos no Brasil que difere da estadunidense, percebe-se que tanto nos EUA, como no Brasil, o pentecostalismo abraçou o povo mais carente e como consequência natural, o povo negro.

Vale aqui ressaltar como surgiram parte das periferias/favelas/comunidades que será o local potente de desenvolvimento do pentecostalismo. Grande parte dos descendentes de escravos migram das lavouras de café para os grandes centros urbanos em busca de ocupação laboral e melhores condições de vida, e se juntam aos negros/as “livres” sem trabalho que perambulam pela cidade em busca de sobrevivência, morando em cortiços e casarões abandonados. Com a reforma nos centros urbanos, (obras de remodelamento e embelezamento) esses negros/as, mulatos e mestiços de origem urbana e rural são compulsoriamente forçados a irem para os morros e periferias (MORAIS, 1994).

É nessa periferia/subúrbio que os “pastores/as e obreiros/as” pentecostais engrossam seus rebanhos de fiéis, e esse acolhimento da mensagem pentecostal entre a população negra é percebido até os dias atuais. Pesquisas revelam que, por exemplo, no Rio de Janeiro grande parte das igrejas pentecostais é constituída por mais da metade de negros/as. (FERNANDES, 1998), diferente do quórum da primeira convenção.

como bronze e ouro. Por não dominarem a escrita, seus mitos/deuses/deusas eram transmitidos as outras gerações pela tradição oral, que junto com a arte que representava os deuses e heróis africanos acabou por ser a ferramenta usada para o mundo ocidental entender a riqueza cultural dos primeiros homosapiens. (GONZALEZ, 1982).

1.3 Igrejas inclusivas como espaços religiosos de refúgio e proteção

Para suplantar a homofobia e misoginia, grupos e/ou coletivos de religiosos/as, por vezes, se unem para exercer sua fé livremente, ou seja, pessoas que, devido a perseguições e insatisfações, insurgem-se contra um padrão religioso colonial que rejeita pessoas com habilidades de liderança, dons e poderes espirituais que estão fora dos padrões patriarcais e hegemônicos.

Isto nos remete ao movimento das igrejas inclusivas pentecostais que, em sua maioria, tem como líderes pastores e pastoras LGBTI+ negros/as que se lançaram a criar grupos/coletivos/igrejas como lugar de refúgio e proteção. As experiências de pessoas religiosas frequentadoras dessas igrejas, que experimentam a homofobia e o racismo em seu cotidiano, apontam a importância do sistema religioso como sistema de proteção e cuidado de pessoas LGBTI+ negras. Há quase 30 anos, as igrejas inclusivas pentecostais arrebanham milhares de pessoas que vivem à margem, sejam mulheres gays, negros/as gays, idosos/as gays, LGBTI+ e simpatizantes, e estão na disputa pela afirmação da legitimidade de identidades evangélicas gays.

As igrejas inclusivas, que surgem no Brasil como inovação da esfera religiosa entre os anos 1990 e 2000, são caracterizadas por compatibilizar a religiosidade cristã e a vivência LGBTI+, como num campo de batalha, com a possibilidade do exercício livre da fé cristã, independente da orientação e/ou identidade sexual (NATIVIDADE, 2013). Nestes espaços, a pessoa não-heterossexual pode inclusive exercer ofício sacerdotal como pastores/as, presbíteros/as, diáconos/as, obreiros/as, missionários/as, bispos/as, evangelistas, apóstolos/as e outros/as.

Isto não minimiza as estratégias de regulação dos corpos e da sexualidade produzidas por discursos homofóbicos, transfóbicos e racistas inclusive nessas igrejas, como fruto de um eixo duro colonialista judaico-cristão enraizado nas narrativas de algumas lideranças e fiéis. Notoriamente, apontam um avanço nas conquistas e lutas de parte das pessoas LGBTI+ cristãs que almejavam e ainda almejam exercer uma plena cidadania.

Reforçamos que as igrejas inclusivas pentecostais nascem de processos e tensões sociais de parte da comunidade LGBTI+ na busca por cidadania e direitos que desembocam na vivência religiosa cristã. Elas surgem da própria contradição do pentecostalismo, pois, enquanto acolhe, em simultâneo, expelle pessoas que estão fora dos padrões eurocentrados e precisam ser “salvas” (ROESE, 2018), principalmente, pessoas pobres, pretas e no caso desta pesquisa, pretas LGBTI+. Ocorre que, essas pessoas se alçam desobedecendo à ordem hegemônica patriarcal e

opressora para a viver uma espiritualidade fora dos eixos pré-estabelecidos.

Quando olhamos para esse cenário de igrejas inclusivas pentecostais majoritariamente negras, percebemos que membresia, líderes e pastores/as LGBTI+ negros/as criaram uma ruptura e fuga de um sistema religioso opressivo, dominador e colonialista e se lançaram a criar espaços de convivência e de fé. Lugares desinstitucionalizados como a própria casa, *cyber* cafés, restaurantes, salas de hotel, pequenos grupos/coletivos/igrejas como um lugar de apoio e proteção, ou seja, uma religião com fulcro no afeto, na proximidade e com gerenciamento domesticado.

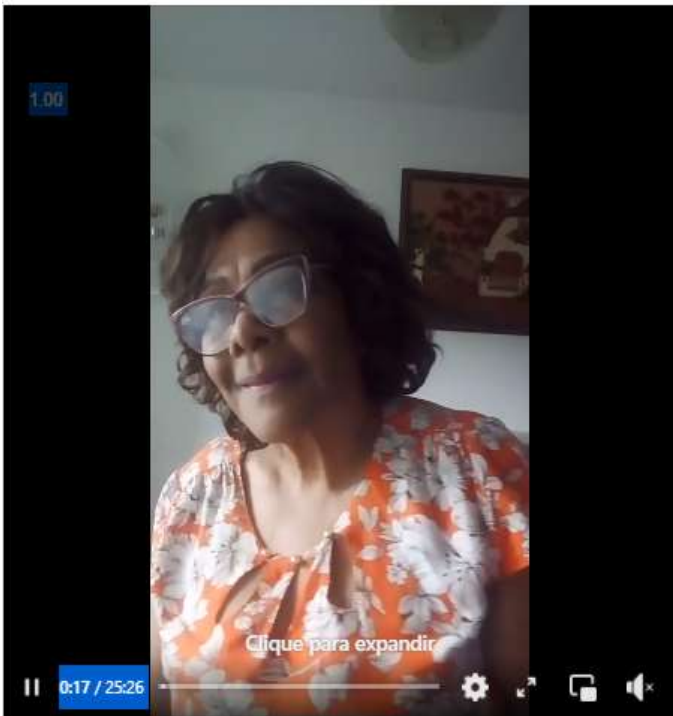
Esse sistema em rede de pessoas pentecostais LGBTI+ negros/as e não brancos/as, nos faz pensar a homofobia, misoginia e racismo sofridos no sistema pentecostal “tradicional” hegemônico que rejeita pessoas com aptidões de liderança, dons e poderes espirituais por motivos de gênero e étnico-raciais e os fazem criar espaços de refúgio e proteção para ser quem são e exercer a fé cristã.

Como forma de exemplificar a maneira que parte dos negros/as rejeitado/as pelo sistema tradicional pentecostal tem criado suas igrejas/grupos/coletivos, à seguir, traremos uma experiência de campo com três mulheres da “A igreja da Vila”²¹, que é uma igreja inclusiva com muitos fiéis negros/as e, também, uma das dissidentes da Igreja Nova Esperança.

1.3.1 O modo peculiar das mulheres construírem e viverem sua fé pentecostal

A experiência dessas três mulheres, por mim nominadas de Margarida, Hortência e Jasmin, são emblemáticas. Elas fazem orações em *lives* através da plataforma da igreja inclusiva pentecostal. Optamos por escolher nomes de flor para estas mulheres, apesar de revelarmos suas identidades por meio de fotos, pois acreditamos que, historicamente, a atuação de mulheres na igreja foi invisibilizada por homens, mesmo tendo trabalhado assiduamente em seus respectivos ministérios. Assim, gostaríamos de destacar o florescer de lideranças femininas negras atuantes em comunidades inclusivas.

²¹ A igreja da Vila é uma igreja inclusiva, progressista e afirmativa e nasceu como célula Nova Esperança da Vila Mariana, na gestão do então Presidente pastor Justino Luiz, no ano de 2016. Teve início com 11 pessoas (8 homens, 4 negros e 4 brancos e 3 Mulheres, 1 negra e 2 brancas, sendo uma mulher trans. Homens: Rodrigo, Atila, Robson, Geraldo, Andre, Willian, Saulo e Jeferson – Mulheres: Gabrielly, Camila e Janaína). Ocorre que o Pastor Justino na gestão 2019/2020, desligou-se da Igreja Nova Esperança deixando a presidência, para fundar uma nova igreja inclusiva. Com esse rompimento, a Nova Esperança da Vila entendeu por bem também se desligar e assumir o nome de “A Igreja da Vila”. Ainda existe um vínculo moral com as demais igrejas Nova Esperança, porém como fraternidade/irmandade que será melhor tratada no segundo capítulo.



MARGARIDA é mulher, bisneta de escravizados, evangélica pentecostal, heterossexual, com 69 anos. Como membra e pastora da igreja ela faz suas orações na plataforma digital da Igreja diariamente ao meio-dia, isto desde quando começou a pandemia COVID 19 em meados de fevereiro de 2020, portanto, há mais de 2 anos.

As transmissões de suas preces/orações fervorosas, envoltas em glossolalia, ocorrem através de dois celulares, um pela plataforma Facebook da Igreja e o outro na plataforma

Facebook pessoal, que leva seu nome. Perguntada sobre o por quê de duas transmissões simultâneas, respondeu que era “para alcançar mais pessoas”. Perguntada o que o pastor achava dela não fazer a transmissão somente pelo canal da igreja, ela disse que “ele não gostava, mas eu penso que devo fazer dessa forma, pois assim alcanço mais pessoas. (Diário de campo, São Paulo, fevereiro de 2022).

Ela também é frequentadora assídua das campanhas de início de ano da Igreja Evangélica pentecostal Assembléia de Deus do Brás, inclusive parte de sua audiência nas lives é de pessoas frequentadoras da Assembléia de Deus, presidida pelo Pastor Samuel Ferreira. Suas orações e falas são muito envoltas em glossolalia e alcança pessoas doentes, mulheres em sofrimento, pessoas de várias religiões.

HORTÊNCIA é mulher transexual, 23 anos, evangélica pentecostal. Como membro e presbítera da Igreja ela também faz suas orações na plataforma digital da igreja inclusiva, diariamente, às oito horas da manhã, desde quando começou a pandemia COVID 19 (fevereiro de 2020), portanto, há mais de 2 anos. Também “desobedece” ao pastor e transmite suas orações pelo seu Facebook pessoal, simultaneamente. Além das orações, Hortência conta um pouco de suas vivências, por exemplo, como está sendo sua transição de gênero, desde a harmonização facial, hormonização ou terapia hormonal, troca de nome social e futura cirurgia de readequação

sexual.



JASMIM é a terceira mulher, lésbica, 44 anos, evangélica pentecostal e presbítera da igreja. Ela faz suas orações na plataforma da mesma igreja da Margarida e Hortência, a Igreja da Vila, diariamente, à meia-noite, com sua companheira Lírio, desde quando começou a pandemia COVID-19. Jasmim também “desobedece” ao pastor e transmite suas orações pelo Facebook da igreja e pelo seu pessoal, simultaneamente. Suas orações buscam alcançar com benesses pessoas com problemas sentimentais e a própria

liderança da igreja.

Isto nos remete ao pensamento e fala da teóloga Ivone Gebara (2020): “é preciso desobedecer! Como a gente fala da desobediência civil, a gente deve falar da desobediência religiosa, eu não obedeço!”.

Também vemos nas vivências das “Noivas do cordeiro” (ALVES, 2008) a quebra de parte das hierarquias de poder religioso, colonialista e hegemônico imposto. Tanto nas vivências das noivas do cordeiro e nas “lives” de oração realizadas pelas três mulheres negras inclusivas pentecostais, verificamos uma feitura de religião sem respeitar todas as normas e regras impostas pelo sistema religioso do qual participam. Vemos também em algumas igrejas inclusivas o surgimento de feitura de religião e/ou igrejas que desobedecem esses padrões universais. Essas igrejas são resistência e estão na busca de consolidar um protagonismo negro LGBT na esfera pentecostal brasileira.

Antes de entrar no surgimento e trajetória das igrejas inclusivas, cabe a nós pensarmos no processo da secularização e em seus inúmeros desdobramentos. Por ser um processo, cabe denotarmos do próprio processo de secularização, um sub-processo de secularização do pentecostalismo.

1.4 A secularização e o surgimento das igrejas inclusivas

A secularização remonta à perda da força de influência social e cultural da religião que, na sociedade moderna, não consegue ter mais o controle “efetivo” sobre crenças e práticas religiosas. Em contrapartida, a sociedade passa a guiar seu próprio destino, com pouca ou quase nenhuma interferência das instituições religiosas, alçando uma emancipação dos “desígnios divinos” (CASANOVA, 1994), mais especificadamente Casanova diz que:

[...] o cerne e a tese central da teoria da secularização é a conceptualização do processo de modernização social como um processo de diferenciação funcional e emancipação das esferas seculares – sobretudo o estado, a economia e a ciência – da esfera religiosa e a concomitante diferenciação e especialização da religião na própria esfera religiosa recém-encontrada²² (CASANOVA, 1994, p. 19, tradução livre).

Sobre a modernização pelo que percebe-se existe um limite no que concerne as religiões, pois segundo Antonio Flávio Pierucci (1998) a interpretação e entendimento de que as religiões estariam em vias de desaparecer com base nas reflexões de Max Weber, é equivocada. Concordamos e por isso a via interpretativa que adotamos é de uma secularização como emancipação relativa de esferas da sociedade em relação aos elementos religiosos. (DIAS, 2022)

Já Paula Montero (2006) avança na conceituação e alude que o surgimento do estado secular, ou emancipação das esferas seculares como diz Casanova (1994) trouxe um espaço civil e o surgimento de novas religiões, como fruto de um processo histórico de deslocamento para um lugar secundário das religiões na sociedade, onde se percebe que, na verdade, o pluralismo religioso, tolerante e a multiplicidade de cultos o respeito a liberdade de raciocínio e aos sentidos, não foi fundamento do Estado moderno, mas seu produto.

Esse produto como uma das forças da modernidade interfere no sistema simbólico cultural e o capitalismo trazendo uma mudança do papel da religião na vida da sociedade com um enfraquecimento da autoridade religiosa sobre as pessoas que passam a ditar seus próprios destinos e a ter, na religião, mais um recurso a ser acionado segundo suas necessidades. Isso enfraquece as tradições e traz como consequência a proliferação de opções religiosas com declínio do compromisso religioso. Enfraquecimento este que traz várias possibilidades de opções religiosas como crenças híbridas e sincréticas (PINTO, 2012). Dentre essas possibilidades temos as Igrejas Inclusivas.

Mais precisamente sobre o surgimento das Igrejas Inclusivas, perpassada pela

²² [...] the core and the central thesis of the theory of secularization is the conceptualization of the process of societal modernization as a process of functional differentiation and emancipation of the secular spheres – primarily the state, the economy, and Science – from the religious sphere and the concomitant differentiation and specialization of religion within its own newly found religious sphere.

secularização Dias (2022) apresenta dois motivos: o primeiro diz respeito a autonomização de esferas da sociedade com relação ao religioso, iniciando uma proteção legal para o exercício de fé de outros grupos religiosos dissidentes do hegemônico, que conseqüentemente dá aos atores religiosos mais liberdades de trânsito e articulações, segundo é o florescimento e fortalecimento de movimentos de minorias sexuais e de gênero, com início ainda durante a ditadura militar e se institucionaliza e se fortalece com a epidemia do HIV/Aids.

Pensando um maior trânsito e articulações para o exercício de fé, vemos no pentecostalismo uma pluralidade e diversidade pentecostal que é um prolongamento e/ou extensão da secularização que acaba por auxiliar no surgimento de outras espiritualidades. É no pentecostalismo que se verifica uma verdadeira diversidade de opções religiosas que constituem um pluralismo religioso com muitas matizes pentecostais, até porque esta categorização “pentecostal” não representa uma realidade homogênea e são até poucos os seguidores dessas diversas igrejas que se reconhecem como pentecostais, com cada grupo produzindo sua doutrina e código de ética, ora como instrumento de organização e contestação, ora como conformismo e utilitarismo (ALENCAR FAJARDO, 2016; BARRERA, 2016; NORONHA, 2016).

É dentro dessa expansão que verificamos o surgimento do fenômeno das Igrejas Inclusivas Pentecostais. Com simplicidade de doutrina e de uma ética pragmática, estas igrejas têm conseguido trazer algum pertencimento as pessoas mais vulneráveis como pobres, mulheres e, principalmente, pessoas negras e LGBTI+.

1.4.1 O surgimento das igrejas inclusivas

De início, o objetivo não é aprofundar na conceituação e surgimento das igrejas inclusivas, mas situar e contextualizar, criando informações capazes de permitir ou não, uma melhor perspectiva social, principalmente no que concerne a vivência das pessoas LGBTI+ negras nessas igrejas.

Para Victor Breno Farias Barrozo (2019), as igrejas inclusivas ou “*gay friendly*” (de significado amigáveis aos gays) trazem à comunidade LGBTI+ a possibilidade religiosa de exercer “livremente” a sua fé cristã, independentemente de sua orientação e/ou identidade sexual.

Marcelo Natividade (2016) esclarece que trata-se de igrejas que, em sua gênese, nasce desestabilizando as ordens hegemônicas cristãs e com uma intenção política de reposicionar o espaço de protagonismo na própria religião. Além disso, também existe um direcionamento para o repensar do lugar do LGBTI+ cristão na contemporaneidade e empoderar parte da

população LGBTI+.

A primeira igreja que acolhia LGBTI+ teve início em 1946, nos Estados Unidos, na Cidade de Atlanta com o nome de Igreja Católica Eucarística, criada secretamente pelo Padre George Hyde, que posteriormente se dividiu em duas: A Igreja Católica Ortodoxa Americana e a Igreja Católica Primitiva, ambas mais pastorais e não exclusivas para pessoas LGBTI+ (Brasas 2001 *apud* Silva 2006 *apud* Rodrigues 2009).

Como a primeira Igreja nominalmente para inclusão de pessoas LGBTI+, temos a Metropolitan Community Church (MCC) que nasceu nos Estados Unidos da América em 1968, Seu fundador foi o jovem pentecostal Troy Deroy Perry Junior. A época do seu surgimento é de grande efervescência política e de luta por direitos igualitários estadunidense entre homens, mulheres, inclusive homens e mulheres negros, e dentre esses, ‘homossexuais’ e lésbicas, lutando por mais direitos civis e liberdade individual sexual, ou seja, havia, uma lacuna política em relação aos LGBTI+ e no mesmo entusiasmo de parte da juventude estadunidense que estava em campo nos combates políticos da guerra “EUA x VIETNÃ”, a pessoa LGBTI+ lutava e combatia a favor de sua liberdade, inclusive, sexual. (NATIVIDADE. 2008; RETAMERO, 2015).

E por falar em entusiasmo e estadunidense, em junho de 2017 estive em New York e, dentre outras coisas, conheci uma igreja inclusiva. Lá, as igrejas inclusivas são presença no cenário cristão desde a década de 60, e pude perceber que, provavelmente, a semente e/ou luta por igualdade que Troy Deroy Perry Junior e sua MCC plantou, motivou e continua motivando pessoas a abrirem as portas das igrejas cristãs LGBTI+, inclusive pretas. Conheci a igreja The Church of The Village (a radically inclusive, anti-racist community)²³, conforme verificamos abaixo, na Figura 3:

Figura 3 - The Church of The Village em Nova Iorque

²³ A Igreja da Vila – uma comunidade radicalmente inclusiva e antirracista (tradução livre). Church of the Village 201 West 13th Street New York, NY 10011 212.243.5470 office@churchofthevillage.org



Fonte: Página Instagram do Autor.

A cerimônia foi em um domingo às 10h30 e durou aproximadamente uma hora e meia. Houve uma breve reflexão e oração no início por um homem branco, que a meu ver era o pastor da igreja. Durante o culto observei a ministração de dança por um homem gay negro, e a prédica da palavra por uma mulher negra, além de ouvir o coral da igreja com pessoas diversa. Na Figura 4, o coral da The Church of The Village em Nova Iorque:

Figura 4 – Coral da The Church of The Village em Nova Iorque



Fonte: Página Instagram do Autor.

O pianista que acompanhava o canto dos coralistas era negro, assim como o bailarino que apresentava uma performance durante a apresentação em frente ao altar e pelos corredores da igreja. A prédica foi pautada na carta de Paulo a Tiago e o que eu depreendi foi que era uma exortação aos fiéis a ficarem firmes no propósito de anunciar um evangelho de salvação a todas as pessoas.

No culto, percebi também uma diversidade de pessoas, ou seja, a minha frente pessoas brancas e negras, famílias com filhos/as, pessoas latinas e africanos. Foi ótimo perceber os

corpos pretos LGBTI+ livres e não abjetos (BUTLLER, 2018) em um ambiente religioso plural e seguro, outrora, em sua maioria, como no Brasil, exclusivo de pessoas heteronormativas brancas. Lá, isso já ocorria desde a década de 60, diferente do Brasil onde o fenômeno inclusivo religioso judaico-cristão teve início nos anos 90 e conquistou mais proeminência nos anos 2000.

Fátima Weiss (2012) já apontava que o surgimento das igrejas inclusivas no Brasil remontava de parte da luta do movimento LGBTI+ e da historiografia dos movimentos de combate das minorias, já há muito tempo em vários lugares do mundo.

Como observamos, as igrejas inclusivas em geral, nos EUA na década de 60 e no Brasil nos anos 2000, nascem de processos sociais na busca de parte da comunidade LGBTI+ de fé Cristã para melhor integração dessa população, até então privativa para as pessoas heterossexuais e excludentes dos “dissidentes sexuais”.

Nisso e no Brasil, a comunidade LGBTI+ imbuída de cidadania se aproxima do Estado para pensar políticas públicas e ações afirmativas, pois o movimento viu uma oportunidade política de intensificar e fortalecer a luta por direitos humanos da população LGBTI+. A partir disso, surgindo a criação de vários grupos ativistas, redes e de eventos específicos, dentre esses: ENTLAIDS (Encontro Nacional de Travestis e Transexuais) em 1993; ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) em 1995; SENALE I Seminário Nacional de Lésbicas em 1996); APOGLBT (Associação da Parada do Orgulho GLBT) em 1999 (GOMES; ZENAIDE 2019).

Destes e de outros embates no campo das lutas políticas da comunidade LGBTI+, verificam-se avanços e transformações na forma como a sociedade tratou (e ainda trata) as “sexualidades dissidentes”, inclusive, surgem conquistas como o casamento igualitário, a permissão para adoção de filhos, a permissão para doação de sangue, a criminalização da homofobia (DIAS, 2013; SANTOS, 2015) e o surgimento de igrejas inclusivas, das quais falaremos a seguir.

1.4.2 As igrejas inclusivas pentecostais no Brasil

O fenômeno do “evangelho inclusivo”, tentou se estabelecer no Brasil, no início da década de 1990, com os reverendos Nehemias Marien e Domício Pereira de Mattos, ambos presbiterianos²⁴ (NATIVIDADE, 2008; RETAMERO, 2015; WEISS, 2012), o que somente se

²⁴ O Reverendo Marien, bem como seu colega Reverendo Domício pensava “teologicamente” sobre inclusão LGBTI+ dentro do discurso, da exegese e da hermenêutica histórico-crítica e nisso, no Brasil, foram os precursores, porém, faltava o caráter militante no sentido político. Muito embora seus atos de inclusão, seus

consolidou quando em 2004 no Estado do Rio de Janeiro surge a Igreja Cristã Metropolitana como filial da central MCC nos Estados Unidos e sob a liderança do Pastor Marcos Gladstone, que em poucos meses se desfilou para fundar seu próprio “ministério” (NATIVIDADE, 2008; WEISS, 2012).

A partir de então, muitas outras igrejas inclusivas surgiram no Brasil, e algumas, no formato pentecostal, como a “Comunidade Cristã Nova Esperança”, e a “Comunidade Cidade de Refúgio”, essas duas na cidade de São Paulo (BARROZO, 2019). Ainda, no ano de 2003 sob a liderança do pastor Victor Orellana, já havia sido fundada a Igreja Acalanto, também pentecostal, oriunda da Comunidade Cristã Gay (CCG)²⁵ de 2002.

Fátima Weiss (2013) remonta a trajetória do surgimento das igrejas inclusivas por outro viés, ela usa a mesma metáfora de Paul Freston (1993) para falar das “ondas” e/ou “movimentos” que contribuíram para o surgimento das igrejas inclusivas no Brasil. A primeira onda de contribuição diz respeito a igrejas que já acolhiam pessoas LGBTI+, numa prática pastoral sem muito engajamento na sociedade civil, como a Igreja Presbiteriana Bethesda fundada em Copacabana, em 1992, a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, em 1998 (WEISS, 2012), a Igreja Pacifista Cristã, do Pastor Onaldo Pereira que realizou o casamento interracial de Luiz Mott²⁶ e Marcelo Cerqueira líderes do Grupo Gay da Bahia (GGB).

A segunda onda, diz respeito ao surgimento de movimentos e coletivos de militância que lutavam pelos direitos dos LGBTI+ na década de 1990, como o Grupo corsa e o CAHEUSP que originou a Comunidade Cristã Homossexual, fundada em São Paulo, em 1998, pelo líder da CAEHUSP, Elias Lilikan, pelo pr. Victor Orellana e pelo pr. Luís Fernando, que por sua vez, foram ordenados pastores por Nehemias Marien. A terceira onda, é o próprio surgimento das igrejas inclusivas no Brasil nos anos 2000 (MOTT, 2006; WEISS, 2012), que são: a Igreja Acalanto, Igreja Nova Esperança e Igreja ICM.

Por fim, eu acrescentaria uma quarta onda, a partir de 2008 em diante, com o surgimento de inúmeras igrejas inclusivas pentecostais dissidentes das pioneiras Acalanto, Nova Esperança,

discursos nas mais variadas mídias, possam ser considerados atos políticos, contudo, não se falava muito naquele contexto de direitos civis e humanos-dentro dessas igrejas abertas a comunidade LGBTI+- ou seja, era mais uma prática pastoral que um engajamento político, de fato enquanto movimento social, que existia, porém, alienado da fé cristã, genuinamente laico, como movimento organizado da sociedade civil. (RETAMERO, 2015, p. 88-89)

²⁵O grupo Comunidade Cristã Gay (CCG) é fruto do ciclo de debates sobre direitos humanos e homossexualidade promovido no Centro Acadêmico de Estudantes de História da USP (Caehusp). Fachini (2004) relata que nesse encontro algumas pessoas se mobilizaram para a Criação do CCG e passaram a se reunir no Caehusp.

²⁶ Segundo o blog do Luiz Mott: “...Atualmente, Marcelo Cerqueira, é o grande amor da minha vida. No encontro da ILGA, completarei dez anos de união com ele. Casamos no dia 08 de junho de 1994, numa cerimônia realizada no sindicato dos bancários em Salvador... oficiada pelo pastor Onaldo Pereira da Igreja Pacifista Cristã” (MOTT, 2004).

ICM, que apresentaremos posteriormente. Ressalta-se que o surgimento dessas várias igrejas inclusivas diz respeito também a uma hermenêutica e exegese mais “honesta”, “social” e “humana” do texto sagrado judaico-cristão (Bíblia) efetuada pela teologia feminista, pela teologia negra²⁷, pela teologia da libertação, pela teologia *queer* e outras, que tiveram o interesse de incluir os marginalizados como homossexuais, transgêneros, negros, mulheres, discriminados e excluídos de suas igrejas e da sociedade, considerando uma leitura histórico-crítica da Bíblia e, assim, possibilitar encontrar respaldo bíblico para combater a opressão, discriminação e falta de liberdade enfrentada diariamente (MUSSKOPF, 2008; CAVOTTI, 2015).

Essas teologias, em regra, redefinem os conceitos de autoridade bíblica e até das “sagradas escrituras”. Ou seja, deslocam a autoridade de leituras hegemônicas do “texto” sagrado para a experiência dos corpos que importam (BUTLLER, 2018), pois a materialidade do corpo que sente, deseja, corre, dança, fala, dorme, acorda, adoece e morre não deve ser negada, invisibilizado em suas demandas e particularidades, como, por exemplo, nos corpos de mulheres, pessoas negras, LGBTI+ e outros/as. Essas teologias consideram que a bíblia foi feita para a vida e não a vida para a bíblia. São teologias que não “respeitam” o cânon tradicional eurocentrado de interpretação do texto bíblico e a essas, André Musskopf (2008) dá o nome de teologias “homossexual-gay-*queer*”.

No que diz respeito à Teologia Negra, James Cone (1986) desenvolve um sistema hermenêutico com base nas declarações do Comitê Nacional do Clero Negro, em síntese, com as seguintes asserções e semântica: 1. A exigência de estar enraizado na experiência religiosa da teologia negra; 2. A afirmação do ecumenismo negro; 3. A aceitação do messias negro como símbolo teológico de Cristo: o oprimido homem de Deus; e 4. A propositura de um programa político (WILMORE; CONE, 1986).

No que concerne a participação das mulheres na construção da Teologia Feminista Negra e na igreja, Cone (1986) diz que elas representam mais da metade da comunidade negra e 75% da igreja negra. Mas sua experiência não é clara no desenvolvimento da teologia negra e os teólogos pretos foram silentes sobre a teologia feminista em geral e sobre as mulheres

²⁷ A teologia negra nasceu entre 1966 e 1969, nos Estados Unidos, como resultado da luta dos negros/as tendo como pano de fundo a experiência histórica de escravidão e discriminação racial. Esta teologia não é um dom do evangelho cristão compartilhado com os escravos. Antes, "foi uma apropriação dos escravos/as pretos/as do evangelho que seus opressores lhes deram". É a teologia da libertação do povo negro, ela tenta examinar o negro/a à luz da revelação de Deus em Jesus Cristo para que a comunidade negra possa ver que o evangelho coincide com o reconhecimento da humanidade negra. A teologia negra é a teologia da "negritude". É a afirmação da humanidade negra que liberta negros/as do racismo branco e, assim, oferece verdadeira liberdade a brancos e pretos (WILMORE; CONE, 1986, p. 122-124).

negras em particular, ou seja, eles falam da experiência religiosa negra como constituída exclusivamente pela experiência masculina, sem contribuição distinta das mulheres negras.

Esse silêncio está associado ao machismo do teólogo negro, que acreditava que o feminismo era a ideia das mulheres brancas de classe média, ao mesmo tempo em que defendia que as mulheres negras já são livres. Mas desde 1977 inicia-se uma hermenêutica que propõe um diálogo considerando melhor a conexão entre raça, gênero e classe dando origem à teologia feminista em uma perspectiva negra. (LÓPEZ, 2008). Para ela:

ser negra não é somente, exclusivamente, ter pele negra, ser negra é uma filosofia, uma opção política, uma atitude política no sentido de assumir uma postura da vida”. O texto bíblico está permeado por uma redação e interpretação branca, que possibilitou o ocultamento de mulheres e povos de origem africana. Por isso, uma hermenêutica negra feminista (...) resgata a mulher negra de seu papel de escrava, feiticeira, sensual, etc (LÓPEZ, 2005, p. 184-185).

Retomando a quarta onda de Igrejas Inclusivas no Brasil e que bebem dessas teologias “marginais”, pudemos depreender do diário de campo que, no Brasil, atualmente, existem mais de 90 igrejas e ministérios evangélicos inclusivos pentecostais. Para facilitar a visualização, organizamos uma tabela de ministérios, por estado e em ordem alfabética. Esta tabela não tem a pretensão de exaurir a existência de todas as igrejas inclusivas existentes no Brasil em seus diferentes formatos, mas de ilustrar a amplitude da expansão deste fenômeno no país. Os estados que não possuem células conhecidas também foram indicados, conforme demonstramos, abaixo:

MINISTÉRIOS EVANGÉLICOS INCLUSIVOS EM ALGUMAS REGIÕES DO BRASIL	
ESTADO	MINISTÉRIO
ACRE	<i>Não tem</i>
ALAGOAS	<i>Não tem</i>
AMAPÁ	<i>Não tem</i>
AMAZONAS	New Chuch Fraternidade Amigos do Evangelho
BAHIA	ICC CCMT Igreja Batista de Nazareth ICM Salvador
BRASÍLIA	Athos Arena Chuch CR Brasília IPEG
CEARA	IAFL CCNEI 'SOUL' Livre

MINISTÉRIOS EVANGÉLICOS INCLUSIVOS EM ALGUMAS REGIÕES DO BRASIL	
	CR Fortaleza ICM
ESPÍRITO SANTO	CR Vitória ICC ICM Vitória CCNEI Vitória
GOIÂNIA	Aprisco IRIS Renascer Conquista Plena
MARANHÃO	Resgatados Acolher em Cristo Nova Vida
MATO GROSSO	<i>não tem</i>
MATO GROSSO DO SUL	Casa Três Lagoas CR Três Lagoas
MINAS GERAIS	Reviver Contagem ICC BH CR BH ICI Uberlândia CCMT Ipatinga
PARÁ	<i>Não tem</i>
PARAIBA	ICM CR Joao Pessoa
PARANÁ	Plena Graça Identidade Abraça-me CR Londrina CR Maringá ICM Maringá
PERNAMBUCO	CCNEI CR Recife ICMG
PIAUI	ICM
RIO DE JANEIRO	CR ICM CONTEMPORÂNEA RIO DE JANEIRO ICC Madureira ICC Nova Iguaçu ICC Duque de Caxias ICC Campo Grande ICC Niterói CR RJ
RIO GRANDE DO SUL	CCNEI Pelotas
RIO GRANDE DO NORTE	CCNEI

MINISTÉRIOS EVANGÉLICOS INCLUSIVOS EM ALGUMAS REGIÕES DO BRASIL	
	CR Natal ICMG Paraíba CR
RONDÔNIA	<i>Não tem</i>
RORAIMA	<i>Não tem</i>
SALVADOR	ICM
SANTA CATARINA	Acolhidos por Cristo Ágape
SÃO PAULO	ICM IANTI A Igreja da Vila CR Sede CR Campinas CR Araçatuba CR São José do Rio Preto CR Ribeirão Preto CR Praia Grande CR Itapeçerica da Serra CCNEI Central CCNEI Guarulhos CCNEI Jandira CCNEI Osasco CCNEI Franco da Rocha Ministério Anunciando Salvação Ministério Profético Yaveh Casa de Oração Aliança Terra da Adoração CCNEI Limeira IEDEC Nova IBAN ICC Tatuapé TI Belém TI Suzano Habitar IDVI CEM CEU Diante do Senhor Freguesia Diante do Senhor República ICM Séfora Shalom IPRC Encontro com Deus Redenção Renova Ágape

MINISTÉRIOS EVANGÉLICOS INCLUSIVOS EM ALGUMAS REGIÕES DO BRASIL	
	ADI Aviva Estação Church Americana
SERGIPE	<i>Não tem</i>
TOCANTINS	<i>Não tem</i>

Neste cenário, podemos perceber a expansão das igrejas inclusivas pentecostais com variedade de doutrinas e dogmas, como reflexo da própria pluralidade existente no campo religioso brasileiro.

1.4.3 As igrejas inclusivas pentecostais nativas

Para os propósitos desta pesquisa, consideramos importante apresentar como referência do surgimento do fenômeno inclusivo cristão, as igrejas pentecostais nativas na origem²⁸, Acalanto (2002), Nova Esperança (2004), Igreja Cristã Contemporânea (2006) e Cidade de Refúgio (2011). Acalanto, por ser a primeira institucionalizada de fato e de direito, ou seja, com Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ). A Nova Esperança, até onde se tem conhecimento, por ser a mais “preta” das inclusivas. A Contemporânea e Cidade de Refúgio por deterem a maior quantidade de templos e membros na atualidade. Alguns dos dados aqui expostos estão disponíveis nas mídias sociais das respectivas igrejas, (IGREJA NOVA ESPERANÇA, 2022; IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA, 2022; IGREJA CIDADE DE REFÚGIO, 2022)

²⁸ Embora a ICM seja a “mãe” de todas as igrejas inclusivas no mundo, para essa pesquisa ela não é considerada pentecostal nativa. Todavia, em conversa de campo com o Reverendo Cristiano Valério, foi dito que: “a ICM não reivindica a definição de pentecostal, assim como não reivindica nenhuma definição. Em 2004 quando do surgimento, a comunidade é formada por pessoas em sua grande maioria vindas de movimento evangélico pentecostal, mas havia pessoas oriundas do movimento presbiteriano mais aberto (Igreja Presbiteriana de Copacabana do Pr. Nehemias Marien) aberto a manifestação espiritual. Com a saída do Pr. Marcos Gladstone e o recomeço da ICM com o Pr. Márcio Tavares Retamero da Silva em 2005 a comunidade passa a ter uma característica mais presbiteriana (consta do estatuto). Isso muda com o tempo, hoje a ICM é pentecostal, mas não reivindica isso como definição, pois ela é muito diversa, mesmo tendo os elementos pentecostais. Em 2006, do surgimento em São Paulo a ICM sempre teve a presença carismática e pentecostal. A ICM é pentecostal por conta da sua história de origem americana, mas não reivindica isso. Para a ICM, a igreja nasce no pentecoste, a manifestação de Deus na diversidade e depois a atuação da Santa Ruah na humanidade e na igreja que manifesta o dom do espírito” (Diário de campo, abril de 2022). Por isso, optamos por não nos aprofundarmos em seu estudo como igreja pentecostal inclusiva, apesar de, em sua origem, ela ter mostrado fortes traços pentecostais. Cabe ressaltar, entretanto, que como **exemplo do pentecostalismo inclusivo americano** na ICM temos a reverenda **Darlene Garden, mulher, negra** que desde 1993 integra o conselho e dá nome a um instituto com seu nome e temos também a lendária **mulher, negra** e reverenda **Delores Berry**, de Portland – Oregon (ICM EUA, 2022, grifos nossos), com forte ministério da palavra e louvor e com a mesma envergadura intelectual e espiritual das três mulheres brancas que assumiram como moderadoras mundiais da ICM: Nancy Wilson, Rachele Brown e atualmente Cecília Eggleston e que não reivindicam serem pentecostais, mas de igrejas denominadas tradicionais históricas. Essas três mulheres assumiram a moderação após a aposentadoria do reverendo Troy Perry.

corroboradas com minha vivência como nativo e com o trabalho de campo.

1.4.4 Igreja Acalanto

A pioneira das igrejas inclusivas, “Acalanto”, surge oficialmente em 2002 em São Paulo, no Bairro de Santana. Seu fundador foi o Pastor, Chileno, Victor Ricardo Soto de Orellana, que era da igreja Assembléia de Deus Ministério do Belém, setor 39, no Bairro da Parada XV de novembro, extremo da Zona Leste de São Paulo. Em suas palavras:

As Igrejas na década de 90 viviam um boom, motivadas pelo movimento neopentecostal que trazia uma forma mais “**descolada**” de ser igreja. Mas no fundo as igrejas permaneciam no mesmo conservadorismo de sempre, até mesmo essas igrejas novas, apesar de ter frequentado por muito tempo a Assembléia de Deus, não me sentia atraído por tais novidades (ORELLANA, 2015, s/p, grifo nosso).

Sobre Victor Orellana, Marcelo Natividade (2008) destaca a iniciativa pioneira ao criar a Igreja Acalanto – Ministério Outras Ovelhas, em São Paulo no ano de 2002 e que dois anos depois, alguns de seus membros, cindiram a igreja e se reuniram para fundar a Comunidade Cristã Nova Esperança.

Antes, em 1997, Victor, já havia sido um dos líderes da Comunidade Cristã Gay (CCG), no espaço do CAEHUSP, que se reunia uma vez por semana com aproximadamente 30 pessoas. Na CCG, Victor Orellana e Luís Fernando Guarupe foram ordenados pastores pelo Pastor Nehemias Marien que era da Igreja Presbiteriana Bethesda do Rio de Janeiro. Em 1998, ambos se desvincularam da CCG e passaram a fazer as reuniões em um restaurante no Bairro de Santa Cecília, em São Paulo, de propriedade de outro participante do grupo de nome Wladimir Freire, cuja história trataremos no próximo capítulo.

A desvinculação da CCG se deu por disparidades em questões políticas dos LGBTI+. Victor queria uma igreja sem contornos ativista, militante e sem “imoralidades”, como relatado por ele:

Nós tínhamos uma proposta ecumênica (eu e o Luis), eles tinham uma proposta sincrética e eclética (Caehusp), e imoral também, porque não sei se você lembra, o Elias com o Caehusp colocaram um mural cheio de fotos de homens nus e eles se preocupavam em fazer uma videoteca de filmes pornô gays, eu não podia permanecer no caehusp com proposta tão sem objetivo. Eles ficaram lá fazendo suas reuniões, numa semana era a vez dos católicos, na outra dos esotéricos e ocultistas, na outra dos espíritas e candomblecistas ...na outra dos evangélicos...e assim durou pouco aquela salada mixta, **samba do crioulo doido** que eles queriam Marden Silva (ORELLANA, 2015, s/p, grifos nossos).

Pelo que pudemos perceber, a imoralidade se dava por questões de sexualidade, mas

não em questões étnico/raciais, quando o pastor atrela “o que é errado” em sua visão ao “samba do crioulo doido”.

Certo é que com o desligamento da CCG, ele contactou a ICM em Nova Iorque, mas essa também tinha um forte apelo ativista e a “aliança” não se concretizou. Como a ICM e a CCG no Brasil não vingaram ele decidiu iniciar o Ministério Outras Ovelhas, nas palavras de Victor: “(...) já que não estávamos coadunados com a forma presbiteriana de governo da Igreja (...), sabíamos que o termo ‘ministério’ era usado no meio pentecostal e nos sentíamos confortáveis com ele” (ORELLANA, 2015, s/p).

Em 2002, o ministério Outras Ovelhas deu lugar à Igreja Cristã Acalanto, primeira igreja inclusiva pentecostal brasileira. Da memória que tenho dos 6 meses em que frequentei essa igreja, ela era uma igreja majoritariamente de fiéis homens gays, com uma grande quantidade de brancos e aproximadamente menos da metade de pretos e pardos. A presença de mulheres era muito pequena, também não haviam mulheres trans e nem travestis. Os negros participavam quase todos do louvor, diaconia e intercessão. Quem mais ministrava o louvor era o jovem Eneas, negro, que terá um pouco da sua história relatada no terceiro capítulo.

Eu descobri a Igreja Acalanto através de uma reportagem na revista *Época* (2002) que entrevistou o Pastor Victor Orellana, nela ele conta sobre sua família cristã de tradição Metodista, onde teve sua educação religiosa e que depois migraram para a igreja Assembléia de Deus. Dentre suas falas na entrevista que me chamaram atenção na época foram: “A Bíblia fala que a igreja cristã não pode fazer discriminação de pessoas. Jesus instituiu uma nova visão de mundo, na qual não existiriam mais divisões por raças, homens livres e escravos” e “Não podemos voltar a situações de vida obsoletas. Antigamente as minorias não tinham direitos, mas hoje há democracia, direitos humanos e conhecimento científico que deve servir à teologia” (REVISTA ÉPOCA, 2002, s/p).

Essas falas do Pastor, no início dos anos 2000 apontava um evangelho mais humano, inclusivo e inteligível para parte dos LGBTI+. Não podemos desconsiderar que a época era pouco usual um pastor evangélico se autodenominar gay e utilizar o texto sagrado (Bíblia) para fundamentar sua teologia a favor dos LGBTI+ em revista de grande circulação Nacional, nisso também há enorme pioneirismo.

Anos depois em outra entrevista o fundador da Igreja Acalanto, esclarece que a igreja estava em uma outra fase, sem espaço físico fixo e funcionando na casa de fiéis, e ao Jornalista Bety Orsini, ele diz que:

A acalanto, no começo, teve sede em Santana, São Paulo. Agora não temos mais espaço físico, mas comunidades que funcionam na casa dos seguidores. A igreja existe

enquanto comunidade de formação evangélica, porém tem tendência universalista, é aberta a todos. E já se dividiu em outras igrejas, como ocorre comumente no protestantismo (ORELLANA,2022)

Fato é que após a fase na casa dos seguidores, oficialmente a Igreja Cristã Acalanto encerrou suas atividades, em 2007, e continua existindo na memória de alguns fiéis e viva nas igrejas que ela de alguma forma deu origem, como a próxima igreja, ou seja, a Nova Esperança.

1.4.5 Igreja Nova Esperança

Segundo Ferreira e Silva (2015), esta igreja foi fundada em 2004, em São Paulo – SP, por homens gays evangélicos pentecostais que vieram da cisão da Igreja Acalanto. Essas pessoas divergiram, dentre outras coisas, teologicamente da liderança do Pastor Victor Orellana, pois ele havia abandonado o modo pentecostal inicial da igreja, e formaram uma nova igreja inclusiva, com um viés mais pentecostal.

A Igreja Nova Esperança, quando do início nos seis primeiros meses, com aproximadamente umas 30 pessoas, era uma igreja majoritariamente composta por homens gays negros e pardos, de idade acima de 30 anos, com poucas mulheres e travestis. Essas poucas mulheres e travestis trabalhavam, especificamente, na diaconia e intercessão da igreja. Os homens ficavam a cargo da ministração da palavra e do louvor. A maioria dos/as primeiros/as fiéis já tinha alguma graduação nas áreas da saúde, psicologia, direito e moravam nas proximidades da igreja, na região central da cidade de São Paulo. Havia aqueles/as que tinham vindo de igrejas tradicionais como a Batista e a Presbiteriana, mas a maioria vinha de igrejas pentecostais como Assembléia de Deus.

Ainda segundo Ferreira e Silva (2015), entre os anos 2006 e 2010, a igreja Nova Esperança chegou a ter aproximadamente 2.000 membros em vários Estados do Brasil e, em 2014, havia diminuído para aproximadamente 800 pessoas distribuídas em congregações no interior de São Paulo e nos estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Piauí e Ceará.

Marcelo Natividade (2008) registrou que, após dois anos do rompimento com a Igreja Acalanto, a Igreja Nova Esperança já possuía duas “células”²⁹, nos municípios de Guarulhos e Osasco, além de células em Nata-RN, Maranhão e fora do país em Buenos Aires, na Argentina e em Portugal.

A igreja Nova Esperança teve em sua presidência, do ano de sua fundação, em 2004, até

²⁹ Na Igreja Nova Esperança, célula é o nome dado à um pequeno grupo cuja intenção é, futuramente, compor e abrir uma igreja.

seu desmembramento, em 2019, o Pastor Justino Luiz como sua maior liderança. Ferreira e Silva entrevistaram o pastor, que descreveu as atividades da igreja. Em suas palavras, a igreja Nova Esperança:

[...] promove reuniões regulares de seus membros, à luz das Sagradas Escrituras; a divulgação do Evangelho de Jesus Cristo a toda e qualquer pessoa e em qualquer lugar (nacional e internacional); promove a integração à sociedade e à convivência cristã de todas as pessoas, principalmente daquelas que se encontram ao desabrigo da caridade humana, ou marginalizadas, ou enfermas, ou entregues a vícios e condutas antissociais, para que se cumpra o desejo manifestado por Jesus Cristo; promove a Paz, a Tolerância, o Respeito ao Próximo, o Amor ao Próximo, o Aperfeiçoamento do ser humano, o Respeito à Diversidade Humana, o Respeito à Vida Humana e a Confraternização Universal (FERREIRA; SILVA, 2015, p. 2298).

Essa afirmação mostra um pouco do “proselitismo” da Igreja, além da preocupação com uma espiritualidade mais próxima de questões sociais de pessoas à margem. Após 2019, por divergências doutrinárias internas, todas as igrejas Nova Esperança se tornaram independentes, ficando como responsável pelo templo Central, o Pastor Esdras Xavier. Houve a dissidência de três igrejas, porém foi mantido um vínculo moral com as demais igrejas Nova Esperança que passaram a funcionar em um sistema de fraternidade/irmandade, desfazendo o sistema com um presidente e assumindo uma administração horizontal. Essa fraternidade tem se mostrado pouco efetiva e isto pode ser objeto de pesquisas futuras³⁰.

A primeira com a Pra. Fernanda Cavotti, que fundou a igreja inclusiva Igreja Evangélica Despertar em Cristo (IEDEC, 2019)³¹, em Santo André, na região metropolitana de São Paulo. A segunda, liderada pelo Pr. Átila Augusto dos Santos, que fundou A igreja da Vila (2022) no Bairro da Vila Mariana, na Zona Sul de São Paulo. E, a terceira, com o próprio Pastor Justino, que fundou a Igreja Tenda do Encontro (TENDA DO ENCONTRO, 2022) no Bairro de Pirituba, na Zona Norte de São Paulo. Essa, trata-se de uma quinta onda e/ou movimento pentecostal inclusivo, pois a demanda de surgimento de igrejas inclusivas que antes eram em sua maioria nos grandes centros, atualmente tem se expandido para os bairros próximos desses centros, e bairros das periferias de São Paulo e demais Estados do Brasil.

No que tange às crenças e práticas que compõem a identidade da Nova Esperança, seus membros são advindos de diversas igrejas evangélicas, há diversidade também nos rituais dos cultos. Especificamente, quanto a ser classificada como pentecostal, suas reuniões e rituais são permeadas de louvores, danças e celebrações (RODRIGUES, 2009). Porque esta igreja ocupa

³⁰ Essas questões relativas às cisões e reestruturações da Nova Esperança surgem por tratar-se de um campo de pesquisa em constante movimento e que só pode ser analisado a partir de uma perspectiva contextualizada, inclusive temporalmente. Até porque, parte desta pesquisa foi realizada em meio a essas dinâmicas complexas e que continuam até hoje. Este é um contexto gradativo de tensões, dos quais nós, pastores inclusivos, fazemos parte.

³¹ A IEDEC encerrou suas atividades em junho de 2021.

lugar privilegiado nessa pesquisa, no capítulo II, será tratada mais detalhadamente.

1.4.6 Igreja Cristã Contemporânea

Um dos maiores objetivos da tese de doutorado de Marcelo Natividade foi, de forma geral, discutir a estrutura social da construção da sexualidade, simultaneamente, contrapondo e considerando as conexões entre a antropologia da religião e a antropologia da sexualidade. Ou seja, analisar a forma que a homossexualidade é significada no contexto religioso judaico-cristão. Para isso, ele se valeu de uma etnografia e observação/participante, realizada na Igreja Cristã Contemporânea e narrou o surgimento desta comunidade de fé. Para ele e outros autores, a igreja Cristã Contemporânea foi criada a partir de uma cisma com a primeira Igreja da Comunidade Metropolitana, denominação de origem norte-americana, voltada para o público homossexual (NATIVIDADE, 2008; MUSSKOPF, 2008; FACHINI, 2005; WEISS, 2012).

Weiss (2012) diz que se tratar de uma igreja fundada, em 2006, na cidade do Rio de Janeiro, tendo como fundador Marcos Gladstone, com uma trajetória com vínculos anteriores com a ICM, sem prosperar e que no site da igreja há uma série de textos evocando o Espírito Santo para a fundação da igreja.

Fato é que, em 2008, Marcos Gladstone lançou “A Bíblia sem preconceitos”, livro que se tornou referência no mundo evangélico inclusivo sobre Bíblia e Homossexualidade. Nesse livro, ele narra o início da Igreja Cristã Contemporânea, na Lapa, bairro boêmio, da cidade Maravilhosa, além de ressaltar a contribuição e participação do seu companheiro Fábio Inácio, que é pastor ordenado na Igreja Universal do Reino de Deus, homem negro, ou seja, com Marcos Gladstone são mais um casal pentecostal gay interracial de destaque entre as igrejas inclusivas pentecostais. Gladstone afirma que:

Em 2006, quando tudo parecia um sonho frustrado, o Espírito Santo deu um novo direcionamento cujo resultado foi o nascimento da Igreja Cristã Contemporânea. Uma denominação inclusiva, que prega o livre acesso a todas as pessoas ao Evangelho de Jesus Cristo. Possui destaque por aceitar as pessoas, independentemente da orientação sexual. A visão e objetivo é a de ser um ministério, inspirado na Palavra de Deus para levantar uma “raça eleita”, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, de modo a proclamar as virtudes daquele que chamou uma nação das trevas para a sua maravilhosa luz, um povo que antes não era povo, mas agora é povo de Deus; que não tinha alcançado misericórdia, mas agora alcançou misericórdia” (Pedro 2, 9-10). Para levar a Cura, o Amor e a Palavra de Deus para muitas pessoas que estavam desprovidas de um abrigo espiritual. Levando o amor de Deus a todos, sem preconceitos! (GLADSTONE, 2019, p. 85).

Vemos aqui, também, uma fala “proselitista” e preocupada em salvar as pessoas desprovidas de cobertura espiritual inclusiva. De fato, a fala afirma um discurso comumente

hegemônico, para incluir o excluído. Esse discurso é reproduzido, também, em outras igrejas inclusivas.

A Igreja Cristã Contemporânea é uma igreja com pessoas diversas, de várias idades, mas em sua maioria LGBTI+ acima de 30 anos. A metade dos fiéis são negros/pardos e a outra branca; em torno de 30% do gênero feminino e 70% do gênero masculino, são poucas as travestis e mulheres trans.

Tem sete igrejas no Rio de Janeiro, uma em São Paulo, uma em Minas Gerais e uma na Bahia, num total de 10 igrejas e aproximadamente 80 pastores/as. Muitos fiéis e pastores vieram da Igreja Universal do Reino de Deus e Assembléia de Deus. Atualmente, não se tem conhecimento de algum casal de pastoras responsáveis por uma filial, muito embora existam muitas pastoras mulheres.

O casal de pastores responsável pela filial recebe ajuda financeira da igreja para compor a renda familiar, o que possibilita um trabalho mais focado na comunidade. Para pastores e líderes a entrega do dízimo é compulsória. É uma igreja conservadora nos usos e costumes como, por exemplo, não é tolerado consumo de bebida alcoólica e tabaco.

1.4.7 Igreja Cidade de Refúgio

Como uma Igreja Pentecostal, a Cidade de Refúgio tem como suas líderes e fundadoras o casal de mulheres Lanna Holder e Rosania Rocha, ambas oriundas da Igreja Assembléia de Deus. A pesquisa de campo as revelou como o casal de mulheres pentecostais lésbicas de maior proeminência nas igrejas inclusivas. Elas se tornaram pastoras no ano de 2011 quando do nascimento da Igreja. Ambas, na época, eram divorciadas de seus respectivos maridos e cada uma tinha um filho de seus relacionamentos anteriores.

Lanna Holder, nascida em 1974, converteu-se ao protestantismo aos 21 anos, tem dentre suas características a eloquência na pregação. Ela é oriunda da Assembléia de Deus, onde foi missionária e conquistou renome no meio pentecostal tradicional.

Rosania Rocha, nascida em 1970, em Minas Gerais, tem muito “fervor”, “ousadia” e técnica ao cantar os louvores. Após conversão na Assembléia de Deus, foi morar nos Estados Unidos e se dedicou ao ministério de louvor da Assembléia de Deus em Dallas por 10 anos, onde conseguiu projeção no meio ‘gospel’ musical (HOLDER, 2014).

Em depoimento da Pastora Lanna Holder para o texto de Lima, Lanza e Patrocínio (2018) sobre a atuação política de sua igreja, ela fala, dentre outras coisas, sobre escravidão, Martin Luther King, cidadania e igualdade. Em suas palavras:

A Igreja deve sempre buscar o interesse em prol dos valores de todos os povos desde os menos abastados aos mais excluídos. Foi assim com a escravidão e com os direitos das mulheres e será assim com os homoafetivos quando ela se posicionar em misericórdia por estes. Não lhes oferecendo privilégios, mas uma devida igualdade social. Martin Luther King era um pastor e pastoreava em prol dos negros e dos brancos. Os direitos que ele lutava para os negros não iriam desclassificar os brancos, mas trazer a todos uma política de igualdade social que iria conduzi-los a um direito de cidadania plena e não parcial. A igreja não é um movimento antissincretista, ela é muito mais do que isso. Ela é a inclusão de todos os povos, mulheres, negros, homossexuais, anões, deficientes, ou todo aquele que por alguma diferença de ser que a sociedade não compreenda esteja excluído do contexto de ser nele. **Não somos um movimento LGBTI+, somos muito mais que qualquer movimento. Nos movemos não pelo conceito de igualdade social, mas por um conceito de igualdade do que não é passageiro, a Eternidade.** Espero que tenha ajudado no que precisa. Que Deus em Cristo Jesus continue te abençoando. Nele que temos um refúgio (LIMA; LANZA; PATROCÍNIO, 2018 p. 55-56, grifos nossos).

Essa fala aponta a preocupação da pastora com a importância da luta social e conquista por direitos de negros, mulheres e LGBTI+, tem na sua igreja, afinal, o surgimento das igrejas inclusivas também é fruto desses embates e tensões políticas em um país que pretende ser totalmente democrático. Porém, trata-se de uma luta que inclui sim o movimento das minorias, em uma busca pela igualdade social e que não pode, nem deve ser minimizado pelo ideal de “Eternidade”.

Atualmente, a Igreja CR, além da Sede em São Paulo, tem filiais no Rio de Janeiro, Brasília, Campinas, Fortaleza, Praia Grande, Londrina, Natal e Araçatuba e quase sempre com o mesmo padrão estrutural, com cantinas, livrarias, vestiários e salão social. A ONG Mãos em Ação, ligada à igreja, surgiu também em 2011 e busca ajudar pessoas com traumas psíquicos, rejeições, agressões físicas, verbais e homofóbicas (LIMA; LANZA; PATROCÍNIO, 2018).

É uma igreja que tem a grande maioria de mulheres lésbicas, sendo um pouco mais de mulheres brancas do que negras/pardas, poucas travestis e mulheres trans.

Atualmente, quase todas as igrejas são lideradas por casais de mulheres lésbicas. Caberia até uma pesquisa mais a fundo sobre misandria em contraponto com a possível misoginia presente em outras igrejas inclusivas. Os pastores/as responsáveis pelas filiais recebem ajuda de custo financeira para compor a renda familiar, o que permite maior disponibilidade de tempo para a comunidade.

Assim como na Igreja Contemporânea, o dízimo é compulsório para pastoras/es e lideranças, com controle através de uma cartela assinada no final do mês. É uma igreja conservadora em seus usos, costumes e doutrina, como por exemplo, incentiva a abstinência sexual antes do casamento e proíbe o consumo de bebidas alcoólicas e tabaco.

Percebemos, então, que as igrejas Cidade de Refúgio, Acalanto, Nova Esperança e Contemporânea, trazem espaços privilegiados para o LGBTI+ exercer sua espiritualidade cristã

atrelada a sua sexualidade, a despeito de grupos religiosos conservadores e preconceituosos da sociedade brasileira. Elas usam uma teologia/hermenêutica pentecostal que rompe com o tradicionalismo protestante e pentecostal clássico.

O discurso e narrativa, de forma geral, nessas igrejas são de inclusão de LGBTI+, negros, mulheres, pobres e outras pessoas que se sentem marginalizados/as na sociedade e no campo religioso. Mas, há também nessas igrejas uma lógica moral que privilegia alguns aspectos religiosos conservadores que se distanciam de aspectos sociais tão caros às minorias, inclusive dos próprios fiéis LGBTI+s, como por exemplo, controle sobre os corpos, proibições de diferentes formas de sociabilidade e outros.

Comumente, repete-se nessas igrejas uma cultura de “demonologia” que busca livrar o fiel pentecostal da responsabilidade pelo “mal”, tanto pessoal quanto social. Essa responsabilidade é atribuída “aos demônios” e à parte do panteão africano que, no Brasil, são entidades espirituais do candomblé e umbanda. Ressalta-se que mesmo no candomblé elas não são consideradas malignas e, quase sempre, não o são na umbanda. No Brasil, há uma política de intolerância principalmente com religiões de matriz africana e grupos de tradição cristã, dentre os quais, pentecostais. Isso também ocorre nas igrejas inclusivas. Tais fenômenos podem ser objeto de pesquisas outras problematizando inclusive se o demônio não seria o racismo, a LGBTfobia ou a própria intolerância religiosa.

Pois bem, pensando na acolhida dessas minorias, incluindo de LGBTI+ negros/as, é que em nosso próximo capítulo tentaremos trazer luz ao surgimento, trajetória e características daquela que consideramos a mais preta das igrejas inclusivas, a Nova Esperança.

CAPÍTULO II

IGREJA NOVA ESPERANÇA: A trajetória de uma Igreja Inclusiva Pentecostal Negra.

“Nossas histórias se agarram a nós. Somos moldados pelo lugar de onde viemos.”

Chimamanda Adichie

Uma história oficial, quando narrada, deve pacificar os ânimos e organizar seus elementos. Ela constrói uma finalidade e confere legitimidade ao objeto. Pode-se dizer também que é olhar para trás e recontar a história sem sofrimentos e pesares, recorrendo aos mitos com sua áurea de mistério, de sobrenatural e que seguirá na memória das pessoas independente do tempo, lugar e circunstâncias (XAVIER; CORREA, 2021). Conforme aponta Eliade, o ser humano religioso traz consigo o desejo de “retornar periodicamente para trás, seu esforço para restabelecer uma situação mítica” (ELIADE, 2019, p. 82). É assim que “o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta” (ELIADE, 2019, p. 84) e conta o início de uma história, a fundação, como algo se tornou real, a atividade, o movimento criador. A partir do mito, uma história é narrada: como, graças a quais circunstâncias sobrenaturais, algo existiu, seja uma religião, uma instituição, um comportamento.

A Nova Esperança tem sua história oficial. Toda história começa pelo fim, tendo em vista a disputa pela narrativa da verdade. O desafio, portanto, é apresentar como a Nova Esperança tem construído sua própria verdade desde o seu surgimento.

2.1 O surgimento

Com base no perfil da membresia e liderança das igrejas inclusivas no Brasil e na minha própria vivência como gay, negro, pentecostal e participante/membro por mais de 15 anos da igreja Nova Esperança, é flagrante a maior participação de pessoas negras nesta igreja do que em outras comunidades inclusivas.

Posso dizer que sobre a “história” das igrejas inclusivas no Brasil apresentadas até o momento, são raras as pesquisas que espelham a realidade, pois desconsideram as vivências de fé de boa parte dos/as negros/as pentecostais que fazem uso desses espaços religiosos

entendidos pelo senso comum como “livres de preconceito” com o/a LGBTI+.

Segundo Sueli Carneiro (2017), nós “povo preto”, dentre as minorias, estamos na vanguarda das lutas pelo pleno exercício da cidadania, mas somos os que ficamos sempre para trás, ou seja, aquelas e aqueles para os quais nunca houve um projeto real e efetivo de integração social, mas que nada doravante será possível ser contado sem nós. É com esse espírito que quero contar a história da Nova Esperança, e escrever sobre seu surgimento, sua trajetória e as características mais marcantes da igreja inclusiva pentecostal mais “preta” do Brasil, isto é o que também espelha minha pesquisa de campo com entrevistas, levantamentos fotográficos nas mídias sociais, em meu acervo pessoal, em memórias e arquivos encartados e apresentados no transcorrer dessa pesquisa.

Antes de entrarmos com afinco na “história oficial” do surgimento da Nova Esperança, com o protagonismo do Pastor Justino Luís, como fruto do meu trabalho de campo, devo contar um pouco da história de Wladimir Freire. Ele foi pastor auxiliar do Pastor Justino na Nova Esperança São Paulo-Sede, conseqüentemente, meu Pastor e se tornaria Pastor da Nova Esperança Guarulhos-SP, a primeira filial. O Pastor Wladimir, já mencionado, fez parte do início da Igreja Acalanto e, depois, do início da própria Igreja Nova Esperança.

Wladimir tem formação superior como administrador de empresas e se autodenomina pardo. Ele é filho da Dona Adélia, branca, paulistana, da Lapa, e do Sr. Laudelino, negro, pernambucano, de Caruaru, sapateiro e pastor pentecostal.

O avô paterno de Wladimir, também de nome Laudelino, era negro e foi Pastor Batista no Nordeste, em Caruaru-PE, nas décadas de 40 e 50. Considerando o pouco tempo do término da escravidão negra no Brasil nessa época, há que considerar que o avô de Wladimir foi uma pessoa que teve grande vivência com ex-escravizados.

O pai de Wladimir era pastor, mas foi sua mãe Adélia, no início dos anos 80, que apresentou o pentecostalismo à família, quando levou a todos para conhecer a Assembléia de Deus próxima de sua casa, no Bairro da Casa Verde, na Zona Norte de São Paulo. No mesmo dia, Wladimir foi convidado pela “irmã Olga” para participar da Escola Dominical e se batizou, aos 14 anos, na Igreja Assembléia de Deus da Casa Verde. Aos 16 anos, tiveram que mudar de residência e morar no Bairro Tucuruvi, onde, segundo ele, descobriu-se gay e por incompatibilidade teológica, parou de ir à igreja.

Wladimir recorda que, no final do ano de 1996, foi passar um fim de semana em uma Pousada “GLS”, Leão da Montanha, em Campos do Jordão-SP. Em uma conversa informal, sobre textos bíblicos que “condenam ou não” a prática da homossexualidade entre o dono adventista da pousada e um rapaz de nome Moisés Rodrigues, negro, ex-pastor da Igreja Batista

do Morumbi e ex-integrante do grupo de louvor Vencedores por Cristo, tomou conhecimento pela fala deles de algo, a seu ver, na época, inusitado, mas ao mesmo tempo muito aceitável e até óbvio. Era o fato de, em uma exegese e hermenêutica mais honestas dos textos bíblicos, não haver alguma condenação para a prática da homossexualidade e que nos Estados Unidos já havia muitos textos teológicos sobre o assunto e que defendiam essa interpretação progressista.

Wladimir ficou encantado com a possibilidade de voltar a ser cristão dentro de uma igreja evangélica e passou a estudar os textos bíblicos considerando as informações novas.

Passado um ano, eles se reencontraram em São Paulo, em um café, com outros amigos, para conversarem sobre os textos e Moisés direcionava as leituras. Wladimir e Moisés compraram um restaurante e estabeleceram uma sociedade e, como o grupo que se reunia no café cresceu, passaram a se reunir no restaurante apenas sob o nome de grupo de estudo e oração, abaixo, na Figura 5.

Figura 5 – Grupo de Estudo



Fonte: Acervo do autor.

Conforme o relato de Wladimir, certo dia, o restaurante recebeu um pedido grande. Wladimir e Moisés foram fazer a entrega em Alphaville e quando estavam voltando receberam um convite para visitar uma “irmã de oração” de nome Elza que era deficiente visual e havia recebido o milagre de voltar a enxergar, graças a sua fé em Jesus. Assim que eles entraram na casa da mulher, ela disse: “Deus trouxe vocês aqui!” Ela olhou para o Wladimir e disse: “hoje coloco nas suas mãos um rebanho de pessoas especiais”. Ele ficou muito feliz, mas ainda não estava confortável com a possibilidade de ser gay e cristão, muito menos de liderar um grupo de fiéis. Segundo ele, os encontros para estudo, louvor e oração e a possibilidade de novas

amizades eram muito bons, mas não queria nada mais que isso.

Segundo Wladimir, seu entendimento sobre o que Deus queria começou a mudar quando duas pessoas frequentadoras dos encontros disseram que queriam se “converter” ao evangelho, ser batizadas e passar a ser cristãs e seguidoras dos ensinamentos bíblicos de Jesus. Uma era seu namorado Luís, agnóstico, e o outro Acácio, espírita kardecista. Essas duas “conversões” fizeram com que Wladimir acreditasse na possibilidade de ser gay, cristão e, enfim, passar a ser um ajudador para conduzir mais pessoas LGBTI+ para o caminho de Jesus.

Logo depois dessa experiência, alguém levou para a oração uma matéria que havia saído no Jornal Folha de São Paulo, dizendo haver um grupo de estudiosos da USP se reunindo no CAHEUSP, na Rua Maria Antônia, e quem liderava esse grupo era um Pastor e gay de nome Victor. Assim, em 1998, os grupos de Wladimir e Victor partilharam as ideias e se reuniram no restaurante. Nesse momento, surgiu o novo nome para o grupo, que passou a se denominar Acalanto.

A partir desse momento, Wladimir continuou assíduo no grupo, porém, a figura do Pastor Victor passou a ser a cara pública do movimento. O restaurante foi vendido. Moisés Rodrigues, por problemas pessoais, teve que voltar para casa da família em Ribeirão Preto-SP e, com isso, as reuniões mudaram para o escritório de um advogado amigo na Alameda Barros, já com o Pr. Victor Orellana direcionando as reuniões.

Houve um episódio lamentável com a equipe do apresentador Ratinho do SBT e uma matéria jornalística, sem autorização, expôs e ridicularizou os fiéis por serem gays e cristão em horário nobre da Televisão, obrigando o grupo a sair da Rua Alameda Barros e se transferir para o Bairro de Santana (REVISTA LADO A, 2016). Neste espaço, o Pastor Justino com mais dois amigos conheceria a Igreja Acalanto, história que será retomada mais à frente. Vamos, primeiro, ao ano de surgimento da Igreja Nova Esperança.

O ano era 2004, muito peculiar para mim. No esporte tivemos a festa que une os continentes, raças e povos, as Olimpíadas. O evento, em Atenas, seria a segunda Olimpíada que minha irmã Kelly da Silva Santos participaria como atleta do basquetebol feminino. Anteriormente, ela havia ganhado a medalha de bronze, nas Olimpíadas de Sydney, em 2000. Eu, como “bom religioso”, pedia nas minhas preces que ela ganhasse mais uma medalha e trouxesse mais projeção e esperança para tantas outras meninas como ela, jovens pretas da periferia de São Paulo.

Kelly e a equipe ficaram em quarto lugar, ou seja, entre as 4 melhores equipes de basquetebol feminino do mundo. Excelente campanha olímpica. Lembro da minha irmã dizendo que aquela olimpíada, de 2004, tinha um recorde de participação de mulheres, em torno

de 122 de um total de 247 brasileiros/as. Dentre essas mulheres, uma “menina” preta se destacou encantando o mundo. No solo da ginástica olímpica, ela se apresentou ao som da música brasileiro de Waldir Azevedo, era Daiane dos Santos, na época campeã mundial.

Outra memória que tenho desse ano foi o prêmio nobel da paz, o primeiro entregue a uma pessoa do continente africano, no caso uma mulher negra, ambientalista e acadêmica, Wangari Maathai, que não media esforços para lutar pela preservação das florestas e do meio ambiente, fundadora do movimento Cinturão Verde Pan-africano, no Quênia, e responsável por ajudar a plantar 30 milhões de árvores.

Esse foi o ano em que conheci e participei pela primeira vez de um culto evangélico, em uma Igreja Inclusiva. Na época eu tinha 32 anos, era muito religioso e frequentava uma Igreja Evangélica tradicional chamada O Brasil para Cristo, na Vila Jacuí, no extremo da Zona Leste de São Paulo, Capital. Lá, após uma reunião de oração conversando com uns amigos, tomei conhecimento, através de uma revista chamada Época, de uma igreja de nome Acalanto que acolhia pessoas LGBTI+, no Bairro de Santana. Como eu já estava desconfortável naquela igreja, devido à minha orientação sexual, resolvi ir visitar a Igreja Acalanto.

Quando cheguei, com um amigo, fomos muito bem recepcionados na entrada por um jovem negro, magro, alto, chamado Anderson. O culto já havia começado e estavam cantando músicas que me eram familiares. Houve um sermão muito bem explicado, confortador e a liturgia era muito agradável. Vale ressaltar que, na época, a única igreja inclusiva que se tinha conhecimento em São Paulo era a Igreja Cristã Acalanto dirigida pelo Pastor Victor Ricardo Soto Orellana e fundada no ano de 2002 (FEITOSA, 2018).

Dentre seus frequentadores, havia o alagoano Justino Luiz de Oliveira, negro e já pastor pentecostal, porém afastado do sacerdócio em sua igreja de origem devido à sua orientação sexual. Nesta nova comunidade de fé inclusiva, liderava uma reunião de oração pentecostal, às quintas-feiras à noite, com o tema bíblico “... alegrai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação e perseverai em oração” do livro de Romanos 12:12 (OLIVEIRA, 2014). Eu não frequentava essa reunião porque somente podia comparecer na igreja aos domingos.

Em um desses domingos que retornei para participar do culto, a igreja estava fechada a alegação foi que: haviam acontecido discordâncias teológicas internas; a quantidade de membros diminuído; e por não ter alguém para assumir os compromissos financeiros, resolveram fechar. As poucas pessoas que lá estavam disseram que iriam para outra igreja que havia inaugurado no Centro de São Paulo, na Praça da República. Foi dessa forma que, no ano de 2004, conheci a Comunidade Cristã Nova Esperança (CCNE), hoje denominada apenas de Nova Esperança.

Feitosa (2018) relata que, no mesmo ano de 2004, por tensões internas não documentadas oficialmente, a Igreja Cristã Acalanto viveu um declínio, o que culminou com o afastamento de alguns membros e líderes, surgindo a partir de então outras igrejas inclusivas, dentre essas a Comunidade Cristã Nova Esperança. Observemos nas palavras do Pr. Justino, a vivência e tensões na Igreja Cristã Acalanto e o nascimento da Igreja Nova Esperança:

A reunião daquela igreja era muito moderada para nossos hábitos, mas garantia a nossa porção semanal da Palavra. E era realizada num pequeno apartamento, num bairro do Centro de São Paulo. Por ser um apartamento, chegávamos no horário do culto e íamos embora. Assim que acabava, não havia possibilidade de se estabelecer vínculo de amizade. Até que surgiu a possibilidade de alugar um espaço no bairro de Santana, ali realmente se formou uma igreja e agora tínhamos como conhecer as pessoas, conhecer o pastor (...). Começamos a nos envolver com a igreja e seu trabalho e, a partir daí, começamos a ter divergências com o pastor. Em julho de 2004, saímos desta igreja. Tempos depois, um irmão (que também já havia saído desta mesma igreja como tantos outros) me telefonou, convidando-me a participar de um grupo de oração e estudo. Na ocasião, a minha pergunta foi a seguinte: vocês pretendem abrir uma nova igreja? A resposta foi “não” (mas nossos pensamentos não são os de Deus). A cada reunião que fazíamos mais e mais pessoas chegavam, ao ponto de termos 40 pessoas num lugar onde mal havia espaço para 20. Era inevitável ter que providenciar outro espaço. Assim, foi necessário alugar um lugar maior para acomodar aquelas pessoas. No começo, ganhamos algumas cadeiras, um retroprojeter, dois ou três ventiladores, certamente tudo providenciado por Deus. Percebemos que, mesmo que quiséssemos parar, já estávamos num ponto em que não poderíamos. Era como se estivéssemos sendo impulsionados por Deus a fazer a igreja acontecer, e jamais poderia esquecer... Porque, pois, desprezar esses humildes começos? (Zacarias 4:10). Quando pensamos em um nome, vinha ao meu coração um trecho do livro de Romanos 12:12: “... alegrai-vos na Esperança, sede paciente na tribulação e perseverai em oração”. Assim nasceu o nome COMUNIDADE CRISTÃ NOVA ESPERANÇA, pois uma NOVA ESPERANÇA providenciou Deus para nós que já não a tínhamos. E, desde então, aqui temos alegria, aqui temos comunhão, aqui não há hipocrisia, aqui é o lugar que o próprio Deus separou para nos reconciliar com Ele mesmo. Diariamente, no meu coração e na minha boca, dou graças a Deus por haver nascido uma NOVA ESPERANÇA” (OLIVEIRA, 2014, p. 33-34).

Em muito pouco tempo ela teve um crescimento exponencial, pois como já relatado pelo Pastor Justino “mesmo que quisessem parar não daria mais, pois havia nascido uma NOVA ESPERANÇA” (OLIVEIRA, 2014, p.34). Perceberíamos, ainda, no discurso sobre o surgimento da Igreja, o texto sagrado/bíblico de Romanos 12:12:

Havia muitas igrejas no mundo, mas não havia uma que incluísse todos. E nós não estamos falando em falta de espaço, neste mundo tão grande. Não estamos falando de falta de espaço nos templos ou nas capelas. Estamos falando de falta de espaço no coração das pessoas, no coração das igrejas. Mas, meus queridos, maior é o coração de Deus [...] sempre haverá espaço para todos os filhos que O procuram (OLIVEIRA, 2014, p. 7).

Se realmente a igreja Nova Esperança se transformaria em local de acolhimento e inclusão para as pessoas LGBTI+ que são negras, eu ainda não sei, mas o ano de 2004 restou muito peculiar na minha vida enquanto ator social religioso negro, *gay* e pentecostal, seja pelas

vivências no esporte, na vida e obra do prêmio nobel da paz, seja pela descoberta de um espaço onde pude exercitar minha fé livremente como sou.

2.2 A trajetória

As reuniões na Igreja Nova Esperança pareciam muito com a de uma igreja “tradicional” pentecostal, com muitos louvores “fervorosos”, muita oração em voz alta e muita ministração eloquente da palavra. Assim, eu me adaptei muito rápido.

Havia pouco apelo financeiro, sempre que alguém assumia a frente, ou seja, no púlpito, para falar de ofertas e dízimos, era enfatizado que os valores recolhidos seriam para pagar os gastos com a igreja, tais como aluguel, telefone, produtos de limpeza e compra de cestas básicas para os mais “humildes”. Era frisado, também, que todos/as que trabalhavam na igreja, desde obreiros/as aos pastores/as, não eram remunerados. Podemos perceber tal atitude, quando analisamos o Estatuto regimental da igreja. A Clausula 22 diz que “a diretoria executiva da igreja, não perceberá nenhum tipo de remuneração de qualquer espécie ou natureza pelas suas atividades exercidas na igreja” (ESTATUTO DA IGREJA NOVA ESPERANÇA, 2010, p. 8). Já sobre a remuneração de obreiros/as e pessoas fora da diretoria executiva, o Estatuto é silente. Entretanto, é importante mencionar que todos/as que “trabalham” na igreja assinam um termo de voluntariado.

A igreja, nos anos de 2004 a meados de 2006, ficava localizada na Rua Amaral Gurgel, 380, curiosamente em cima de um *sex shop* e ao lado de um motel. Por isso, na frente e na rua lateral da igreja havia muitos/as profissionais do sexo trabalhando. Para entrar na igreja, era necessário subir uma longa escada, acessada através de um portão lateral, ao lado do *sex shop* e da entrada do motel, que, por sua vez, também era acessado por um portão lateral com longa escada. Assim, por vezes, subiam a escada da igreja pessoas que queriam ir ao motel e cuidadosamente era necessário que o/a obreiro/a escalado/a esclarecesse o “mal-entendido” e as pessoas retornavam.

Para o pastor Justino, a aprovação da igreja teria ocorrido na manhã do primeiro batismo da igreja Nova Esperança. Segundo ele, “naquela manhã 6 dos irmãos estavam decididos por Cristo e resolveram descer as águas batismais... dois desses catecúmenos receberam neste dia a maravilhosa experiência de serem selados com o poder do Espírito Santo de Deus, evidenciado na manifestação de línguas, era a aprovação de Deus no compromisso da igreja” (OLIVEIRA, 2014, p. 16). Isso se refletiria no perceptível crescimento do trabalho realizado pela comunidade. Nas palavras do pastor:

[...] a nossa certeza era de que realmente cresceríamos como uma família geradora de sacerdotes, voltamos para São Paulo crendo que a partir deste momento necessitávamos nos estruturar ainda mais, para recebermos aqueles que viriam, e assim aconteceu em nosso espaço no número 380 da Rua Amaral Gurgel, que se mostrou acolhedor apenas para o início da igreja (OLIVEIRA, 2014, p. 16).

Posteriormente, o espaço no número 380 ficou pequeno e surgiu a necessidade de outro lugar, que seria a poucos metros deste, no número 292, agora em cima de uma grande loja de água mineral, como expressa o pastor: “o proprietário mostrou-se interessado em fechar contrato conosco e assim o fez com um preço muito bom para uma igreja iniciante” (OLIVEIRA, 2014, p. 17). Na época, perguntei ao Pastor Justino o porquê da igreja estar agora no número 292, e ser novamente em uma sobreloja, e ele esclareceu que um dos motivos era o cuidado e segurança dos fiéis, pois os *Skinheads*³² continuavam a atacar pessoas nas proximidades da igreja, me remetendo ao assassinato do homossexual negro Edson Neri da Silva de 35 anos (OBSERVATÓRIO G, 2020), na madrugada do dia 7 de fevereiro de 2000, na Praça da República. O primeiro culto, no novo espaço, foi celebrado no dia 8 de agosto de 2004, e reuniu um grupo majoritariamente constituído por homens gays, conforme Figura 6, à seguir

FIGURA 6 – Primeiro Culto Igreja Nova Esperança



Primeiro culto – Pastor Justino em pé (primeiro salão de cultos)

Fonte: Acervo pessoal.

A estratégia do funcionamento em sobreloja foi acolhida nas filiais que surgiriam nos anos seguintes. Outro motivo de manter-se a igreja na região e na mesma rua seria, segundo Justino, por uma estratégia evangelística.

³² Jovens brancos de cabeças raspadas simpatizantes do neonazismo e disseminam discursos de ódio contra homossexuais, negros, judeus, imigrantes e nordestinos

As estratégias evangelísticas do Pastor Justino estavam dando resultado, pois a igreja crescia em quantidade e qualidade. O caráter evangelístico perdura até os dias atuais, tendo em vista o anúncio na plataforma digital “Guia Gay São Paulo” da programação da igreja (GUIA GAY, 2022), Marcelo Natividade (2008) narra essa expansão. Ele informa que a Nova Esperança tinha duas novas “células”, Guarulhos e Osasco, além de grupos em Natal, no Rio Grande do Norte, em São Luiz do Maranhão. Por ser uma igreja pentecostal e missionária, tinha também “intenções” de grupos no exterior, especificamente, em Buenos Aires, na Argentina e em Lisboa, Portugal.

Nessa trajetória, a igreja Nova Esperança se organizou em departamentos e ações eclesiais para atender as demandas das pessoas LGBTI+. Esses departamentos eram os ministérios de louvor, intercessão, casais, surdos e mudos, artes, ação social, educação cristã, acolhimento de idosos/as, comunicação e de cuidado com pessoas com HIV/AIDS ou com doenças crônicas (OLIVEIRA, 2015). Afinal, como nos lembra Natividade (2008), ser Igreja inclusiva pentecostal não a exclui de ser ativista e comprometida com os direitos humanos, principalmente de pessoas portadoras de DSTs E AIDS.

Assim como Natividade (2008), Fátima Weiss (2012) narra o viés pentecostal da Igreja Nova Esperança, ao analisar a fala de uma mulher frequentadora que dizia que quando estava nesta igreja ouvindo o pastor pregar, era o mesmo que estar em uma Igreja Assembléia de Deus, uma das maiores igrejas pentecostais do Brasil e do Mundo. Sua fala caracteriza a forte relação entre pentecostalismo e as formas de vivenciar a fé de pessoas que procuram igrejas inclusivas após se desligarem de igrejas tradicionais, principalmente, das pessoas pretas com suas histórias de vida e que buscam a liberdade de expressão religiosa.

Para além do trabalho ativista e pentecostal da Igreja Nova Esperança, Weiss (2012) nos apresenta uma marca proselitista, ao analisar o “evangelismo” desta comunidade de fé, à época, realizado na Parada do Orgulho LGBT, visando retirar os/as homossexuais da “promiscuidade” e da “imoralidade” por meio do ativismo religioso. Na Figura 7, à seguir, podemos ver a presença dos pastores Wladimir Freire e Justino Luís, que estavam no primeiro evangelismo da Nova Esperança, na parada gay:

FIGURA 7 – Evangelismo na Parada *Gay*



Primeiro Evangelismo na Parada LGBTI+ 2005: Pr. Wladimir e Pr. Justino
 Fonte: Acervo pessoal.

Devemos acrescentar às visões e digressões de Natividade (2008) e Weiss (2012), a pesquisa de Eduardo Lima Rodrigues (2009), que nos apresenta a Igreja Nova Esperança, a partir de seus cultos, reuniões e eventos internos, além das representações sociais de pastores, externando o fervor e acolhimento do “evangelho inclusivo pentecostal”.

Segundo Rodrigues (2009), a partir de 2004 foram desenvolvidos distintos trabalhos pela igreja. Foi nesse período que ocorreu a primeira “festa cor de rosa” na Nova Esperança, abaixo, na Figura 8:

FIGURA 8 – Festa Cor de Rosa



Primeira festa cor de Rosa
 De azul, Wilson Cravo. De rosa, Thiago Calixto (*in memoriam*)
 Fonte: Acervo pessoal.

E, também, “o primeiro batismo”, na Figura 9:

FIGURA 9 – Primeiro Batismo



Primeiro batismo da CCNE, em São Lourenço da Serra
 Da esquerda para a direita: Pr. Justino, Esdras, Wladimir, Jorge, Esdras, Wladimir e Thiago
 Fonte: Acervo do autor.

O crescimento foi tão orgânico e instantâneo que, com pouco tempo para atender a grande demanda, os cultos passaram a ocorrer às terças, 20h, às quintas, 20h e aos domingos, 17h e 19h, cada um dos dois cultos com cerca de 150 pessoas. Aos sábados, 17h, havia um grupo de acolhimento aos recém-chegados que se chamava Canta Esperança. Às segundas-feiras, 20h, havia um bate-papo chamado grupo de convivência, com profissionais da saúde e psicólogos/as.

Na época, final dos anos 2000, esta igreja inclusiva pentecostal era a que reunia o maior número de fiéis, tendo por base a quantidade de filiais (NATIVIDADE, 2008; RODRIGUES, 2009; WEISS, 2012), à exemplo de Rodrigues:

[...] Comunidade Cristã Nova Esperança, possivelmente a maior igreja inclusiva do Brasil. Acredito que boa parte de seu sucesso, enquanto igreja, deve-se ao fato dela ter uma orientação pentecostal, ramo que no Brasil costuma atrair muitos fiéis. É preciso salientar que as filiais que esta igreja possui pelo Brasil são de certa forma autônomas, já que em sua maioria foram criadas por pessoas que se identificaram com o modelo de igreja e sob orientação dos pastores da sede, abriram filiais da Comunidade Nova Esperança em seu município. De qualquer forma a Comunidade Nova Esperança é a igreja inclusiva de São Paulo em que atualmente o maior número de fiéis congrega e é também a igreja que possui a estrutura mais organizada, com vários ministérios e um escritório que lhe serve como sede” (RODRIGUES, 2009, p. 83).

Para atender a demanda havia um plantel de auxiliares, dentre esses, pastores diáconos, presbíteros intercessores, etc., todos/as organizados/as em equipes, uniformizadas e

identificadas que podiam ser acionados pelos frequentadores para auxílio, antes, durante e depois dos cultos, com informações e apoio emocional na hora das orações, louvores e ministração da palavra. Este plantel de apoio não é remunerado e isto consta dos documentos oficiais da igreja, como Estatuto e regimento interno.

Rodrigues (2009) confirma que os cultos da Nova Esperança eram permeados por muita música e palmas, que favoreciam um clima de êxtase, orações fervorosas em voz alta e glossolalia constante. A igreja, no momento do louvor, acompanha as músicas através de projeção em um telão. O momento do ofertório acontece após o louvor, quando uma pessoa assume o púlpito e incentiva os fiéis a contribuírem para pagamento dos compromissos financeiros, como aluguel, água e luz. Antes da ministração da palavra principal são oportunizados depoimentos de bênçãos, curas etc. O sermão é feito por um pastor ou pastora, geralmente em textos do Novo Testamento e, como já apreendido por Weiss (2012), há forte ênfase na “libertação da promiscuidade”.

Os cultos e rituais pentecostais com grande efervescência e liberdade corpórea são marcas que vêm desde muito tempo sendo atravessados pela vivência negra, inclusive no Brasil, que tem a maior população negra fora da África e que foi o último país a abolir a escravatura.

Fato é que esse protagonismo pentecostal LGBTI+, que atravessa a vivência de pessoas pretas, fez da trajetória da Nova Esperança um sucesso, ao ponto de ser homenageada na pessoa de seus pastores/as na Câmara Municipal de São Paulo ao completar 10 anos, pelos serviços prestados a comunidade de fé LGBTI+ (CAMARA MUNICIPAL DE SP, 2014, s/p), conforme podemos ver na Figura 10:

FIGURA 10 – Homenagem à Igreja Nova Esperança



Da esquerda para a direita:
 Pastor Esdras, pastor Wladimir,
 Pastor Justino, Vereador
 Floriano
 Pesaro (PSDB-SP), Cássio
 (Coordenador de políticas para
 LGBTs da Secretaria de Direitos
 Humanos do Estado de São
 Paulo) Pastora e Teóloga
 Metodista Fernanda Cavotti,
 Átila dos Santos

Fonte: Acervo do autor.

A homenagem foi iniciativa do então Vereador Floriano Pesaro (PSDB) em sessão solene do dia 20 de agosto de 2014 no Salão Nobre. Foi publicada uma nota no jornal da Câmara Municipal de São Paulo com o seguinte teor:

A Câmara Municipal realizou uma sessão solene em homenagem aos dez anos da CCNEI (Comunidade Cristã Nova Esperança) na noite desta quarta-feira (20/8), no Salão Nobre da Casa, em iniciativa do vereador Floriano Pesaro (PSDB). A CCNEI surgiu com o objetivo de acolher o público LGBTI+, mas sem destoar dos princípios bíblicos, como explica o pastor Justino Luis de Oliveira, presidente da Comunidade. Surgimos do desejo de estudar a palavra de Deus e orar, mas também da indignação de pessoas que eram excluídas dos seus templos, religiões, enfim, por igrejas ditas conservadoras. Nós começamos a nos reunir com a intenção de fazer um grupo de oração, não tínhamos noção da proporção que isso se tornaria, chegando hoje em nível mundial, disse. O pastor Átila Augusto dos Santos falou sobre os desafios de uma igreja com o perfil da CCNEI. O preconceito, na verdade, sempre vai existir, e nós enfrentamos isso com naturalidade. Apesar das dificuldades, temos mostrado que viemos para ficar. Nosso grande desafio é, sem dúvidas, chegar a outros estados e aumentar o alcance nacional da Nova Esperança, esclareceu. A Câmara Municipal homenageia hoje uma igreja que eu considero extremamente democrática, sem abrir mão dos preceitos cristãos. Parabenizo aos pastores que se dedicam ao próximo dando afeto, carinho, acolhimento e alimentando a fé, comentou Pesaro (CAMARA MUNICIPAL SP, 2014, S/P).

Isto mostra, na trajetória da Igreja, o exercício da cidadania e de respeito à comunidade LGBTI+, o que veremos também a seguir com algumas características marcantes da Nova esperança.

2.3 Características marcantes

A Igreja Nova Esperança é uma das mais resistentes e duradouras igrejas inclusivas. Como já demonstrado, esta comunidade é pioneira há quase 20 anos no campo religioso pentecostal inclusivo e tem hoje sua unidade Central sediada no Centro Urbano da Capital Paulista. Gostaríamos de analisar, assim, fatores para além da fé que possam contribuir ou não para essa maior adesão do LGBTI+ negro/a, a partir da pesquisa de campo.

Considerando uma análise da mídia social Facebook desta Comunidade, a minha própria vivência nesta Igreja, por 15 anos e cultos/reuniões/eventos/seminários/palestras dos quais participei, podemos dizer que ela é:

1. Uma igreja predominantemente negra, inclusive pastor e demais lideranças, com seu líder e fundador negro.
2. Majoritariamente do gênero masculino, por volta de 70%;

3. Com média de idade 40 anos;
4. Em média 30% tem curso superior.
5. O sacerdócio também é exercido por mulheres em sua maioria negra;
6. A liturgia e cultos são muito vinculados com a vertente pentecostal; e
7. A grande maioria dos fiéis usam o transporte público para se locomover aos cultos.

Os membros são de diversas regiões de São Paulo, inclusive da extrema periferia, como Itaquera, Vila Maria, Santana, Artur Alvim, Sapopemba, São Mateus, Jardim Nakamura, Campo limpo, Capão Redondo e de alguns municípios de algumas cidades da Região Metropolitana de São Paulo, como Osasco, Carapicuíba, Guarulhos e Santo André.

Embora sediada no “Centro” urbano, e com pautas ativistas, quando interseccionamos alguns marcadores sociais verificam-se o quanto que há de periférico e desigualdade dentro dessas igrejas, inclusive na composição, estrutura e liturgia que reverberam ou não no exercício da fé do LGBTI+ Negro/a pentecostal.

Além da já mencionada internacionalização da Igreja nova Esperança, destacamos seu protagonismo na iniciativa de igrejas inclusivas no Nordeste brasileiro. É desse trabalho evangelístico e missionário da Igreja Nova Esperança que surgiram tantas outras igrejas inclusivas no Nordeste. Sobre a quantidade de adeptos, chegaram a aproximadamente mil pessoas, levando em consideração a fala do Pastor Justino: “Não tenho números exatos de quantas pessoas batizei (...) mas acredito que mais de mil pessoas contando os batismos realizados em todas as CCNEIs do Brasil” (Entrevista de campo em 11 de abril de 2022).

Durante esses anos, eu presenciei alguns pastores e pastoras, todos/as da linha teológica pentecostal, de outros países, virem conhecer e participar de atividades como aniversários, congressos e seminários da Nova Esperança, tais como:

1. Daniel Centeno – Tuxtla Gutierrez – México;
2. Sandra Turnbull, da Igreja Glory Tabernacle Christian Center, Miami, EUA;
3. Alejandra Finucci, da ICM Florencio Valera, Argentina; e
4. Pastora Yoharaliz Negron Torres, da Iglesia Cristo Rey, Bayamon, Puerto Rico.

Isso demonstra o protagonismo desta igreja em formar alianças com igrejas pentecostais internacionais.

Uma outra característica marcante da Nova Esperança é o papel que ela tem na iniciação e/ou atuação de novos líderes, pastores/as, formadores/as de outras igrejas e coletivos inclusivos, a exemplo da Pastora Lanna Holder, do Reverendo Cristiano Valério e da Mulher Trans Jacque Chanel.

A já apresentada pastora Lanna Holder, com sua esposa Rosania Rocha, antes de fundar a Igreja Cidade de Refúgio, em 2010, frequentou os cultos da Nova Esperança de Guarulhos e também da Sede no Bairro República no Centro de São Paulo, onde, por vezes, conduziu a exposição da palavra e também participava como ouvinte. Ao ser perguntada sobre essa participação na Nova Esperança, por meio do aplicativo WhatsApp, ela disse que:

[...] na ocasião o que posso te dizer é que o Pastor Justino era o pastor mais próximo que eu tinha tido essa referência de igreja inclusiva no Brasil. Não conhecia ICM, nunca tinha ido em um culto específico, não conhecia a Contemporânea, nem outras igrejas que haviam na época. Como antes da Cidade de Refúgio nascer eu estive umas três ou quatro vezes na CCNE, então o Pastor Justino era para mim e para a Rosânia essa referência inicial que eu tinha na época... Lembro do Pastor Justino indo na minha loja na Rua Conde de Sarzedas³³, sim (Entrevista de campo, 28/04/22, 12h31).

A Nova Esperança foi a primeira igreja inclusiva pentecostal que a Pastora Lanna Holder conheceu e se sentiu à vontade a ponto de ser frequentadora e pregadora em algumas ocasiões. Com o passar do tempo, Lanna preferiu seguir seu sentimento de fundar a sua própria Igreja, em junho de 2011. Na inauguração, muitos dos líderes e pastores de igrejas inclusivas estiveram presentes.

Outra liderança que ia frequentemente na Nova Esperança era o Cristiano Valério, hoje Reverendo da ICM, coordenador geral das Igrejas da Comunidade Metropolitana do Brasil e América Latina. Ele é, também, Dr. Honoris Causa pelo Instituto Anglicano de Teologia. Eu o conheci ainda no ano de 2003, na Igreja Acalanto liderada pelo Pastor Victor Orellana, e ele foi um dos meus primeiros amigos no meio inclusivo evangélico. Lembro que, quando houve a ruptura de parte dos membros da Igreja Acalanto e o surgimento da Nova Esperança, ele preferiu fundar a Igreja Para Todos com a Pastora Indira.

Como Pastor e co-fundador da Igreja Para Todos, a sua frequência nos primeiros anos da Nova Esperança, nos anos 2004 a 2006, dava-se através de pregações nos cultos de domingos, reuniões de convivência às segundas-feiras e falas informais com a liderança da Nova Esperança, que gerava sempre ideias para melhoria da comunidade LGBTI+ Cristã. Desses encontros, tivemos a ideia de realizar grupos de debate sobre as nossas vivências.

Quando já Pastor da ICM, a participação de Cristiano se dava nos seminários e mesas de debate, presididas por mim e realizadas todos os anos quando da semana de comemoração de aniversário da Igreja que geralmente ocorriam no mês de agosto, como podemos ver na Figura 11:

³³ Conde de Sarzedas é uma importante rua comercial localizada no centro histórico de São Paulo no bairro da Sé. Atualmente é um dos maiores centros comerciais de produtos evangélicos do país.

FIGURA 11 – Painel de Debates Nova Esperança



Painel de debates Comunidade Cristã Nova Esperança, 2014
 Cristiano Valério (2º da esquerda para a direita)
 Fonte: Acervo do autor.

No 11º aniversário da Nova Esperança, em 2015, como fruto desses painéis de debate e seminários realizados desde o início da igreja com a cooperação e participação principalmente do Reverendo Cristiano Valério, lançamos uma publicação pela editora Metanoia, intitulada “Panorama Homoafetivo: Perspectivas Cristãs de Inclusão LGBTI+” (SANTOS, 2015). O compilado de artigos buscava apresentar avanços ou retrocessos dos últimos 10 anos, na área de atuação de cada profissional tendo como base o/a LGBTI+, cristão/ã ou não, tentando pensar discursos que permeiam classe, gênero, raça/etnia e religião.

Outro Pastor e líder inclusivo do Brasil, muito presente na Nova Esperança é o Reverendo Márcio Retamero³⁴, de tradição Presbiteriana. Retamero contribuiu com o debate ecumênico religioso cristão, promovendo o diálogo teológico Calvinista com a tradição pentecostal e vice-versa. Participaram desta publicação:

1. Cristiano Valério (Pastor - ICM);

³⁴ Foi Pastor da ICM Rio de Janeiro de 2005 a 2016, foi articulador LGBTI+ no Congresso Nacional na primeira gestão do Deputado Federal Jean Wyllys e Marta Suplicy, consultor do MEC para assuntos da diversidade e colunista do site MIX BRASIL e A CAPA.

2. Alexandre Feitosa (Teólogo e bacharel em Letras - UnB);
3. Eduardo Meinberg Maranhão (Doutor em História Social - USP);
4. Elaine Constantino (Teóloga e Contadora – F.I. Campos Salles);
5. Adriano dos Santos (Médico radiologista - UFPE);
6. Esdras Xavier (Pastor e filósofo - USJT);
7. Fernanda Cavotti (Teóloga - UMESP);
8. Geraldo Carvalho (Doutor em enfermagem - USP);
9. José Mario Brito (Mestre em Educação - UFPR);
10. Lucyano Jorge (Pedagogo e historiador - USP);
11. Renata Lourenço (Assistente Social - FMU);
12. Márcio Retamero (Pastor - ICM); e
13. Átila Augusto dos Santos (Pastor e Advogado - UNICSUL).

A maior parte dos autores e autoras, cerca de 80%, é negro/a LGBTI+ e vivenciava sua fé cristã na Nova Esperança. Penso que aqui cabe falar um pouco mais das minhas vivências na Nova Esperança e o meio Cristão Inclusivo em São Paulo. Quando conheci a igreja inclusiva, de início me senti acolhido e representado, afinal era apresentado nos sermões das reuniões uma hermenêutica mais “honesta” e “coerente” dos textos bíblicos, como o de Atos 10:34; “Então, falou Pedro, dizendo : Reconheço por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas; (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p.737; também de Gálatas 3:28 “Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo; nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” ; (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p.785; e de João 10:16 “Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor” ; (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p.717)

Os grupos de convivência cristãos eram entre “iguais” e eu podia exercer minha fé como sou, na “minha verdade”. A liturgia envolvente e amorosa me levava a uma liberdade cultural jamais antes experimentada. Com o passar do tempo fui tomado de uma grande inquietação, quando percebi que alguns textos bíblicos, inclusive acima citados, apresentavam um “ideal” e não da realidade vivida por mim e mais alguns Negros *Gays* Pentecostais, afinal, não eram essas pessoas que detinham a tomada de decisão nesses espaços, não eram essas pessoas que primeiro conseguiam um/a namorado/a, mas eram essas pessoas que tinham seus corpos pretos repreendidos para se conterem ao “receber o Espírito Santo” e que eram colocadas para cantar nas últimas posições do coral e outras situações. Se todos/as são iguais perante a lei, e perante Deus, eu e meus “iguais”, LGBTI+s Negros/as, numa igreja inclusiva pentecostal, tínhamos o mesmo potencial e fé dos/as demais participantes.

Eu já era advogado, desde 2001, mas devido a essas demandas na igreja me empenhei em estudar Teologia, e me formei Bacharel em 2017. No ano seguinte, 2018, fui convidado pelo Reverendo Cristino Valério (ICM) para participar do primeiro Congresso de Igrejas Inclusivas, na Igreja Anglicana da Paróquia da Santíssima Trindade, em São Paulo, que debateria o lugar do LGBTI+ nas igrejas.

FIGURA 12 - I Congresso Igrejas E Comunidade LGBTI+



Reunião do Congresso na Igreja Anglicana da Paróquia da Santíssima Trindade em São Paulo
Fonte: Revista Brasil de Fato, 2019.

Neste congresso, eu, negro retinto, percebi que essas pessoas há muitos anos pensavam e articulavam “igrejas, coletivos e movimentos inclusivos”, temas que me interessavam e interessam. Ali, percebi a importância de pesquisar sobre as igrejas inclusivas pentecostais com viés étnico-racial numa tentativa de contribuir para a “luta” por igualdade das minorias sociais, dentre esses os Negros/as LGBTI+ Pentecostais.

Outra liderança, com a qual convivi na Nova Esperança, foi Jacque Chanel, articuladora do então Ministério Sefora’s de Travestis e transexuais da CCNE (2014), e que posteriormente passou a se chamar Projeto Sefora’s de Travestis e transexuais (2016) e hoje está atrelada a Igreja Trans ICM Sefora’s (2021). Conheci a Jacque Chanel, em 2013, na Escola Bíblica da Nova Esperança quando eu era professor de Novo Testamento e Teologia Inclusiva. Ela era muito aplicada e inteligente. Com pouco tempo, já detinha conhecimentos básicos sobre teologia inclusiva e *queer* e despontou como uma líder das mulheres trans e travestis que frequentavam os cultos e também de algumas que trabalhavam nas proximidades ou que estavam em situação de rua no centro de São Paulo. Curiosamente, as aulas da Escola Bíblica

aconteciam todas as segundas-feiras das 19h30 às 21h30 no prédio da administração da igreja e foi ali mesmo que, em 2014, o Ministério Sefora's nasceu e conduziu suas reuniões às quartas-feiras das 19h30 até as 21h30. Abaixo, Figura 13, com o anúncio da Consagração de Jacque Chanel:

FIGURA 13 – Convite para Consagração e Apresentação de Jacque Chanel



Folder de anúncio da consagração de Jacque Chanel
Ministério Sefora's
Fonte: Acervo do autor.

Hoje em dia, o trabalho e dedicação da Jacque Chanel é reconhecido e respeitado em várias esferas da sociedade e não somente no campo religioso. Posso dizer que naquela época, eram poucos/as que tinham coragem de se mostrar como LGBTI+ Cristão. Assim, penso que por necessidade de exercício livre da fé e como ato de resistência, a Nova Esperança surge, se consolida e começa, direta ou indiretamente, a formar líderes e em sua grande parte negros/as, mesmo que depois a igreja Nova Esperança tenha embranquecido. Portanto, uma das características da Nova Esperança é o protagonismo na projeção e/ou “start” para lideranças que potencializariam o mundo LGBTI+ Cristão e evangélico no Brasil com inúmeras outras igrejas e coletivos.

Um exemplo disso é CEI – I Café Eclesiástico Inclusivo. Uma iniciativa da Nova Esperança que ocorreu, em 2012, nas dependências da Igreja Cidade de Refúgio. Vemos, na

fala do Pastor Justino, um pouco do que acontecia com as Igrejas Inclusivas naquela época, como depredações:

Não podemos ser hipócritas e dizer que não há diferenças entre nós, elas são muitas, de ideias, costumes, doutrinarias, “coisas que achamos bíblicas, coisas que não achamos bíblicas” atitudes que são tomadas por um irmão ou por pastores, que eu ou de repente você pode não aceitar como uma atitude que deveria ser tomada, mas é importante que nós saibamos que cada pastor dará conta de suas atitudes diante de Deus. Eu não posso de maneira alguma criticá-lo, mas uma coisa é certa: nós precisamos nos unir; salmo 133, a nossa unidade é uma unidade no Senhor, Deus abençoa se nós estivermos em unidade. Talvez hoje nós não estejamos incomodando ninguém, ainda não porque somos poucos, ainda somos um grupo pequeno, mas certamente, como o crescimento e tantas igrejas que nascem todos os dias, todos os dias brotam igrejas e se igrejas com unção, sem unção, se são consagrados, se não são consagrados, isso não importa, o que importa é que seja feita a vontade de Deus. E como está nascendo com uma rapidez muito grande, eu acredito que logo começaremos a incomodar a igreja convencional, a sociedade, os políticos do nosso país. E quando nos começarmos a incomodar, vai acontecer o que aconteceu com a nossa igreja lá em Fortaleza, talvez isso vocês não saibam, mas no ano passado nós fomos perseguidos, picharam as paredes, urinaram embaixo das portas, entupiram os buracos das portas (fechaduras) e muitas igrejas inclusivas sequer mandaram uma carta de repúdio, e muitas igrejas inclusive CCNES ignoraram o que estava acontecendo (RELATORIO CEI, 21/07/2012).

E, ainda, sobre a importância da tentativa de união por parte das igrejas inclusivas para uma real representatividade:

Talvez seja a oportunidade de nós nos unirmos e sentirmos, retirarmos essas diferenças que nós temos pra que quando aconteça isso na Cidade de Refúgio, todos nós possamos nos unir e falar e brigar junto com eles, quando acontecer na ICM todos nós de mãos dadas ICM ou não, possamos estar de mãos dadas para ajudar nosso irmão. Eu acho que é necessária essa unidade, pluralidade de ideias, diferenças tamanhas, grandes de fato, onde nós precisamos pensar nessa unidade, hoje precisamos pensar nessa unidade e eu gostaria muito de poder contar com vocês. Eu gostaria de salientar aqui que este conselho, essa reunião, essa organização, não é da CCNE, não é da Cidade de Refúgio, é das igrejas inclusivas. Hoje nós estamos tomando esse café aqui, gentilmente foi nos dada a oportunidade a hospitalidade da nossa pastora Lanna Holder, mas amanhã poderá ser lá na ICM, pode ser na Athos, pode ser na Plenitude, tudo isso vai depender do que nós vamos conversar, do que nós vamos decidir. Agradeço desde já a pastora Lanna e sua companheira, por cederem gentilmente esse espaço pra nós (RELATORIO CEI, 21/07/2012).

Este evento foi realizado com uma parceria entre a Igreja Nova Esperança e a Igreja Cidade de Refúgio. A Pastora Lanna, como anfitriã do evento, falou sobre a importância da criação de formar um conselho de pastores inclusivos voltado para o alinhamento de pautas específicas das igrejas inclusivas e sua possível representação política na sociedade civil. Em suas palavras:

É muito bom ver que tudo isso está se tornando realidade, nós falamos com o pr. Cristiano sobre essa necessidade de criação deste conselho. O nosso sonho é que essa unidade seja vivenciada no dia a dia, no que se refere a estarmos uns guardando as costas dos outros. Que a nossa motivação não seja voltada para a disputa, mas que

seja voltada para a unidade. Que a motivação seja boa, não como Babel, que fizeram a unidade resultar num processo condenado de confusão e dispersão. Nos não somos donos da igreja, somos chamados a servir a igreja do Senhor. Chegou a hora de nós sairmos da grande omissão pra a grande comissão, no norte no país não há nenhuma igreja inclusiva. Nós vamos saquear o inferno (RELATORIO CEI, 21/07/2012).

Estiveram presentes várias autoridades religiosas de igrejas inclusivas, dentre essas podemos destacar: Pastor Justino, Átila, Esdras e Muraoka (CCNE), Cristiano Valério e Marcio Retamero (ICM), Alexandre Feitosa (Athos), José Ronick (Para Todos), Marcos Gladstone (Contemporânea), Reginaldo (Plenitude e Graça), Andrea (Igreja Apostolica Nova Geração), Vinicius Nascimento (Nova Igreja), Anderson Zambom (Igreja Inclusiva do Brasil). Na Figura 14, abaixo, podemos ver a presença de muitos/as deles/as:

FIGURA 14 – Primeiro Café Eclesiástico Inclusivo de Pastores (CEI)



Lideranças inclusivas no Brasil

Fonte: Acervo do autor.

Também esteve presente a pesquisadora Fátima Weiss que, em sua pesquisa publicada em 2012 destacou a importância das Igrejas Inclusivas no plano simbólico, sócio-cultural e político no Brasil.

Ainda, outras lideranças femininas, como o casal de pastoras Lanna e Rosania Holder e o casal de pastoras Kênia e Daniela, ambos da Igreja Cidade de Refúgio, como podemos ver na Figura 15:

FIGURA 15 – Lideranças femininas da Igreja Cidade de Refúgio no Primeiro CEI



Da esquerda para a direita: Pra. Kênia, pra. Daniela, pra. Rosânia, pra. Lanna.
Fonte: Acervo do autor.

Além da participação na comunidade pastoral inclusiva brasileira, a igreja Nova Esperança possui um grande foco no desenvolvimento de ações sociais, principalmente, voltadas para a assistência da população em situação de rua do centro de São Paulo. Assim, outra característica da Nova Esperança está no trabalho de assistência social às pessoas vulneráveis em situação de rua e a pessoas portadoras de HIV. Abaixo, na Figura 16, algumas das ações realizadas pela igreja:

FIGURA 16 – Ação Social Nova Esperança



Departamento de ação social da CCNEI
Fonte: Acervo do autor.

O grupo de assistência social da Nova Esperança sempre se mostrou pró-ativo, entregando sopas no inverno e marmitas para pessoas em situação de rua, visitando orfanatos, hospitais, asilos, inclusive a casa Blenda Lee³⁵.

O “cuidado” com pessoas portadoras de HIV foi objeto de pesquisa de Marcelo Natividade (2008) que já apontava o protagonismo da Nova Esperança ao criar o Ministério Intimidade Positiva:

[...] observar que a identidade de igreja pentecostal” não leva necessariamente à rejeição de uma perspectiva ativista, como é o caso da Comunidade Cristã Nova Esperança. A denominação também vem abrindo espaço para questões sobre “prevenção” a AIDS e DSTs através de parceria com a Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo. Nas “reuniões de convivência”, que acontecem nas segundas-feiras na igreja, há participação eventual de profissionais de saúde, que trazem informação e conhecimento, endossando a importância da luta contra a AIDS. No interior dessa denominação fundou-se o “Ministério Intimidade”, espaço de troca de experiência para indivíduos soropositivos ou portadores de outras doenças. Segundo o pastor, a criação do espaço ocorreu em função da alta demanda, visto que a igreja já acolhera um considerável número de portadores ou pessoas em busca de informação (NATIVIDADE, 2008, p. 187).

O trabalho pioneiro a alguns Cristão/as LGBTI+ soropositivos, também foi objeto de estudo de Tiago Guimarães Cardoso (2018) tentando entender esse “departamento” na igreja como lugar real e efetivo de acolhimento de pessoas soropositivas. Esse grupo e/ou coletivo dentro da Igreja Nova Esperança tem por objetivo construir um “*safe space*” e intimista para acolher, escutar, aconselhar e dar algum pertencimento às pessoas com doenças crônicas sempre prezando pelo sigilo.

O grupo surgiu em 2006 e, atualmente, com os avanços tecnológicos na medicina, o aumento da possibilidade de tratamento, a perda do medo de infecção e a melhoria na qualidade de vida das pessoas soropositivas, diminuíram a frequência no ministério Projeto Intimidade Positiva consideravelmente, ficando um canal de endereço eletrônico e os telefones de um Pastor e do psicólogo para aconselhamentos, esclarecimentos de dúvidas e conversas pré-agendadas. Nas palavras de Cardoso (2018):

A igreja inclusiva CCNE, vai trabalhar no grupo não necessariamente a obrigatoriedade de se buscar uma cura milagrosa, pela consciência de que ela pode não acontecer, conforme a vontade de Deus. Então vão trabalhar conceitos como a fé, o amor de Deus e a esperança de uma vida eterna ao lado de Jesus, sem sofrimentos (CARDOSO, 2018, p.37).

³⁵Na década de 80, na eferverscência da epidemia da AIDS, Brenda Lee (transexual) comprou uma casa no Bairro do Bexiga, em São Paulo, Capital, para apoio a pessoas com HIV, principalmente travestis, transexuais e profissionais do sexo.

Cardoso (2018) entrevistou dois líderes, um deles pastor e o outro psicólogo, e um membro. Ao ser entrevistado sobre o projeto, este membro relatou que, quando falou com o pastor:

a atitude dele foi fantástica, eu percebi que eu fui acolhido por ele, independente de como eu estava, do que eu era, do que eu tinha, ele estava ali para ser, meu pastor. E também nunca mais tocou no assunto, pergunta se estou bem, e acredito não ter contado para ninguém. A igreja inclusiva me integrou mais, me fez participar mais, juntou tudo (CARDOSO, 2018 p.41).

Verificamos, portanto, a importância da fé que produz esperança nessas pessoas religiosas, aparelhadas por um grupo “intimidade positiva” como espaço seguro de acolhimento na Igreja Nova Esperança, desde o segundo ano de sua existência, 2006, se não para todas as pessoas, pelo menos as que procuram, encontrarão alguma ajuda para romper com barreiras sociais e encontrar na espiritualidade uma ressignificação para a infecção e/ou doença crônica e, então, seguir a vida com mais dignidade.

2.4 Da estrutura Organizacional

Podemos agora falar um pouco sobre o processo da estrutura Organizacional da Nova Esperança, que começa informalmente, passa a ser institucionalizada, assim como suas unidades e, atualmente, opera em forma de uma fraternidade. Em 2004, quando cheguei na Nova Esperança, a administração era feita pelo próprio Pastor Justino e seu esposo, na época Wilson. Não havia formalização na Receita Federal através de pessoa jurídica. A Institucionalização através de um CNPJ, ocorre somente em março de 2010.

No gerenciamento do Pastor Justino, de 2004 a 2018, a diretoria administrativa foi majoritariamente de homens negros e composta por: presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretario e conselho fiscal. Havia também um conselho eclesiástico para questões internas das igrejas, esse conselho era composto pelos pastores/as das igrejas de todo o Brasil, com Pastores/as e presbíteros/as da igreja sede.

Uma das decisões tomadas nesse conselho eclesiástico era a escolha do tema bíblico anual que regeria a igreja mãe/sede e as filiais de todo o Brasil, como por exemplo:

- 2005 - Andando em lugares altos (Habacuque 3:19);
- 2006 - Refletindo a glória de Deus (II Coríntios 3:18);
- 2007 - Mas pela graça de Deus sou o que sou (I Coríntios 15:10);
- 2008 - É tempo de manifestar-se (Romanas 8:19);

- 2009 - A promessa diz respeito a nós (Atos 2:39);
- 2010 - Realizando o querer de Deus (Filipenses 2:13);
- 2011 - Amplia o lugar da tua tenda (Isaías 54:2);
- 2012 - Faze-te ao mar alto e lança as tuas redes para pescar (Lucas 5:4);
- 2013 - Refletindo a glória de Deus (Filipenses 2:15);
- 2014 - Formando Cristo em nós (Gálatas 4:19).

Ferreira e Silva (2015) apresentam a estrutura organizacional da Nova Esperança como um modelo episcopal tendo um Líder Maior intitulado Pastor Presidente, que governa a todos/as e exemplifica como o mesmo modelo das igrejas Universal do Reino de Deus, Católica, Assembléia de Deus e a maioria das igrejas neopentecostais, em suas palavras:

A organização eclesiástica da CCNE está fundamentada no mesmo paradigma de algumas igrejas evangélicas de poder centralizado. Apesar disso, há inovações em sua estrutura organizacional. Por exemplo, oferecem oportunidades para minorias sexuais, excluídas de suas igrejas de origem, para exercerem atividades eclesiais, independente de sua sexualidade divergente dos padrões dominantes da heterossexualidade. Contudo, vale destacar que esse “acolhimento” diz respeito à inclusão de pessoas GLBT no universo das práticas religiosas do campo das igrejas evangélicas, em oposição à exclusão clara para essas pessoas da maioria das igrejas evangélicas tradicionais (FERREIRA; SILVA, 2015, p. 2305).

Sobre as denominações pentecostais, Araújo (2007) diz que a estrutura e o sistema de comando em geral seguem as estruturas congregacionais, presbiteriais e episcopais. Pode-se observar que, no caso da Nova Esperança, ela se estruturou e operou informalmente ou paraclesiasticamente, nos seus seis primeiros anos sob o carisma de seu fundador, Pastor Justino Luiz.

Embora Ferreira e Silva (2015) tenham visto a igreja Nova Esperança como episcopal, eu, como nativo da Nova Esperança, percebia a estrutura organizacional, de fato, como das Igrejas Batistas, que preserva a autonomia da igreja local e a democracia e, incentiva a cooperação entre as igrejas co-irmãs. Um indício disso eram as eleições anuais para as lideranças da igreja, como louvor, diaconia, assistência social e demais. Mesmo o cargo de Pastor Presidente passava por eleições a cada dois anos. Quando das reuniões eclesiásticas, anuais, haviam sugestões e/ou decisões questionadas e votadas, prevalecia o maior consenso.

Mesmo sendo uma igreja inclusiva pentecostal, ela viveu e vive tensões e disputas como qualquer outro espaço hierarquizado por dominações e opressões de poder. Por isso, o Pastor fundador Justino Luiz, desde 2018 não é mais o presidente da Instituição, que passou a ser uma irmandade de igrejas. Cada uma das unidades é totalmente autônoma, mantendo apenas um vínculo moral e de amizade entre as/os pastores/as que se reúnem em um colegiado.

Em abril de 2021, o Pastor Justino, num comunicado por mensagem eletrônica, externou sua gratidão pelos 15 anos na presidência da Igreja Nova Esperança e publicitou sua transferência para a unidade da Igreja Nova Esperança na Cidade de Osasco-SP, nos seguintes termos:

Aos pastores e pastoras
 Venho por meio desta comunicar oficialmente que tendo congregado na CCNEI outrora sede desde sua fundação no ano de 2004 até 2019 como pastor oficial e desde então na CCNEI Osasco, decidimos então permanecer nesta unidade como membros enquanto Deus nos permitir. Estamos certos que algo de bom pudemos aprender e ensinar no tempo em que aí congregamos e agradecemos a Deus pelos irmãos e amigos nos confiou.
 Que Deus os abençoe!
 São Paulo, 22 de abril de 2021
 Pr. Justino Luiz e Flávio Jorge (OLIVEIRA, 2021, s/p).

O Pr. Justino Luiz de Oliveira, nos últimos nove anos, esteve casado com Flávio Jorge Almeida, também pastor. Nunca foi remunerado. Habilitou ao ministério sacerdotal as seguintes pessoas, consagrando-as às suas funções. Nem todas continuaram na Nova Esperança após suas consagrações:

1. Wladimir Freire - Assembléia de Deus/SP
2. Esdras Xavier — Nova Esperança Central/SP
3. Atila Augusto — A Igreja da Vila/SP
4. Geraldo Carvalho — A Igreja da Vila/SP
5. Fernanda Pinheiro — Nova Esperança Limeira/SP
6. Cíntia Pinheiro — Nova Esperança Limeira/SP
7. Katia Rocha — Nova Esperança Osasco/SP
8. Ineide Carvalho — Nova Esperança Central/SP
9. Paulo de Sousa — Nova Esperança Vitoria/ES
10. Amândio Fernandes — Nova Esperança Guarulhos/SP
11. Antônio de Moraes — IANT Barueri/SP
12. Samarone Rosendo — Nova Esperança Natal/RN
13. Rejane Neves — Nova Esperança — Natal/RN
14. Gleyde Laurentino — Nova Esperança Fortaleza/CE
15. Letônio Martins — Nova Esperança Recife/PE
16. Wandenberg Torres — Toronto/Canadá
17. Marcelo Muraoka — Nova Esperança Central/SP
18. Daniela Modesto — Cidade de Refúgio Recife/PB

19. Flávio Jorge — Tenda do Encontro Pirituba/SP

Durante o seu gerenciamento, as seguintes Igrejas e células foram abertas e estiveram em atividade:

1. Nova Esperança — Central/SP
2. Nova Esperança — Cotia/SP
3. Nova Esperança — Caruaru/PE
4. Nova Esperança — Fortaleza/CE
5. Nova Esperança — Franco da Rocha/SP
6. Nova Esperança — Guarulhos/SP
7. Nova Esperança — Jandira/SP
8. Nova Esperança — Limeira/SP
9. Nova Esperança — Macau/RN
10. Nova Esperança — Natal/RN
11. Nova Esperança – Osasco/SP
12. Nova Esperança – Pelotas/RS (Célula – reuniões mensais)
13. Nova Esperança – Piza e Nápoles - Itália (Célula – reuniões esporádicas)
14. Nova Esperança – Recife/PE
15. Nova Esperança – Toronto/Canadá (Célula – reuniões esporádicas)
16. Nova Esperança – Vitória/ES
17. A Igreja da Vila – Vila Mariana/SP
18. IEDEC – Santo André/SP, encerrou as atividades em setembro de 2021

Células iniciadas, mas não tiveram continuidade:

1. Nova Esperança – Buenos Aires/Argentina
2. Nova Esperança – Lisboa/Portugal
3. Nova Esperança – Porto Alegre/RS
4. Nova Esperança – Cariri/CE
5. Nova Esperança – Maceió/AL
6. Nova Esperança – Ribeirão Preto/SP
7. Nova Esperança – Rio de Janeiro/RJ
8. Nova Esperança – Parnamirim/RN

9. Nova Esperança – Campo Limpo/SP
10. Nova Esperança – São Luís/MA
11. Nova Esperança – Chapecó/SC
12. Nova Esperança – Florianópolis/SC

Frente à potência da Igreja Nova Esperança para o movimento inclusivo pentecostal e para as pessoas pretas de fé cristã é que tentaremos compreender a seguir como são as vivências de alguns atores religiosos dentro e fora da Nova Esperança, interseccionando as marcas sociais dessas pessoas negras.

CAPÍTULO III

E EU NÃO SOU UMA BICHA PRETA PENTECOSTAL?

A experiência e vivência do ser lgbti+ negro/a na igreja inclusiva

Nova Esperança

“Oh, meu corpo, faça de mim um homem que sempre questiona!”

Frantz Fanon

Que as igrejas inclusivas pentecostais são expressão e um apontamento do pluralismo religioso brasileiro no contexto do campo pentecostal na atualidade, já vimos. Também já vimos que elas vieram para ficar, como podemos observar na história e trajetória da Nova Esperança, no segundo capítulo.

Agora o desafio é tentar compreender como são as vivências de alguns agentes religiosos dentro e fora da Nova e Esperança, interseccionando as marcas sociais dessas pessoas pretas. Nisto busca-se entender, dentre outras facetas, se uma das igrejas inclusivas mais pretas do Brasil, a Igreja Nova Esperança enxerga o/a negro/a de fato como negro/a.

Neste capítulo, então, a proposta é um estudo interseccional das vivências e experiências de entrevistados clérigos/as, membros/as, frequentadores/as da Igreja Inclusiva Nova Esperança.

3.1 Interseccionalidade: quando o gênero e raça se encontram

De maneira transversal, já falamos de um conceito muito caro as minorias: “a interseccionalidade”. Sua sistematização ocorre com Kimberlé Chrenshaw (2002), mulher, negra, professora de Direito da Universidade da Califórnia e da Universidade de Columbia,

nos Estados Unidos. Pesquisadora nas áreas de direito civil, da teoria legal afro-americana e do feminismo. Segundo sua definição a interseccionalidade:

é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002, p. 177).

É do movimento e de questões feministas negras que a ferramenta analítica da interseccionalidade surge e se torna central no fazer político para sobrevivência das pessoas que constituem as chamadas minorias na vida cotidiana (COLLINS, 2019).

Para melhor ilustrar o conceito e mostrando alguns efeitos da interseccionalidade, Crenshaw (2002) utiliza a metáfora de várias avenidas se entrecruzando, sobrepondo e criando eixos e conexões:

[...] faremos inicialmente uma analogia em que os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando interseções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Tendo em vista as opressões e desigualdades por vezes desveladas pelo viés da interseccionalidade, sofrida pelas chamadas minorias, como negros/as, LGBTI+s e outros, torna-se de suma importância essa discussão teórica, tendo em vista a crescente onda conservadora, neoliberal e as práticas de desrespeito a comunidade LGBTI+ negra quando considerados os marcadores sociais como gênero, classe, raça, idade, sexualidade, geração, e dentre outros. Tais interseções podem reproduzir e perpetuar violências, exclusões e desigualdades sociais. Uma vez estendido o pensar interseccional para o ambiente religioso das igrejas inclusivas pentecostais, talvez possamos perceber e desconstruir naturalizações que tornam as pessoas LGBTI+ negras corpos silenciados, apagados e oprimidos.

Como bem aponta Patrícia Hill Collins (2017), a ideia de interseccionalidade tem sua origem nos movimentos negros feministas da década de 60 e 70, com centralidade no fazer político para sobrevivência das minorias, considerando principalmente a vida cotidiana. Isto foi se transformando, mas levando em conta os contextos materiais, sociais e intelectuais, adotando as perspectivas de raça, classe, gênero e sexualidade como sistemas de interseção de poder. Essas marcas sociais na academia são nomeadas e renomeadas até serem legitimadas como

interseccionalidades para as políticas emancipatórias contemporâneas.

E é exatamente como políticas emancipatórias contemporâneas no Brasil, que Lélia Gonzalez (1988), já na década de 70, era uma das vozes negras nessas discussões e transformações, época de franco silenciamento das minorias. Ela criou sua própria epistemologia, *praxis* social e política, numa forma única e autêntica de falar de si e dos seus pares, considerando a “ladinidade amefricana” de mulher e negra.

Os pensamentos de Gonzalez (1988) jogam luz no encontro entre gênero e raça e dá o protagonismo a quem mais sofre: “a mulher negra”, como base da pirâmide social, vezes como mãe preta, provedora, mulata do carnaval, objeto sexual, mucama e/ou serviçal.

Sobre a mulher negra como base da pirâmide social, Angela Davis (2007) afirma que: “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras. Com isso, muda-se a base do capitalismo”. Dentre as teóricas negras brasileiras que apresentam suas contribuições e proposições sobre o conceito e/ou ferramenta da interseccionalidade estão Sueli Carneiro e Carla Akotirene, que agregam ao conceito brasilidades e vivências do povo preto brasileiro.

Carneiro (2011), pensando o epistemicídio, mostra como ele tem sido uma forma de consolidar as hierarquias raciais que favorecem e estendem privilégios a branquitude. A partir dessa perspectiva é possível compreender como o esvaziamento político e racial da categoria de interseccionalidade também corresponde a uma lógica que determina quem e como o conhecimento pode ser produzido e articulado.

Pensando esse apagamento de conhecimento, Akotirene (2018) explica que a metodologia dita colonial visa silenciar metodologias alternativas, dentro das quais se encontra a interseccionalidade. A autora inova em relação a Crenshaw (2002) quando apresenta a interseccionalidade indissociável de sua característica de método guiado por uma perspectiva ocidental. Em sua perspectiva, “a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2018, p. 14). Ela critica Marx e o marxismo dizendo que, para além de seu pensamento ser eurocêntrico ele, em sua obra “Manifesto Comunista”, tratou a questão do negro de forma equivocada ao apresentá-lo fora da categoria de trabalhador, mas incluindo-o dentro das relações capitalistas como escravo.

Com efeito, temos também a contribuição das outras teóricas negras internacionais, tratadas em alguns momentos pontuais dessa dissertação; Bell Hooks, Angela Davis, Audre

Lorde, e as já citadas Patrícia Hill Collins e Kimberlé Chrenshaw e até Sojourner Truth³⁶. Mas afinal, o quanto há de interseccionalidade na narrativa de Sojourner Truth, de 1851: “Eu não sou uma mulher?” Referindo-se ao tratamento recebido por ser negra e não ter sua realidade contemplada pela luta feminista, à época. Em seguida, na Figura 17, Truth:

FIGURA 17 - Sojourner Truth



Fonte: GELEDES, 2009.

Em Akron, Ohio, *Convention*, as sufragistas buscavam o direitos das mulheres, em sufrágio. E neste cenário o abolicionista Sojourner audaciosamente e valente ela levanta-se e diz:

na *Women's Rights* norte-americanas reconhecimento dos especial, o direito ao discurso denunciador da Truth chamou atenção,

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem — desde que eu tivesse oportunidade para isso — e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (...) Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de conserta-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem. Agradecida a vocês por me escutarem, e agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer (SOJOURNER, 1851, s/p).

Neste discurso fica claro o “silenciamento” de parte do movimento feminista para as pautas das mulheres negras. Por sua vez, estas buscavam ainda serem sujeitos de direito, enquanto as mulheres brancas já pleiteavam educação formal e voto, pautas distintas, sem qualquer sororidade, até porque já naquela época a sociedade era alicerçada e beneficiada com a exploração da mulher preta, nesse sentido:

É interessante observar, nos textos feministas que tratam da questão das relações de dominação homem/mulher, da subordinação feminina, de suas tentativas de

³⁶ Mulher afro-americana, analfabeta, metodista, nascida sob o jugo da escravidão no século XIX e que se dedicou, após a conquista da liberdade, à luta abolicionista e pelos direitos das mulheres. (JONES; SIMÕES, 2017).

conscientização, etc., como existe uma espécie de discurso comum com relação às mulheres das camadas pobres, do sub-proletariado, dos grupos oprimidos. Em termos de escritos brasileiros sobre o tema, percebe-se que a mulher negra, as famílias negras (...) não são caracterizadas como tais. (...) Por aí se vê o quanto as representações sociais manipuladas pelo racismo cultural também são internalizadas por um setor (...) Aqui também se percebe a necessidade de tirar de cena a questão crucial: a libertação da mulher branca se tem feito às custas da exploração da mulher negra (GONZALEZ, 2018, p.73-74).

Percebe-se, portanto, a busca por igualdade de gênero, raça e classe que percorre os discursos destas mulheres negras e acabam por contemplar tantas outras minorias oprimidas da sociedade até hoje, como o negro/a LGBTI+ pentecostal, objeto desta pesquisa, e faz aporte a eu perguntar: “E eu, não sou uma bicha preta pentecostal?”.

Falo a partir das minhas vivências e experiências com a negritude, a homossexualidade e o pentecostalismo como marcas que, em uma sociedade como a nossa, de supremacia branca, heteronormativa e hegemonicamente cristã fundamentalista são lidas como menores em várias dimensões, seja no intelecto, na cor da pele, na sexualidade, na identidade de gênero e em associações pejorativas, com apelidos como “macaco”, “cabelo duro”, “bicha preta” e outros. Mais recentemente, as próprias pessoas negras se apropriaram de alcunhas como estas para gerar empoderamento, causando uma inversão no sentido pejorativo e transformando-o em consciência negra.

O fato de ser e existir uma “bicha preta” pentecostal, ajuda a questionar o eixo duro da equação homem/branco/hétero, tido como padrão patriarcal. Esse padrão só se sustenta sob o argumento infundado de que existem pessoas “fora do padrão”, como o indígena, a mulher, a mulher e homem trans, o negro e o LGBTI+. Isso ocorre violentamente, minimizando o modo de ser do outro no mundo, a partir da negação de outros modos de ser, como um efeito colonizador devastador das subjetividades consideradas menores e fora da norma. O homem/branco/hétero, duplo colonizador³⁷ somente valida sua “supremacia” diminuindo a existência e o território do outro, como ocorreu com a expansão marítima, força motriz da colonização dos povos originários e africanos em seus saberes (VEIGA, 2018). Nisso, vemos que a escravidão, o machismo, o racismo e a LGBTI+fobia são frutos da violência perpetuada por essa cis-heteronormatividade.

Deste modo, gênero, raça, classe, sexualidade e religião são eixos que entrecruzam e firmam pontes para o racismo, patriarcalismo e subalternização de classes, dentre outras opressões. A interseccionalidade analisa esses eixos, trazendo luz às formas de discriminação

³⁷ Para Veiga (2018), a dupla colonização ocorreria, em primeiro lugar, pela escravização e, em segundo lugar, pela subalternização e imposição de um padrão “branco e heterossexual” para participar em sociedade.

existentes no sistema social e no Brasil como o racismo em suas multifacetadas.

A exteriorização do racismo ocorre com frequência, nas ruas, shoppings, nos esportes, nas mídias, supermercados, fóruns, igrejas, faculdades, no atendimento de espaços públicos e privados. Geralmente, os casos denunciados trazem repercussão, mas são tratados com desconfiança, polemização e minimizados com meros pedidos de desculpas sob alegação de que foi sem intenção de agredir e hostilizar (OLIVEIRA, 2018).

Um exemplo desta minimização, é o caso do menino negro João Miguel morto ao cair de um prédio de luxo em Recife-PE, enquanto estava sob os cuidados da ex-patroa branca da mãe.

A tragédia aconteceu em 2 de junho de 2020, quando Mirtes, a mãe de Miguel, estava passeando com o cachorro da família rica. Para completar a tarefa, a patroa ficou cuidando de Miguel, que precisou ir trabalhar com a mãe. Ocorre que a patroa deixou o menino sozinho andando pelo apartamento e pegando o elevador no andar de baixo. Não se sabe como, mas Miguel escalou uma pequena parede que levava a um compartimento de ar condicionado, de onde caiu durante e morreu pouco depois. No dia do ocorrido a patroa chegou a ser presa em flagrante, mas pagou fiança de R\$ 20 mil e foi solta, para responder ao processo em liberdade, porém foi processada e condenada por abandono de incapaz com resultado morte em regime fechado, o processo está pendente de recurso. (CASO MIGUEL, 2020 s/p)

O caso da Welica Ribeiro, 35 anos, auxiliar administrativa, que estava no metrô de São Paulo com a família quando uma mulher branca e loira pediu para ela afastar a cabeça porque o cabelo poderia “passar alguma doença”.

Wélica declarou no 27º Distrito Policial de São Paulo que a mulher branca teria dito: “Toma cuidado com o seu cabelo porque está próximo do meu rosto e pode me causar doença” e ela respondeu: “Quer que eu raspe meu cabelo para você ficar à vontade?” (CASO WÉLICA, 2022). A Mulher branca se identificou como Agnes Vajda, assistente consular no Consulado da Hungria, prestou seu depoimento e foi liberada sem pagar fiança.

O caso foi registrado como injúria racial, artigo 140 do Código Penal, que trata de crime de ofensa a partir de características de raça, cor, etnia, origem, idade ou deficiência, que pode resultar em pena de reclusão de um a três anos e multa. Esse crime de injúria difere do crime de racismo. Previsto na Lei 7.716/1989, ele só ocorre quando o agressor atinge um grupo ou coletivo de pessoas, discriminando uma etnia de forma geral, sendo que racismo é inafiançável e imprescritível, conforme o artigo 5º da Constituição.

Ocorre que em outubro de 2021, o Supremo Tribunal Federal já havia equiparado o crime de injúria racial com o de racismo, mas no caso da Wélica pode ter operado o racismo

institucional (ALMEIDA, 2019) ele ocorre quando no funcionamento da instituição é conferido privilégios e/ou desvantagem em razão da cor da pele.

Outro caso de racismo envolvendo cabelo, ocorreu com o músico Pedro Henrique Santos, impedido de se apresentar por um pastor em uma igreja evangélica, em Goiânia-GO, sob alegação de que seu cabelo black power não era adequado. Outras três mulheres negras também passaram pelo mesmo constrangimento (CASO SARAH, ELLEN, BRENDA e PEDRO HENRIQUE, 2021).

O Cabelo da maioria das pessoas pretas juntamente com a pele é símbolo de resistência, resgate da ancestralidade e ressignificação do conceito de beleza, como denúncia do racismo estético que é uma herança colonialista que repele a cultura, arte e estética dos povos africanos em diáspora. Esta cultura impõe que o belo é somente o cabelo liso e, por vezes, claro. O Cabelo na cultura africana representa fertilidade, classe social, função política e o reconhecimento dessa identidade não deve depender da aprovação dos brancos/as. (COSTA, 2012; XAVIER, 2020).

Para Fanon (1983), ser negro é também carregar no corpo todo o preconceito que a branquitude impõe sobre o corpo negro. É carregar arquétipos brancos que inferiorizam o negro e dão superioridade ao branco. Isto acaba condicionando a psique do negro e, para além de humilhá-lo, traz um sentimento de inexistência. Por isso o cabelo é utilizado para classificar e hierarquizar racialmente as pessoas pretas. Angela Figueiredo apresenta o mesmo entendimento quando afirma:

Mas é principalmente a cor da pele e a textura dos cabelos que vão definir o lugar a ser ocupado no interior dessa escala classificatória. Assim, por exemplo, morena é a pessoa mestiça e de cabelos lisos, o mulato é também mestiço, mas de cabelo crespo; o denominado sarará são as pessoas mestiças, de pele muito clara, mas de cabelo crespo. E os cabo-verdes são as pessoas de pele escura e cabelo lisos, considerados como muito bonitos no Brasil. O que leva a pensar que mais importante do que a cor da pele é a textura do cabelo (FIGUEIREDO, 2002, p. 6).

O cabelo é um dos protagonistas dos debates antirracistas. Trata-se de pêlos, mas suscita em algumas pessoas um não lugar na escala classificatória social brasileira.

O caso de João Alberto Silveira, 40 anos, motoboy, espancado e morto (asfixia) por dois seguranças de uma unidade do hipermercado Carrefour, em Porto Alegre-RS. A alegação foi de que ele havia ameaçado de agredir uma funcionária que acionou os seguranças (CASO JOÃO ALBERTO, 2020). Cinco pessoas foram indiciadas e respondem processualmente, quatro homens e uma mulher. Dois homens continuam presos, dois respondem em liberdade e a mulher está em prisão domiciliar.

Todos estes são exemplos que demonstram, de alguma forma, a exclusão no acesso aos direitos humanos em detrimento da raça e etnia, fundamentada pelo racismo, mas também atravessado pela classe, gênero e religião. Por isso é necessária uma análise interseccional, para não invisibilizar violências dos direitos das pessoas à margem da sociedade. Assim, quando trazemos para esse debate o tema da sexualidade, essa situação é ainda mais desigual. Ser negro(a) LGBTI+ e pentecostal implica estar em condição de maior vulnerabilidade.

Os próprios estudos a respeito das populações negras e LGBTI+ s foram produzidos, inicialmente, sobre bases estigmatizantes:

primeiro, por terem como tema de suas pesquisas sujeitos estigmatizados, discriminados e tratados de modo desigual nos mais variados âmbitos da vida. O seu nascedouro enquanto pesquisa é no mesmo berço dos estudos eugênicos e criminológicos, com bases extremamente racistas e sexistas, que identificavam negros como potenciais marginais e homossexuais como desviantes e/ou doentes. Portanto, de certo modo, no Brasil, o tipo de ciência que se desenvolveu a partir dessas identidades subalternizadas ocorreu principalmente associando negros ao crime e à perversão sexual. E a perversão sexual, particularmente a homossexualidade, ao crime (GREEN, 2000 *apud* MARQUES, 2016, p. 18).

Crenshaw (2002) cita “as diferenças que fazem diferença”, identificando o quanto o debate sobre igualdade e diferença está nas bases de uma proposta madura sobre interseccionalidade. Essa perspectiva interseccional nos possibilita analisar o fenômeno da participação da população negra LGBTI+ em diferentes frentes, inclusive a religiosa pentecostal, com agressões/opressões/dominações ou discriminações verbais e físicas sofridas ou não pela população negra pentecostal nessas igrejas. Afinal, no Brasil as diferenças se transformam em desigualdades sociais, culturais, econômicas e raciais. Isto construído por uma cultura heteronormativa, colonialista, onde por vezes o “ser humano” fora desse eixo “não existe”.

A religião é vista e estudada pelas Ciências da Religião como um dado cultural, ela é passível de uma análise na discussão interseccional, ou seja, a religião é tida como uma estrutura de poder e nela podemos perceber várias categorias de análise interseccional. Daí podemos pensar quais diferenças a religião produz, no que diz respeito à raça, classe, gênero, sexualidade, idade e pensar criticamente as assimetrias ou não no campo religioso das igrejas inclusivas pentecostais, pois a interseccionalidade enquanto ferramenta metodológica-teórica tendo o fenômeno religioso como objeto de investigação, pode ser muito útil aos estudos sobre as religiões.

Vale ressaltar que, muito embora a discussão central esteja intrinsecamente relacionada com a interseccionalidade, provavelmente somente a discussão em torno deste referencial teórico não seja suficiente para dar conta da complexidade da identidade de gênero, étnico-

racial da experiência do/a LGBTI+ Negro/a pentecostal, o que fez necessária uma pesquisa de campo para verificar se o conceito teórico, de início cunhado por Crenshaw (2002), dá conta dessas “marcas” e/ou “eixos” de opressão social dos LGBTI+ Negro/a pentecostal. Até porque existem críticas decoloniais a esse conceito. Para alguns pensadores decoloniais, os eixos de opressão não são apenas transversais, mas constituem o alicerce da sociedade colonizada (LÓPEZ, 2008).

As considerações teóricas tecidas até aqui, nos ajudam a embasar o estudo dos/as LGBTI+ Negros/as pentecostais na igreja inclusiva Nova Esperança. Tais considerações auxiliam o presente estudo a identificar como as intersecções de diferentes categorias de estratificação social aparecem na trajetória da vida das pessoas incluindo nesse caso a questão da religião, considerando os frequentadores/as da igreja inclusiva em estudo.

Passemos agora para a verificação das vivências e satisfação ou não, inclusão ou não de agentes religiosos que recorrem aos espaços de uma igreja inclusiva pentecostal. Assim, em uma perspectiva interseccional, buscamos entender as subjetividades e diferenças múltiplas que parece ser o cerne destas igrejas.

Será importante verificar tanto os obstáculos quanto as estratégias que as levaram a ocupar a posição que ocupam hoje nessas igrejas, e o papel da religião no entrelaçamento com as demais categorias e marcadores, ou seja, como a religião se cruza com as questões de gênero, raça, classe e política nas posições desiguais colocadas nesse espaço. Para isso, este capítulo pretende trazer respostas à seguinte pergunta: De que maneira o “capital religioso”³⁸ dessas pessoas está potencializado ou não em suas vidas?

Sem prescindir a importância que o “corpo preto” toma nesses processos, quando se fala e pauta as vivências, afetos e exercício da fé cristã de pessoas negras nessas comunidades de fé, ou seja, uma análise sobre o papel que a religião pentecostal tem na construção da subjetividade e alteridade do ser negro/a LGBTI+, na atualidade, assim como as consequências desempenhadas em parte da população negra no Brasil, atravessadas nesses corpos.

3.1.1 Interseccionalidade e igreja inclusiva pentecostal

Muito do trabalho dessa pesquisa diz respeito ao resgate de memórias e é necessário empretecer nossas memórias, afinal, nossas raízes brasileiras foram e são negras. Assim, é

³⁸ Para Sandra de Souza (2011), “capital religioso” é a utilização do prestígio religioso para ascender socialmente e politicamente.

necessário analisar a construção da imagem do/a negro/a na sociedade brasileira, desde o período pós-abolicionista até os dias atuais, efetuando uma análise mais detida no período posterior à criação do mito da democracia racial³⁹, que fortaleceu e fortalece a branquitude e seus privilégios (REGO, 2019). Isto porque tal construção deve ser entendida como alicerce do que estamos analisando, a subjetividade do LGBTI+ negro/a pentecostal, perpassada por raça, classe, gênero, sexualidade e religião, conceitos importantes que traremos no transcorrer do capítulo.

O conceito de raça surge na França no século XVI, remetendo-se à família aristocrática. Com o passar dos anos, o racismo se desenvolve com o colonialismo, pregando o desprezo e a inferiorização racial para maior controle das/os negras/os (LÓPEZ, 2015), reverberando até hoje. Dentre outras coisas, atualmente, o racismo é sinônimo de falta de acesso a saúde, basta ver as estatísticas da pandemia COVID-19, ela tem cor, e é preta (FIOCRUZ, 2021); falta de acesso a educação, nesse ano quase tivemos um revés com a revisão da lei que trata da conquista de reparação pelo sistema de cotas nas universidades, que por enquanto aguarda deliberações com fortes indicações que será rediscutida no próximo quadriênio presidencial (KRUSE, 2022) com início em 2023 ; e falta de acesso a moradia, as maiores vítimas dos desmoronamentos devido as chuvas continuam sendo o meu povo preto, como na região metropolitana de Recife e em Petrópolis-RJ (G1 PERNAMBUCO, 2022) compulsoriamente morando nas periferias e morros, em um total abandono do poder publico.

Ou seja, no Brasil, “raça” transforma as diferenças entre as pessoas em desigualdade e exclusão, na tentativa de perpetuar uma dominação:

o termo raça é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras para informar como determinadas características físicas, tais como cor da pele, cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira (LÓPEZ, 2015, p. 32).

O racismo “à brasileira” possui algumas particularidades e diferenças daquele vivenciado na África do Sul e nos Estados Unidos, que instituíram o privilégio da raça em seus conjuntos normativos (NASCIMENTO, 2016, p. 111). No Brasil, praticam-se atos racistas,

³⁹ Esse mito foi expandido com a colaboração dos estudos do sociólogo, antropólogo Gilberto Freyre, os mais conhecidos são Casa Grande e Senzala (1933) e Sobrados e Mucambos (1936). Foi uma tentativa de demonstrar uma convivência harmoniosa entre os escravizados e os senhores de modo a levar à crença de que no Brasil o regime escravocrata não havia trazido tantos males quanto se imaginava e que haveria uma democracia racial tão bem estabelecida no solo brasileiro que poderia servir de exemplo para outros países. Em contrapartida, surgiram estudos que apresentaram uma posição diferente, como os de Skimore (1974) e Matoso (1990) entre outros, que diziam da não existência dessa democracia racial, e sim uma possível acomodação e não aceitação passiva da condição de dominação e na mesma linha Clóvis Moura (1972) (Rebeliões das Senzalas) aponta nas constantes lutas dos escravizados uma resistência a condição de subalternidade como Freyre defendia. (RODRIGUES, 2021, p. 25).

mas, contraditoriamente e via de regra, as pessoas negam ser racistas, pois admiti-lo é uma ofensa. A prática de atos racistas torna-se socialmente admitida e aprovável por uns e tolerada por outros. O tal do “racismo velado” acaba por ser instrumento para fortalecer e sedimentar o mito da democracia racial (REGO, 2019) prejudicando as pessoas negras.

Mais detidamente sobre a perspectiva racial, sem prescindir das demais marcas, o Brasil pode ser considerado a maior diáspora africana do mundo. Basta ver o último levantamento de 2016 publicado pelo IBGE, em 22 de maio de 2019, que aponta que, desde 2015, os pardos passaram a representar a maioria da população brasileira, somando 96,7 milhões de pessoas em 2018. Somos uma nação parda e, por que não dizer, negra? O mesmo levantamento demonstra que 78% dessa população negra figura entre os mais pobres e, ainda, a maioria é do gênero feminino.

A desigualdade étnico/racial, de classe e de gênero no Brasil tem, dentre seus fundamentos históricos, a construção colonialista e escravista aliada a um capitalismo selvagem⁴⁰, exacerbado, que conduz o/a negro/a à exclusão ontológica, relegando-o a subumanidade. Os mais de três séculos de escravidão no Brasil mostram a luta política e economia ainda colonialista que nos faz entender o porquê de alguns movimentos negros pleitearem uma “segunda abolição”.

Jaime Pinsky (2010) afirma que a escravidão não é apenas uma “instituição histórica” ou um “modo de produção”, mas um eixo que funda relacionamento entre as pessoas até agora. Ela estabelece distinções hierárquicas quando determina habilidades específicas para o/a negro/a, como o samba, alguns esportes, mulatas, etc. Assassinar a memória, esconder o problema, é uma forma de não resolvê-lo. Diante disso, não podemos prescindir da questão racial nessa pesquisa.

É notório o processo de luta da população negra para ver valer seus direitos. O racismo é, portanto, um dos maiores contribuintes para a construção das desigualdades sociais, culminando numa crescente violência letal (MARQUES, 2016).

Uma pesquisa do Ipea — Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, ao analisar a evolução das taxas de homicídios, num paralelo entre não-negros e negros (soma de pretos e pardos, segundo classificação do IBGE — 2016/2019), entre os anos de 2008 e 2018, auferiu que a pessoa negra representa mais de 75,7% das vítimas de homicídios e as mulheres negras

⁴⁰ Termo cunhado por Karl Marx no seu livro “O Capital” e percebe-se que ainda hoje os meios de trabalho continuam como monopólio da burguesia, o que resulta em uma total dependência do trabalhador/a, e que é a causa da tamanha desigualdade social brasileira, com miséria, fome, desemprego e trabalho análogo a escravidão, principalmente da mão de obra negra.

representam 68% da somatória das mulheres assassinadas no Brasil. Conforme a década em análise, houve um aumento de 11,5% da violência contra o sujeito negro, enquanto para o sujeito branco registrou-se uma diminuição de 12,9% da violência (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2020, p. 47).

Podemos dizer que essa violência está relacionada a um conjunto de políticas de controle social utilizando a morte como ferramenta, externando quais vidas importam (BUTLER, 2019) quais vidas podem viver e quais vidas devem morrer, devido a normas hegemônicas que ditam quem é humano e quem não é humano, e isso vai depender de como essas vidas são representadas no espaço público. No caso do Brasil, por exemplo, a representação do negro, do indígena, e do LGBTQI+ nessas esferas ainda é muito tímida. Podemos pensar que “aqueles que não têm essa chance de se representar correm um risco maior de serem tratados como menos humanos, de serem vistos como menos do que humanos, ou, na verdade, de não serem vistos de forma alguma” (BUTLER, 2019, p. 117)

Na mesma direção, Achille Mbembe (2018), a partir das noções de biopoder/biopolítica foucaultianas, cunha o conceito de necropolítica, pensando o genocídio de pessoas pretas e demonstrando como os dispositivos de poder se alastram para toda a sociedade e funcionam como reguladores de corpos, na família, na escola, no hospital, na polícia, na igreja, no shopping e outros, perpetuando desigualdades e opressões.

Devemos considerar, então, que o racismo institucionalizado (ALMEIDA, 2019) é uma marca e eixo social antigo que colabora para uma maior desigualdade no que concerne à violência experimentada por pessoas negras que beiram a um genocídio, conforme estudos e pesquisas demonstram (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2020), inclusive tendo as mulheres negras como suas grandes vítimas. Quando incluímos no debate as mulheres e pessoas negras como “grandes vítimas”, podemos supor que a situação é ainda mais desigual e, se considerarmos a questão do gênero e sexualidade da pessoa negra LGBTI+, essas conseqüentemente vivem em condição de maior vulnerabilidade.

Segundo Marques (2016), as questões e vivências das pessoas negras e das pessoas LGBTI+ partem de lugares estigmatizados, discriminados e permeados por desigualdades em vários âmbitos da vida. Ambos, negros/as e LGBTI+, de “identidades subalternizadas”, são berço de estudos eugênicos e criminológicos com fundamentos racistas e sexistas, como os de negros enquanto “prováveis marginais” e o LGBTI+ como “desviante” e/ou “doente” (GREEN, 2000).

Osmundo Pinho diz que para além de identidades “subalternizadas” é importante considerar que no Brasil, os paradigmas de gênero e sexualidade foram construídos com base

no modelo escravagista e heterocêntrico, onde a máxima é a objetificação dos “corpos pretos” e, de fato, raça e gênero se constituem mutuamente. Inclusive, quando se pensa no processo de formação da população brasileira, chega-se a um mito fundador que é do sêmen do europeu branco inseminado em um útero negro e/ou indígena, que gera o mestiço. Assim, pode-se inferir que a maneira como se representa o Brasil é permeada pela relação raça e gênero (PINHO, 2004).

Para Sandra Duarte de Souza (2011), religião e gênero são temas à margem na academia. A religião não é considerada importante nesse contexto por estar, na maioria das vezes, ligada às instituições eclesásticas. Gênero fica a margem e é utilizado mais pelas pesquisadoras feministas em um esforço para ser um tema transversal às áreas do conhecimento e não apenas um assunto de mulher. A autora enfatiza que a literatura evangélica, direcionada às mulheres, traz um enorme valor à família nuclear e qualquer mudança nesse núcleo se torna ameaçador, ou seja, reforçam e legitimam os papéis de dominação entre o masculino e o feminino. Mas, as mulheres tem questionado essas representações e ampliado suas participações nesses espaços antes predominante masculinos (SOUZA, 2011; 2015).

Quando pensamos a participação das pessoas pretas nas igrejas inclusivas pentecostais, ou seja, a interseção sobre gênero e religião, vemos temas que representam o poder na sociedade e que podem reforçar o poder de grupos dominantes, como também agrupar o grupo com menor poder social de outros ambientes relacionais, como o cultural e econômico. A dominação entre os sexos tem primazia na religião, ou seja, os homens na maioria das vezes como privilegiados. Mas, a religião também pode ser instrumento de transformações dessas relações (WOODHEAD, 2013), daí a importância de um olhar interseccional pensando os entrecruzamentos de marcadores sociais que permeiam dentro e fora de uma igreja inclusiva e que podem ser capazes de mostrar uma melhor realidade dessas comunidades tão contemporâneas e urgentes em suas questões.

Agora, some-se à intersecção dentro de uma igreja inclusiva pentecostal, de gênero, religião, com o marcador racial e os fatores de classe, sexualidade e localidade. Teremos uma pessoa altamente marcada e violentada: o/a LGBTI+.

É isso que se depreende da pluralidade e diversidade de uma igreja inclusiva. Nela, percebemos um campo vasto para pensar Interseccionalidade. Algumas marcas: é uma igreja cristã, esse cristianismo dissidente do judaísmo, é protestante, dissidente do cristianismo clássico, é pentecostal, dissidente do protestantismo histórico, e por ser pentecostal, muito carrega do preconceito das religiões de matriz africana. No que concerne à localidade, embora em sua maioria nos centros metropolitanos, existe muito de periferia dentro delas, como seus

fiéis, os cultos, as liturgias, as teologias etc. Os frequentadores, em sua maioria, são pessoas com aproximadamente 40 anos e nos ajudam a pensar o acréscimo das marcas geracionais às interseccionalidades.

Em um único espaço social e/ou culto da Nova Esperança, é possível ver a igreja dialogando com várias minorias, como por exemplo, sem tetos, sem empregos, pessoas em situação de rua, LGBTI+s, pessoas portadoras de HIV, profissionais - trabalhadoras e trabalhadores do sexo, travestis, refugiados, crianças, mulheres, mulheres trans, deficientes, idosos, surdos/mudos, negros e negras. Nesta igreja podemos ver o quanto de uma análise interseccional como lente de aumento pode funcionar como ferramenta para pensar melhorias considerando a relação entre raça e gênero, raça e sorologia, raça e afeto, raça e violência íntima, que não aprofundaremos por não ser objeto desta pesquisa, porém pode ser objeto de pesquisas vindouras.

Isto nos faz pensar, também, a Igreja Inclusiva através do conceito de “capital social”⁴¹ de Pierre Bourdieu (1989), em que as pessoas estão distribuídas em um espaço “multidimensional” e conforme o capital/relacionamento que possuem (econômico, cultural, político, religioso) conseguem benefícios individuais ou coletivos provenientes dessas relações sociais estruturantes. Acaba sendo, na maioria das vezes, um espaço tensionado, como um campo de forças, onde os atores sociais combatem entre si.

Patrícia Mattos (2012) em sua pesquisa com um estrato social denominado “ralé”⁴², fala acerca da importância de verificar como as desigualdades na sociedade são constituídas, não apenas por uma categoria de diferenciação, mas por várias. Ou seja, para entender as hierarquias e dominações da sociedade, não basta um olhar para a questão econômica, pois é preciso considerar também as várias dimensões do espaço social, incluindo-se aí a violência simbólica sofrida pelas pessoas.

Essas são algumas das possíveis digressões sobre interseccionalidade e igreja inclusiva

⁴¹ Para Pierre Bourdieu: “O capital – que pode existir no estado objetivado, em forma de propriedades materiais, ou, no caso do capital cultural, no estado incorporado, e pode ser juridicamente garantido – representa um poder sobre um campo (num dado momento) e, mais precisamente, sobre o produto acumulado do trabalho passado (em particular sobre os instrumentos de produção), logo sobre os mecanismos que contribuem para assegurar a produção de uma categoria de bens e, deste modo, sobre um conjunto de rendimentos e ganhos. As espécies de capital, à maneira dos trunfos num jogo, são os poderes que definem as probabilidades de ganho num campo determinado” (BOURDIEU, 1989, p. 134).

⁴² Sobre a mulher da ralé, Patrícia Mattos afirma que “Ao ser notada a situação de vulnerabilidade da mulher da ‘ralé’, em geral e da prostituta, em particular, surgiram algumas questões, fundamentais nesse contexto, que indicavam a limitação de nossa abordagem voltada principalmente para a dinâmica da reprodução dessa classe social: a necessidade de interconexão de outras categorias de diferenciação como gênero, corpo e raça, por exemplo. Surgiram questionamentos relativos à disjuntiva classe/gênero/ raça/corpo que nos levaram a perceber a necessidade de aprofundamento nas questões teóricas envolvendo a intersecção de outras categorias de diferenciação para análise das desigualdades sociais (MATTOS, 2012, p. 262).

pentecostal que apontam para a complexidade desses cruzamentos dentro de um espaço religioso que busca conciliar fé, devoção, espiritualidade e cidadania do/a LGBTI+ negro/a. Complexidade esta que Fanon (1983) brilhantemente enfrenta ao discorrer sobre a construção da subjetividade do/a negro/a. O autor conclui que as pessoas negras, marcadas pelos processos de colonização e do racismo, passam a utilizar máscaras brancas para conseguirem “sobreviver” nas relações de poder e na violência cotidiana da sociedade. Essas tensões, por consequência, terminam por desumanizar até as pessoas brancas. Como as “barreiras” são várias (classe, raça, gênero, idade, território, trabalho, sexualidade e outras, interseccionalmente), a pessoa negra acaba utilizando muitas máscaras, correndo o risco de em algum momento ficar impedida de enxergar a si mesma com seu próprio olhar. Esta complexidade existe sob o olhar de inferioridade que os brancos mantêm sobre os negros, mesmo que esse seja instruído. Trata-se de uma projeção para manter as pessoas negras presas em um *status* inferior dentro de uma ordem colonial.

Na mesma linha anti-racista, Gonzalez (1984), ao combater o mito da democracia racial, já dizia que, na sociedade brasileira, somente existe espaço e postos através do reconhecimento pelo esforço e mérito. A partir desta lógica, conclui-se que se o negro não ocupa determinados espaços e postos, é porque seria irresponsável e cognitivamente limitado, reforçando, mais uma vez a construção intencional de um paraíso racial, marcado por interesses. Nas palavras da autora:

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria! Porquê? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. [...] Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto, têm mais é que ser favelados (GONZALEZ, 1984, p. 225-226).

Pelo que depreendemos do pensamento de Gonzalez (2018) sobre esses “lugares” simbólicos que a mulher negra ocupa, percebemos a subalternidade e marginalização dos corpos negros, um dos principais fatores determinantes do racismo como conjunto de práticas, da sobreposição de violências vivenciadas por mulheres, e reforçado após a abolição da escravatura, para favorecer os interesses de pessoas privilegiadas. Isto porque, principalmente as mulheres carregam em seus corpos as marcas da exploração econômica, racial e sexual.

Estamos falando de uma sociedade sexista e misógina, que confere ao gênero masculino e à heterossexualidade, um elemento de privilégios, perpassado por um caminho

que remete ao seu período de formação e, no caso do Brasil, a uma herança patriarcal trazida pelos portugueses, cabendo à mulher negra seu pagamento, que, até agora, é cobrado. Conforme aponta Nascimento: O “preço dessa herança foi pago pela mulher negra, não só durante a escravidão. Ainda nos dias de hoje (...) continua a vítima fácil, vulnerável à qualquer agressão” (NASCIMENTO, 2016, p.73).

À época, o movimento feminista brasileiro não conseguia incorporar às suas lutas, as pautas denunciadas pelas mulheres negras, em um menosprezo as suas dores e taxando-as de “emocionais” (GONZALEZ, 2018). Isto aponta a constante violência de gênero e a luta das pessoas negras para o pleno exercício da cidadania, direitos, direitos humanos⁴³ negados até os dias atuais. É das lutas e vivências cotidianas dessas pessoas que falaremos no próximo tópico.

3.1.2 Trajetórias, experiências e vivências LGBTI+ + pretas pentecostais

Há uma relevância em reconstituir e analisar a trajetória de LGBTI+s negros/as numa igreja inclusiva, pois segundo o conceito de trajetória⁴⁴ de BOURDIEU (1989), isto possibilita analisar a incoerência em relação aos princípios morais judaicos/cristãos e a trajetória “destoante” dos frequentadores de uma igreja inclusiva, no caso a Nova Esperança.

Apoiamos a necessidade de reconstruir e analisar a trajetória de LGBTI+s, em Fausto (2011), que aponta a necessidade de saber a biografia de uma pessoa quando ela “combina as esferas pública e privada; ou seja, quando a narrativa se insere de algum modo em um universo coletivo, dizendo respeito a uma etnia, a uma nação, a uma classe social, etc” (FAUSTO, 2011, p.7).

⁴³ Sobre direitos humanos ou humanos direitos negados, o pensador português Boaventura de Sousa Santos, em sua obra intitulada de “E se Deus fosse ativista dos Direitos Humanos” (SANTOS, 2014), apresenta reflexões subjetivas sobre a relação entre direitos humanos, religiões e a justiça social na perspectiva da dignidade humana. Segundo ele a diversidade religiosa tem, potencialmente, ligação direta com o constante debate sobre os direitos humanos, sobretudo em um caminho onde se combate todo tipo de injustiça presente no contexto de uma sociedade pluralista. Esse pensamento contribui para denunciar uma concepção de direitos humanos ocidental e hegemônico, contribuindo para expansão de uma espiritualidade diversa e pautada na luta por transformação social. Em suas palavras: [...] se Deus fosse ativista dos direitos humanos, ele ou Ela estariam definitivamente em busca de uma concepção contra hegemônica dos direitos humanos e de uma prática coerente com ela. Ao fazê-lo, mais tarde ou mais cedo este Deus confrontaria o Deus invocado pelas opressões e não encontraria nenhuma afinidade com este ou esta” (SANTOS, 2014, p. 148).

⁴⁴ De acordo Bourdieu, trajetória é “série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”, em outras palavras, é necessário considerar a construção “dos estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado (...) ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis.” (BOURDIEU, 1998, p.190), ou seja, a vida não é linear.

Antes, entretanto, vale apresentar uma síntese biográfica das entrevistas, algumas perguntas e respostas em quadro sistematizado, construído pelo autor, que auxiliarão nossa análise:

	JUSTINO	WLADIMIR	ESDRAS	ENEAS	ANDRE	JANDEIRSON
Gênero, estado civil, raça, idade Profissão Graduação Residência	Homem Gay, Casado, Negro, 60 anos, Despachante Superior incompleto, Pirituba	Homem, Gay, Solteiro, Pardo, 60 anos, Administrador de empresa, Superior completo, Guarulhos-SP	Homem, Gay, Solteiro, Pardo, 49 anos, Militar (aeronáutica), Filósofo, Superior completo, Centro-SP	Homem, Gay, Solteiro, Negro, 53 anos, Assistente Adm., Ensino Médio, Ermelino Matarazzo	Homem, Gay, Solteiro, Negro, 45 anos, Ensino Médio, Mauá-SP	Homem, Gay, Pardo, Solteiro, 45 anos, Professor, Superior completo, Diadema-SP
Igreja atual e Igrejas anteriores	Tenda do Encontro, Nova Esperança central, Transfiguração, Renascer, Assembléia de Deus Bom Retiro	Sem religião \ Assembléia de Deus , Nova Esperança Guarulhos, Assembléia de Deus	Nova Esperança Central, Assembléia de Deus	A Igreja da Vila, Nova Esperança Central, Batista	A Igreja da Vila, Nova Esperança Central, Católica	A Igreja da Vila, Nova Esperança Central, Matriz Africana
Você faz parte de alguma Militância e/ou ONG?	Movimento negro quando jovem	Sim, dois e atrelados a igreja. Em Guarulhos e Santo Andre	Não	Não	Não	Sim na área da educação
Porque você frequenta/frequentou a Nova Esperança	Porque podia adorar a Deus livremente e era a única pentecostal inclusiva na época	Porque podia ser eu	Porque me sinto bem e acolhido nas minhas demandas como gay cristão	Foi para a Nova Esperança porque a Acalanto fechou. E foi para o meio inclusivo porque não podia ser eu na outra igreja	Por começar a namorar um rapaz de lá, gostei e fiquei	Porque sempre me preocupei com esse lado espiritual e achei um lugar com muita paz
Você se vê/viu representado no sermão, louvores e administração da igreja	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Como	10	10	10	10	10	

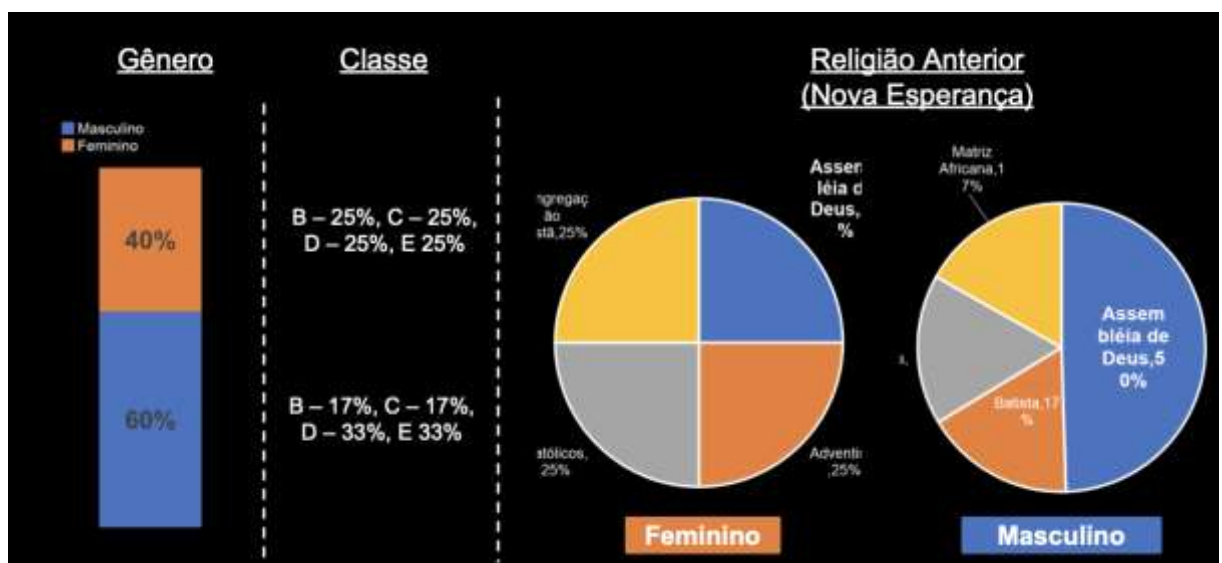
	JUSTINO	WLADIMIR	ESDRAS	ENEAS	ANDRE	JANDEIRSON
<p> você avalia a participação dos negros/as na Igreja? Dê uma nota de 0 a 10 </p>						10
<p> Geralmente, onde você enxerga mais a participação dos negros/as (Louvor, sermão, administração) </p>	Todas as áreas	Enxergo todas as pessoas em todas essas áreas	Todas as áreas	Todas as áreas	Todas as áreas	Todas as áreas

	FERNANDA	JOANA	AMABILE	INEIDE
<p> Gênero, estado civil, raça, idade Profissão Graduação Residência </p>	Mulher transexual, solteira, negra, viúva, 48 anos, assistente social, superior completo Centro -SP	Mulher Transexual, solteira, negra, 69 anos, analfabeta, Jardim Jaqueline - SP	Mulher Lésbica, casada, negra, 49 anos, Teóloga, superior completo, Casa Verde-SP	Mulher Lésbica, casada, negra, 49 anos, enfermeira, superior completo, Osasco-SP,
<p> Igreja atual E Igrejas anteriores </p>	Candomblé, Nova Esperança Central, Assembléia de Deus	Tenda do Encontro, Nova Esperança Central, Católica	Igreja Anglicana, Nova Esperança Central, Adventista	Nova Esperança Osasco, Congregação Cristã
<p> Você faz parte de alguma Militância e/ou ONG? </p>	Sim, vários movimentos inclusive ANTRA	Sim, fazendo kits de material de prevenção DST/AIDS	Sim, sou sindicalista	Sim, na área da saúde na Igreja de Osasco e Central
<p> Porque você frequenta/frequentou a Nova Esperança </p>	Porque fui com um amigo e gostei	Porque é um lugar muito bom e com Deus	Porque estava precisando de uma igreja e achei ela na internet na época	Porque queria estar perto de Deus
<p> Você se vê/viu representado no sermão, louvores e </p>	sim	Sim	Sim	Sim

	FERNANDA	JOANA	AMABILE	INEIDE
administração da igreja				
Como você avalia a participação dos negros/as na Igreja?	10	10	9	10
Geralmente onde você enxerga mais a participação dos negros/as (Louvor, sermão, administração)	Todas as áreas	Todas as áreas	Todas as áreas	Todas as áreas

Quando consideramos tanto as lideranças pastorais quanto membros da Nova Esperança acima e que participaram desta pesquisa, vemos que: 60% deste número é representado por homens gays e 40% mulheres, (2 cisgênero e 2 transgêneros). No que se refere à raça/etnia dos/as entrevistados/as, 70% se declararam negros/as e 30% se declararam pardos/as. 60% possuem Ensino Superior ou (pós) graduação completos, 10% Ensino Superior incompleto, 10% analfabeto e 20% Ensino Médio completo. Considerando as diversas profissões, o salário médio é de 2,92. Abaixo, o gráfico 1 – TÍTULO:

GRÁFICO 1 – Gênero, classe e religião

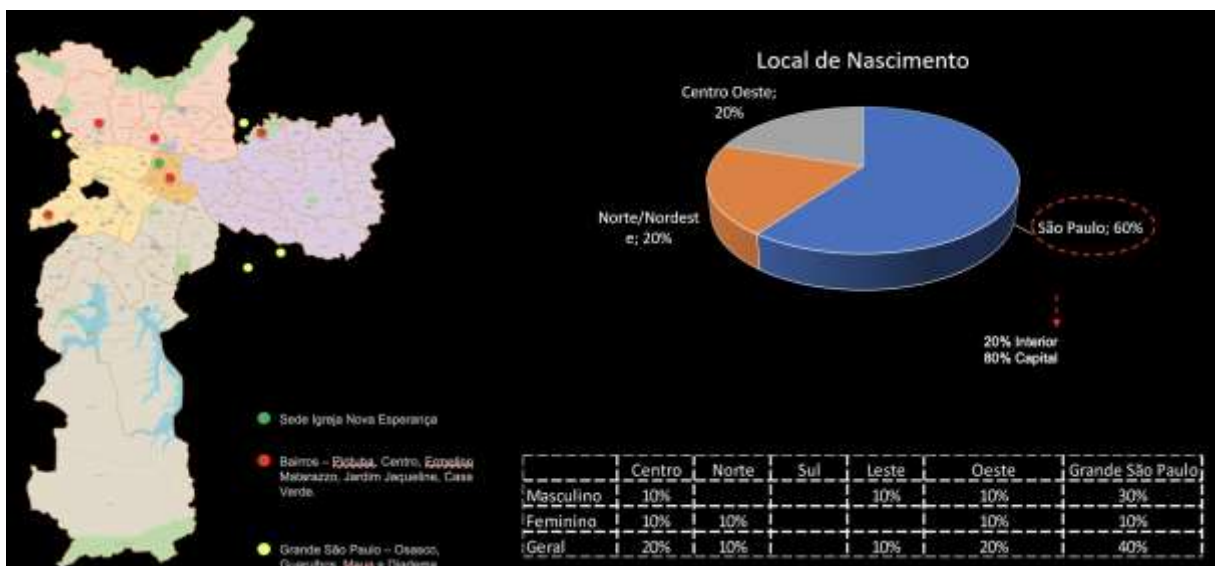


Fonte: autoria própria.

A faixa etária dos/os interlocutores/as varia entre 45 e 69 anos, sendo que 60% possuem entre 45 a 49 anos, 30% estão na faixa entre 55 a 60 anos e 10% possuem mais de 60 anos. Local de nascimento 60% em São Paulo, dos quais 20% no interior, 20% no norte/nordeste e 30% centro-oeste. Proximidade da igreja 20% centro de São Paulo, 40% em São Paulo e 40% na Grande São Paulo. 30% possui veículo automotor.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a classe social é definida pelo poder aquisitivo sendo estipulado pela quantidade de salários mínimos que o indivíduo recebe, sendo a classe A com maior poder aquisitivo e a E com menor. Classe A: mais de 15 salários mínimos; Classe B: de 5 a 15 salários mínimos; Classe C: de 3 a 5 salários mínimos; Classe D: de 1 a 3 salários mínimos; Classe E: até 1 salário mínimo (IBGE, 2010, s/p), conforme gráfico 2 - TÍTULO, abaixo:

GRÁFICO 2 – Geografia e local de nascimento



Fonte: autoria própria.

Considerando o período de 2004 a 2019, 20% ainda permanecem na igreja desde a inauguração; se desfilaram, 30% nos 7 primeiros anos, 30% nos 10 primeiros anos e 20% nos últimos 5 anos. Pelo que podemos inferir da pesquisa de campo, essa baixa permanência e/ou sedimentação nas igrejas inclusivas de forma geral e mais precisamente a Nova Esperança é porque trata-se de um tipo de igreja “de passagem”, onde por vezes o LGBTI+ tem um primeiro encontro com a teologia inclusiva e/ou queer, que com mais probidade o acolhe deixando-o mais livre para viver a fé cristã novamente. Nisso muitos, mais conscientes de que Deus os ama

do jeito que são, retornam a suas antigas igrejas, mesmo que sem exercer o ministério por continuar sendo LGBTI+, outros se sentem “enganados” por terem acreditado em uma narrativa bíblica que os condenavam ao inferno e rompem de vez com a fé cristã e com a igreja, outros se vêem livres e montam suas próprias igrejas ou se tornam sem religião, que é o caso do Pastor Wladimir, ao ser perguntado qual igreja frequenta hoje, respondeu que hoje não frequenta nenhuma:

A: Tá entendi. E como você chegou na Assembleia de Deus?

W: Através da minha mãe com o aperto né pra variar de vida tal que ela foi buscar. Mas ela tinha uma coisa com igreja evangélica porque quando ela casou, ela passou um tempo com o meu avô, eles foram conhecer a família do meu pai. Meu pai é de Pernambuco né, então eles foram conhecer a família do meu pai e meu avô pregou o evangelho pra ela porque ela era católica né.

A: E o seu avô era crente assembleiano?

W: O meu avô, pai do meu pai, ele era pastor batista na época.

A: De qualquer forma a Assembleia de Deus surge na sua vida através da sua mãe que te levou pra igreja?

W: Isso, exatamente

A: Qual igreja você frequenta hoje?

W: **Hoje frequentar mesmo, nenhuma.**

A: Alguém me falou que você estava na Assembleia, é isso?

W: Não, não. Informação errada. Não frequento nenhuma. (Diário de Campo, abril de 2022, grifo nosso).

Os 20% de frequentadores que detidamente permanecem na igreja Nova Esperança, geralmente, trata-se da liderança e/ou ligada de alguma forma a liderança da igreja, como por exemplo por constar do Corpo Administrativo e em documentos oficiais como Estatuto e Regimento, como podemos ver no gráfico 3 - TÍTULO, à seguir:

GRÁFICO 3 – Permanência



Fonte: autoria própria.

Há também comumente um grande trânsito religioso entre as dezenas de igrejas inclusivas da capital paulista, que também são chamadas de “igrejas de público flutuante”, por

diversas razões, dentre algumas, não adaptação à liturgia, à teologia ou à doutrina. Por estarem a procura de um relacionamento e/ou casamento que são em média 20% do contingente dessas igrejas, e até mesmo em busca de se tornar empregado ou profissional de algumas dessas igrejas.

A pesquisa também aponta que 40% procurou ou frequenta a igreja porque está à procura de Deus, provavelmente como reflexo do peso psicológico e emocional que trazem demandas no cotidiano para os LGBTI+ na capital paulista, buscar a Deus e ter acesso a Ele nesses espaços pode ser de muita valia.

Os outros 40% de fiéis procuram a igreja para viver sua sexualidade livremente ao mesmo tempo em que vivenciam suas religiosidades possivelmente como um reflexo de uma repressão sexual vivida nas outras igrejas tradicionais.

De forma geral as pessoas pretas LGBTI+ quase em sua totalidade se vêem representadas no sermão, louvores e administração da igreja e avaliam muito bem a participação dos negros/as na Igreja, além de se verem representados nas áreas eclesiais e administrativas, o que demonstra que de alguma forma essa comunidade de fé tem atendido bem suas demandas.

Uma das lacunas que poderá ser preenchida, em pesquisas futuras, é a falta de “jovens negros/as” entre 18–30 anos. Acreditamos que uma possibilidade desta ausência ocorra por estas pessoas estarem ainda lutando com a possibilidade de alinhar suas religiosidades e sexualidades em espaços tradicionais e/ou fundamentalistas. Talvez pela falta dessas pessoas nas reuniões, atividades e nas lideranças, não tivemos acesso às vivências deles/as.

A partir deste ponto, gostaríamos de inaugurar uma nova forma de apropriação linguística. Incorporamos o “pretoguês”⁴⁵ de Lélia Gonzalez (1988) aos títulos de algumas das nossas próximas sessões por meio de um linguajar “pretogays”, típico da comunicação de pessoas gays e que também é utilizado nas igrejas inclusivas.

3.2 Vamos, as vivências que importam, bi⁴⁶!

Vamos às Trajetórias, experiências e vivências LGBTI+ + pretas pentecostais na Nova Esperança, que serão permeadas por questões específicas (classe, raça, gênero, sexualidade, religião), nas quais não pretendemos nos aprofundar, mas sim trazer digressões e contribuições

⁴⁵ Termo cunhado pela autora para pensar a formação da identidade cultural brasileira por meio de palavras provenientes de idiomas africanos. É uma forma de resistência por meio da linguagem.

⁴⁶ Referindo-se ao diminutivo de “bicha”.

ao debate interseccional através da vivência desses fiéis.

Devido à pandemia COVID-19, as entrevistas foram realizadas de forma híbrida, presencial e virtual, espontânea e voluntariamente, em lugares diversos, padarias, igrejas, escritórios, casas dos/as entrevistados/as e outros e que fazem parte do meu diário de campo.

3.2.1 Sobre embranquecer o pentecostalismo da Nova Esperança

A entrevista com o Pastor Justino, aconteceu de forma híbrida. Ele, homem negro, gay, divorciado, com 60 anos, despachante, alagoano e filho de pais descendentes de indígenas e alagoanos. É o quarto filho entre oito irmãos/as.

Ele se tornou pastor ainda na Igreja Evangélica Pentecostal Transfiguração, onde vivia com sua esposa e teve um filho e uma filha, que lhe daria dois netos. Quando sua sexualidade veio a público, seu casamento acabou e teve que abandonar o pastorado deixando de frequentar igrejas evangélicas. A retomada à prática Cristã ocorreu quando conheceu a Igreja Acalanto.

O período aproximado de 15 anos em que fui nativo da Igreja Nova Esperança, e as entrevistas com o Pastor Justino, me fizeram pensar sobre o fenômeno do embranquecimento que a Igreja, no transcorrer do tempo, pode ter passado. Lelia Gonzalez (2018), sobre a ideologia do embranquecimento mostra o “preconceito” com a linguística de alguns negros/as que não pronunciam algumas consoantes como as letras L ou R:

O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes (como o L ou o R, por exemplo), apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo (...). Desnecessário dizer o quanto tudo isso é encoberto pelo véu ideológico do branqueamento, é recalcado por classificações eurocêntricas do tipo “cultura popular, folclore nacional”, etc, que minimizam a contribuição negra (GONZALEZ, 2018, p. 322).

Ainda sobre uma política de embranquecimento, é necessário perceber que existem dispositivos que demarcam e promovem este preconceito velado em meio à população, fazendo parecer que “ter a pele mais clara” pode ajudar a resolver, ou pelo menos melhorar, os problemas decorrentes do racismo:

Como descendentes de africanos escravizados nascidos pós-abolição, e ainda que não tenhamos vivido os horrores da escravidão do modo como nossos ancestrais viveram, trazemos em nossa memória corporal as marcas desse período. Para além disso, estamos inseridos num país que implementou e que perpetua com múltiplos dispositivos uma política de embranquecimento da população. Política esta que se inaugura com a abertura do país para a entrada de imigrantes europeus no início do século XX e que se desdobra até os dias de hoje, de modo que a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado; em

que a expectativa de vida dos negros é seis anos a menos do que a dos brancos; em que 75% da população mais pobre é negra; em que apesar de ser mais de 54% da população nacional, negros são minoria no congresso, na academia, na televisão e em todos os espaços de poder da sociedade (CARNEIRO, 2011 apud VEIGA 2018).

Nisto constatamos o quanto a “intenção inicial” ainda na Acalanto, de formar uma igreja pentecostal de “raiz brasileira” pode ter embranquecido.

Fanon (1983) diz que o negro/a, tem que se imbuir de máscaras brancas no intuito de sobreviver e romper “barreiras” sociais, dentre essas a barreira da cor, que impede o acesso de negros/as a lugares de tomada de decisão, privilegiando as pessoas brancas.

Segundo o Pastor Justino (2014), a Igreja Nova Esperança nasce do desejo pentecostal de liberdade dos corpos, com danças, palmas, glossolalia, orações fervorosas, sermões e cânticos em vozes altas, o que na Igreja Acalanto, não era mais possível, em suas palavras:

J: Ele fala que veio da Assembleia de Deus, outra hora ele fala que veio da Metodista, entendeu? **E o que acontece é que ele não era pentecostal, e ele tinha um problema muito sério com isso**, por que naquela época eu já conhecia a igreja, já estava muito envolvido na Acalanto, afinal eu fiquei cerca de dois anos lá na Acalanto, e eu conheci muitas pessoas, a igreja Acalanto era na verdade um ajuntamento de pessoas que eram da Assembleia de Deus e Congregação, ou seja, na sua maioria eram pentecostais e quando eles me viram, um pastor pentecostal, começaram a cobrar **uma reunião que fosse pentecostal, não com esse título, mas uma reunião que tivesse mais oração, mais uma palavra de “fogo”**, por que o Vitor, não sei se você lembra, ele não era muito bom no trato, ele era muito bom em história né, então pra ele contar a história de um dos heróis da fé era perfeito, mas a ministração da palavra nem tanto, então as pessoas da igreja me cobravam isso, foi quando eu entrei em contato com ele e pedi que ele me desse uma reunião as quinta- feiras, e foi muito difícil pra ele aceitar, eu cheguei ao ponto de ameaçar sair da igreja, por que ele não queria, mas acabou cedendo e o que aconteceu foi que as pessoas começaram a **migrar do culto de Domingo para o culto de quinta- feira, por que era o culto pentecostal**, entendeu?

(...) como eu falei o pastor Vitor **não era pentecostal, então a liturgia era muito tranquila, não tinha “Repleplé”**, nada disso! Então para mim era difícil eu congregar sem **falar em línguas**, como eu te falei, eu vim de uma igreja muito semelhante a igreja Deus é Amor, então imagina, **muito “repleplé”, muito essas coisas de “fogo” né?! então o choque bom, foi ter uma igreja para o público LGBT, o choque ruim é que a igreja não era uma igreja pentecostal, mas era a única**, não tinha outra, então eu decidi ficar, (...) porque **a CCNE desde o começo ela veio num pentecostalismo forte, muito forte** (Diário de Campo, abril de 2022, grifos nossos).

Esse desejo por uma igreja com mais “mover pentecostal” difere da luta das minorias e antirracista, pois quando perguntado se teve algum envolvimento com movimento de minorias e se o sermão e louvores da Nova Esperança lhe representavam disse que sim, mesmo não lembrando de ter pregado contra o racismo, além de ter em seu bojo de louvores músicas como

“alvo mais que a neve”⁴⁷ e de lideranças musicais tradicionais cristãs, publicamente homofóbicas, como Ana Paula Valadão e André Valadão.

Ao questionar pessoas que tentam engessar Deus em suas crenças, John Burdick (1999), no texto “Qual a cor do espírito santo”, nos traz a complexidade identitária do negro/o cristão/a pentecostal, que por vezes é tido/a pelo movimento negro como os que seguem a religião do colonizador/opressor branco. Burdick (1999) diz que as coisas não são tão simples assim, pois em seus estudos verificou-se que as pessoas negras cristãs ressignificaram o pentecostalismo em suas vivências pretas. O que não significa que perderam a identidade. Dito isso, o mesmo pode se verificar na igreja inclusiva Nova Esperança, que pode ter se ressignificado e não perdido a identidade negra.

3.2.2 Face com face: a democracia racial

A fala e narrativas do Pr. Wladimir são fundamentais para essa pesquisa por ele ter participado da fundação da Igreja Acalanto e da Nova Esperança, e por ter sido pastor da primeira filial da Nova Esperança em Guarulhos por 07 anos. O Pr. Victor Orellana, co-fundador da Igreja Acalanto, não mostrou interesse em contribuir com a pesquisa.

Wladimir Freire é brasileiro, solteiro, administrador de empresas, pardo, filho de pai negro e mãe branca, gay, neto e filho de pastores Batistas nordestinos. Quando ainda criança, com sua mãe, frequentou a Assembléia de Deus do Bairro da Casa Verde, em São Paulo Capital. Já na adolescência, devido conflito com sua sexualidade e as doutrinas da igreja, afastou-se. Assim como Justino, ficou alguns anos longe da igreja, e “retornou para o evangelho” na Igreja Acalanto. Depois de dois anos, fundaram a Igreja Nova Esperança, sob a insígnia de Comunidade Cristã Nova Esperança (CCNE). Ressalta-se que ele foi ungido pastor por Justino, no ano de 2005.

Somente quando da segunda entrevista virtual, por exemplo, além de se autodenominar pardo, com pai e avó negro, é que tomou conta da potência e tamanha importância do pioneirismo da igreja inclusiva predominantemente preta que ele ajudou a fundar. Ficou surpreso, também, pela quantidade de pessoas pretas que fizeram parte da trajetória da

⁴⁷ De acordo com Gedeon Alencar: “É quase certo que composição desta música tenha forte relação com o Salmo 51.7: “Expurga-me com hisopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais branco que a neve” (Tradução brasileira). Se for isto de fato, associa o pecado humano a questões étnico-raciais. A mesma associação podemos observar na fala do missionário pentecostal sueco Otto Nelson que desembarcou em Alagoas em 1915 ao comentar sobre uma das primeiras mulheres pentecostais da Assembléia de Deus naquele estado “preta como carvão, mas lavada no sangue de Jesus”” (ALENCAR, 2010, p. 66).

construção da igreja e da sua própria trajetória como pastor inclusivo, pois para ele, até então, sempre enxergou todos como pessoas, todos como seres humanos, independente da cor da pele. Isso nos ajuda a refletir sobre a face oculta, mas nem tanto, do mito da democracia racial. Percebemos isso na fala do Pastor Wladimir:

A: Mas enfim vamos lá você se auto denomina negro, pardo ou branco?

W: Pardo.

A:Pardo. Os seus pais, sua mãe é negra, seu pai é negro?

W: Meu pai era negro e a minha mãe não.

A: Negro retinto ou pardo também? Como que é seu pai também?

W: O que que é retinto que eu nem sei?

A: É bem escuro igual eu assim. Retinto é bem escuro

W: Não não era tão escuro não.

A: Tá mas na sua cor, você puxou mais seu pai ou a sua mãe?

W: Meu pai com certeza, porque minha mãe era filha de portugueses com italianos, eles eram muito brancos, meus avós eram super brancos. Agora por parte de pai, meu avô era negro, minha avó era índia, então meu pai negro.

A: Então você não lembra de pessoas negras se batizando no primeiro retiro? Você lembra do primeiro retiro?

W: Lembro, lembro sim, na medida do possível

Atila: O Cleber estava e se batizou, o Jorge Lima, o Andre Seabra.

W: Eu lembro que eram uns nove mais ou menos, que foram batizados no primeiro retiro. **Agora se eram negros ou não, te falei daquela outra vez, eu nunca prestei muita atenção nisso, pra mim eram pessoas, nunca me chamou muita atenção** (Diário de campo, abril de 2022, grifo nosso).

Para Gonzalez (1981), o mito da democracia racial no Brasil é uma forma de dominação que dificulta a consciência objetiva do racismo e o conhecimento direto de suas verdadeiras práticas, isto porque é fundamentado na crença histórica construída socialmente sobre a miscigenação:

O mito da democracia racial exerce uma violência simbólica específica sobre a mulher negra – que não sofre apenas opressão do racismo, mas também do sexismo –, pois objetifica-a nos estereótipos de mulata, mãe preta e empregada doméstica, derivados da figura da mucama. A palavra mucama tem origem na língua quimbunda e originariamente significa ‘amásia escrava’ (GONZALEZ, 1980, p.197).

Do pensamento de Gonzalez (1981) percebemos haver uma grande complexidade quando pensamos racismo e a metáfora “democracia racial” na nossa sociedade. Quando falamos disso é porque antes já falamos de muitas outras coisas, como questões sociais, históricas, religiosas, de gênero, sexualidade dentre outras. Não é simples: “Na verdade, o grande contingente de brasileiros mestiços resultou de estupro, de violentação, de manipulação sexual da escrava. Por isso existem os preconceitos e os mitos relativos à mulher negra: de que ela é “mulher fácil”, de que é boa de cama, etc.” (GONZALEZ, 2018, p. 110).

Retomando a face oculta da democracia racial, devemos recordar que a face pública do movimento LGBTI+ e outros movimentos de minorias, como o feminista, é branca, e pelo que

podemos depreender desta pesquisa a face pública das igrejas inclusivas até então, também era branca. Assim como de algumas proeminentes e gigantes igrejas pentecostais, inclusive com representatividade nas casas legislativas, também são brancas, o que não quer dizer que não existam outras faces/rostos/caras, como a negra, com identidades mantidas e/ou apagadas e/ou ressignificadas.

A partir da escassez de pesquisas sobre igrejas inclusivas que consideram questões raciais, podemos inferir que, até na academia, a face e origem das igrejas inclusivas era somente branca até a presente pesquisa, incluindo a Igreja Nova Esperança.

O que não se pode negar é que, até aonde se tem conhecimento, ela foi a primeira igreja inclusiva pentecostal nativa brasileira a sistematizar um conglomerado de igrejas, com:

1. CNPJ;
2. Estatuto;
3. Regimento interno;
4. Teologia inclusiva própria;
5. Templo sede;
6. Filiais em São Paulo, Grande São Paulo, interiores, vários estados brasileiros e até fora do Brasil;
7. Gerenciamento eclesiástico federativo;
8. Gerenciamento em rede do administrativo centralizado na Sede em São Paulo;
9. Corpo diretivo com Presidente nacional, vice-presidente, tesoureiro, secretário e conselheiros fiscais;
10. Ordenações pastorais;
11. Envio e recebimento de missionários nacionais e internacionais;
12. Com cumprimento dos sacramentos, batismo anual e santa ceia mensal;
13. Frentes sociais (parada LGBTI+, ONGs); e
14. Ministérios internos tais como: pastoral, intercessão/oração, diaconia, educação cristã, assistência social, mulheres e outros.

Muito do sucesso desta igreja diz respeito ao trabalho duro e árduo de pessoas pretas que resistem e persistem e que nunca se deram por vencidas frente às barreiras impostas pela branquitude e suas opressões, imposta por vezes pelo mito da cordialidade entre as raças, tentando lubridiar os negros de que o racismo “entre irmãos/crentes” não existe e que as coisas acontecem pelo esforço mútuo, quando sabemos que, para um preto, o caminho é muito mais longo, se for mulher, mais distante, se for LGBTQI+ mais árduo, e se somados esses marcadores à religião pentecostal, nem se fala.

3.2.3 A pele cromática clara ou escura

O engajamento coletivo que dissemina uma narrativa anti-racista, laica e a favor dos direitos humanos, favorece a diminuição do preconceito e discriminação racial, e é o que nos fez pensar sobre a fala do Pastor Esdras Xavier. Ele é solteiro, meteorologista pela Força Aérea Brasileira e bacharel em Filosofia, negro de pele clara, homem gay, neto e filho de pastores Assembléianos do interior de São Paulo.

Esdras, foi Pastor da filial da Nova Esperança Osasco por mais de cinco anos e hoje é o pastor responsável pela Nova Esperança Central. Diferente dos pastores Justino e Wladimir ele nunca frequentou a igreja Acalanto. Tanto Esdras, como Amábile, hoje clériga leiga da Igreja Anglicana, de quem falaremos mais depois se autodenominam negros de pele clara. Esdras, inclusive, cita o IBGE:

A: Mas vamos lá, você se auto denomina negro ou preto, branco ou pardo?

ES: É nas estatísticas do IBGE, né? Normalmente quando eles perguntam, eu coloco, eu me coloco lá como como pardo. Porque. Porque na verdade, por uma questão, tem no Brasil você tem a individualização dentro do colorismo, não é? Você tem essa questão do colorismo mais? Tá, é então, mas é. É, eu sou dentro da estatística, não é? Mas eu me posiciono, eu sempre como negro de pele clara (Diário de Campo, abril de 2022).

A Amabile no quesito “colorismo” não faz menção ao IBGE. Ela dá mais enfoque à cor da pele de seus familiares:

Am: Mas a minha família, que é negra. Eles não se autodeclaram negros, a não ser a minha mãe. É, nem as minhas irmãs, porque assim eu sou filha é, eu sou filha única. Do meu pai com a minha mãe.

E tenho mais 2 irmãs mais novas, que são filhas do segundo casamento dela. Com o homem branco?

E as minhas irmãs são. Tem um tom mais escuro de pele, mas elas não se autodenominam negras. A minha família por parte de mãe. Ela não. Ela não tem essa essa preocupação, inclusive, ela tem uma certa AA. Ela não gosta nem de discutir a relação. E aí todo mundo tira sarro da minha cara porque eu sou a minha tese. É a mais clara, mas eu me auto denomino negra de pele clara (Diário de Campo, abril de 2022).

Ser negro/a de pele clara ou escura faz diferença na nossa sociedade. Carneiro (2004) aponta que, por vezes, a diversidade cromática da cor da pele negra herdada de gerações anteriores tem sido historicamente utilizada para enfraquecer a identidade racial dos negros/as. Esta estratégia é utilizada, inclusive, como forma de eugenia e embranquecimento compulsório, como vemos no caso prático do episódio de registro de nascimento de sua filha. Em suas palavras:

Insisto em contar a forma pela qual foi assegurada, no registro de nascimento de minha filha Luanda, a sua identidade negra. O pai, branco, vai ao cartório, o escrivão preenche o registro e, no campo destinado à cor, escreve: branca. O pai diz ao escrivão que a cor está errada, porque a mãe da criança é negra. O escrivão, resistente, corrige o erro e planta a nova cor: parda. O pai novamente reage e diz que sua filha não é parda. O escrivão irritado pergunta, “Então qual a cor de sua filha”. O pai responde, “Negra”. O escrivão retruca, “Mas ela não puxou nem um pouquinho ao senhor? É assim que se vão clareando as pessoas no Brasil e o Brasil. Esse pai, brasileiro naturalizado e de fenótipo ariano, não tem, como branco que de fato é, as dúvidas metafísicas que assombram a racialidade no Brasil, um país percebido por ele e pela maioria de estrangeiros brancos como de maioria negra. Não fosse a providência e insistência paterna, minha filha pagaria eternamente o mico de, com sua vasta carapinha, ter o registro de branca, como ocorre com filhos de um famoso jogador de futebol negro (CARNEIRO, 2004, s/p).

Fato é que o racismo presente nas relações interpessoais em várias esferas da sociedade, fluindo como hierarquia de poder de raça/etnia e gênero, ocorre também em função de preconceitos e práticas discriminatórias em relação à cor da pele escura e, por isso, as pessoas de pele clara têm privilégios e melhor acesso à educação, saúde, melhores empregos e salários, dentre outros.

Entretanto, isto não exclui o racismo. Uma pessoa negra, mesmo que de pele clara, acaba sendo tolerada, mas não aceita em sua totalidade na sociedade. Além da cor do tom da pele, outras marcas, como lábios grossos, nariz achatado, gengiva com melanina aparente, “bunda grande”, cabelo “crespo”, tornam-se características que interferem no tratamento recebido e no acesso concedido ou não.

Pode-se considerar, então, que o/a negro/a retinto/a é marcadamente mais excluído/a e mais discriminado na nossa sociedade em comparação aos negros/as que possuem tons de pele mais “claros”.

Caberia aqui uma análise mais profunda das relações interraciais na Igreja Nova Esperança comparando fiéis negros/as de pele clara com fiéis negros/as retintos/as. Porém, por não ser objeto fulcral desta pesquisa, ficaremos nessas considerações, deixando aberta a possibilidade para pesquisas futuras.

3.2.4 Precisamos de engajamento político, querida!

Voltando às entrevistas, vários interlocutores mostraram participação nos movimentos de minorias, de negritude, sindicatos, para além do assistencialismo, pensando e movendo em questões estruturais como: palestras educacionais de prevenção de AIDS e DSTs, questões psicológicas, econômicas, jurídicas e outras. Ocorre que nem todos os pastores entrevistados e

membros disseram ter participado ou estar participando efetivamente de militância e/ou Organização Não Governamental em favor das minorias. Por que será?

O empenho da Nova Esperança em questões sociais e políticas é notório e reconhecido como no caso da Câmara dos Vereadores, mostrado no capítulo II, onde houve o reconhecimento através de homenagem pelo serviço social realizado na e pela comunidade LGBTQI+. Esse empenho nos faz pensar a importância dos embates e lutas sociais para uma igreja inclusiva distintamente negra. Nisso e geralmente vemos a Nova Esperança como uma igreja com perfil social e militante, lutando em favor das minorias, contra o preconceito de raça, classe, gênero, sexualidade, religião e injustiças sociais.

A luta de não se calar diante da injustiça é um dos fundamentos da fé do Jesus Cristo que nasceu na periferia de Nazaré e sempre esteve do lado dos que perdem. Por vezes, o cristianismo, dentre as várias religiões, é tido desde sua origem como a mais militante, até porque a igreja existe também como “voz profética” denunciando principalmente pecados sociais como: homofobia, transfobia, racismo, sexismo dentre outros; e buscando meios e/ou ferramentas de lutas e enfrentamento contra essas injustiças sociais, muito parecido com o que o Cristo fazia ao confrontar políticos e mestres da lei, com seus ensinamentos, em sua época.

Daí a necessidade de estar inserida nesses campos de disputa política, ou seja, pelo direito das mulheres, mulheres pretas, indígenas e pobres.

3.2.5 Agora que é que são elas...

E por falar em mulheres e mulheres pretas, elas representam 40% dos entrevistados. A Pra. Amabile muito contribuiu para o alicerce e sedimentação da Nova Esperança. Ela é teóloga, sindicalista, negra de pele clara, de tradição religiosa Adventista e casada com uma psicóloga negra.

Amabile tem passagem marcante na Nova Esperança. É dela a iniciativa e grande parte da feitura do estatuto e regimento interno que rege até hoje a Nova Esperança. Foi uma das primeiras líderes do ministério de mulheres. Se desligou da Nova Esperança em 2016. Hoje, é membro da Igreja Anglicana Catedral de São Paulo, no Bairro da Santa Cecília e lá exerce o sacerdócio leigo.

Dentre outras coisas, quando perguntada como avaliava a participação dos negros/as na Igreja Nova Esperança, diferente dos outros nove entrevistados, disse não ser excelente, sob o argumento de que hoje na Igreja Anglicana se sente melhor intelectualmente.

A: Como que você avalia a participação dos negros no surgimento da Nova Esperança nessa época que você teve lá. De 10 a 100, de 10 a 100. Quanto que nota você daria?

Am: Um 80

A: Até que ponto a sua passagem na Igreja Nova Esperança foi contributiva para você estar em outra igreja, como a Anglicana?

Am: Então, assim. Todos os lugares por onde passamos, se deixarmos ser ensinados, seremos. Então, foi um aprendizado enorme.

A: Intelectual, intelectual também?

Am: Intelectual, não (Diário de Campo, abril de 2022, grifo nosso).

Pensar a intelectualidade das pessoas negras LGBTQI+ pentecostais da igreja Nova Esperança, nos remete a algumas marcas de opressão da “branquitude” que perseguem os negros, os indígenas, os asiáticos e demais “não brancos” que é justamente a colonialidade do saber, apresentados por Quijano (2005) e Lugones (2014), além do epistemicídio, cunhado por Santos (2014).

Muitas dessas marcas persistem tendo em vistas a manutenção do racismo institucional que reproduz epistemes eurocêntricas como verdades universais e se esquecem da compulsorialidade desses saberes, sob o fundamento de modernização que subalternizaram os conhecimentos (GOIS, 2021) dos povos originários e de diversas etnias sequestradas do continente africano a serviço de um projeto colonizador⁴⁸. E, por isso, é importante dizer que a cultura africana faz parte do resultado da sociedade atual e impulsiona os debates críticos decoloniais para pensar as questões veladas do racismo presente nas práticas sociais e educacionais no nosso país (CANDAU; OLIVEIRA, 2010).

O maior exemplo desta tentativa de impulsionamento de debates críticos, é no campo educacional, com a Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003⁴⁹, alterada recentemente pela Lei 11.645/07 que incluiu a temática indígena, e que torna obrigatória a inclusão no currículo escolar de História e Cultura, Africana, Afro-Brasileira e Indígena em todas as escolas brasileiras, públicas e privadas do ensino fundamental e médio, como uma das formas de descolonizar a educação e de luta antirracista, mas segue tímida a sua implementação.

⁴⁸ No momento em que os ibéricos conquistaram, nomearam e colonizaram a América (cuja região norte ou América do Norte, colonizarão os britânicos um século mais tarde), encontraram um grande número de diferentes povos, cada um com sua própria história, linguagem, descobrimentos e produtos culturais, memória e identidade. São conhecidos os nomes dos mais desenvolvidos e sofisticados deles: astecas, maias, chimus, aimarás, incas, chibchas, etc. Trezentos anos mais tarde todos eles se reduzem a uma única identidade: índios. Esta nova identidade era racial, colonial e negativa. Assim também sucedeu com os povos trazidos forçadamente da futura África como escravos: achantes, iorubás, zulus, congos, bacongos, etc. No lapso de trezentos anos, todos eles não eram outra coisa além de negros (QUIJANO, 2005, p. 116).

⁴⁹ Um dos maiores objetivos dessa lei é trazer “reparação histórica, o reconhecimento e a valorização da história e a construção de oportunidades iguais, em parâmetros econômicos, sociais, educacionais e culturais, para negros e negras brasileiros” (BATISTA, 2018, p. 115).

Uma das principais dificuldades de adesão à esta lei tem relação com a pouca formação de profissionais, que precisam ir além das barreiras educacionais tradicionais e romper, inclusive, com conteúdos e programas ultrapassados resistentes às transformações.

Segundo Gonçalves e Silva (2019) outra questão diz respeito aos livros didáticos. Por mais que os livros distribuídos nas escolas públicas, municipais, estaduais e federais contemplem as pautas das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, com conteúdos africanos, afro-brasileiros e indígenas, esse conteúdo é em demasia eurocentrado apagando a contribuição dos povos originários e africanos em diáspora para a construção do Brasil, sem protagonismo histórico de negros/as e indígenas, o que sugere que o/a docente tenha que obter material extra para complementar.

Sem desconsiderar que não há qualquer tipo de fiscalização e exigências dos órgãos superiores, ficando a cargo dos supervisores e os/as próprios docentes que restringe os saberes dos outros povos ao dia da Consciência Negra, comemorado no dia vinte novembro de cada ano.

Outro exemplo de debate crítico decolonial que vale a pena mencionar diz respeito ao apagamento da educação musical do negro brasileiro. O Brasil é publicamente conhecido como o país do Carnaval e do Samba, mas pouco se pesquisa sobre essa musicalidade e composições de pessoas negras nesses espaços.

Letícia Rodrigues (2020), ao fazer um levantamento bibliográfico da história da educação musical do negro no Brasil no século XX, mais precisamente das composições e ritmos brasileiros e afro-brasileiros dos músicos Pixinguinha e Moacir Santos, demonstra como o ensino musical, somente se tornou válido por meio da influência dos jesuítas mas imbuído de pensamentos hegemônicos que invalidaram e anularam os conhecimentos do povo local (FIGUEIREDO, 2010; FONTERRADA, 2008) e, conseqüentemente, dos povos africanos escravizados no Brasil.

Esses apagamentos dos saberes dos povos originários e dos africanos escravizados, precisam ser combatidos e colocados em pauta. Almeida (2019) traz a responsabilidade para as instituições:

É dever de uma instituição que realmente se preocupe com a questão racial investir na adoção de políticas internas que visem: a) promover a igualdade e a diversidade em suas relações internas e com o público externo – por exemplo, na publicidade; b) remover obstáculos para a ascensão de minorias em posições de direção e de prestígio na instituição; c) manter espaços permanentes para debates e eventual revisão de práticas institucionais; d) promover o acolhimento e possível composição de conflitos raciais e de gênero (ALMEIDA, 2019, p. 49).

Sueli Carneiro (2005) também mostra a relação existente entre o epistemicídio e o racismo estrutural⁵⁰ nas instituições de ensino:

Alia-se nesse processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para a mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educação tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e de confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do continente africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e vasão escolar. A esse processo denominando epistemicídio (CARNEIRO, 2005, s/p).

Sobre o processo chamado epistemicídio, Gois (2021) o amplia e inclui a religião, dizendo que se trata de um sistema racista estrutural gerado pelo legado colonial, pela imagem que o homem branco europeu construiu das pessoas negras e do que é ser negro/a, ser mulher, ser indígena, diminuindo seus saberes, culturas e religiosidades, com um maior controle político de seus corpos.

No que concerne a essa pesquisa, gostaríamos de trabalhar, analogamente, um “epistemicídio pentecostal”, que, em nossa concepção, relega muitos/as dos/as negros/as pentecostais, nos cultos e rituais, a lugares secundários, mais centrais para o funcionamento da igreja. Se pensarmos, mais adiante, na realidade de pessoas LGBTI+, suas memórias, conhecimentos e sexualidades são constantemente renegados em contextos fundamentalistas e tradicionais.

Essa é uma das memórias que eu tenho da minha infância e adolescência na igreja Assembléia de Deus em São Paulo e, também, em nossas viagens para visitar a família em diferentes cidades do interior de Minas Gerais.

Nas Assembléias, em ambos os estados, às mulheres negras cabiam (e até hoje permanece assim) atividades como cuidar da cantina, da limpeza do templo, do ministério

⁵⁰ Para fundamentar o conceito de racismo estrutural Sílvia Almeida (2019) nos apresenta três concepções de racismo. Primeiro, “a) individualista, como uma espécie de patologia ou anormalidade de caráter individual ou coletivo no qual “sob este ângulo, não haveria sociedades ou instituições racistas, mas indivíduos racistas, que agem isoladamente ou em grupo” (ALMEIDA, 2019, p. 36). Segundo, “b) institucional, onde o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça” (2019, p. 37). Por último, “c) o racismo estrutural onde a instituição tem sua “atuação condicionada a uma estrutura social previamente existente” e que “o racismo que essa instituição venha a expressar é também parte dessa mesma estrutura” (ALMEIDA, 2019, p. 47). O autor conclui que esse racismo é oriundo das estruturas racistas da sociedade e precisa ser visto e tratado para diminuir as desigualdades, ou seja, em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratarem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade (ALMEIDA, 2019, p. 48).

infantil, da decoração, uniformes e afins.

Aos homens negros eram reservados trabalhos como o de serem porteiros, segurança, diáconos, a participação em mutirões para a construção de novas igrejas e liderar os evangelismos nas ruas locais, dentre outros. Até hoje podemos ver uma subalternização de pessoas negras em comunidades religiosas pentecostais tradicionais (ALENCAR, 2012).

Ocorre que eu sou de família de linhagem de sacerdotes e sacerdotisas pentecostais⁵¹ e que, diligentemente, desbravaram o interior de Minas Gerais do final da década de 50 até a década de 90, inaugurando muitas igrejas Assembléia de Deus e arrebanhando muitas pessoas (AD FABRICIANO IPATINGA, 2016). O Trabalho deles não consistia apenas em evangelizar, mas sim, iniciar grupos de fiéis em lugares em que não existiam igrejas. Para isso, no começo faziam uso de rede de amizades para realização de cultos nos lares, já com algumas conversões, o próximo passo seria conseguir um espaço físico para as reuniões já como igreja. Por várias vezes, foi necessário fazerem galpões para acomodar os novos crentes, quando a igreja já tinha uma boa quantidade de fiéis capacitados, eles eram destacados para iniciar uma nova obra em outro município. À seguir, na Figura 18, uma dessas igrejas por eles iniciadas:

Figura 18 – Assembléia de Deus em Santa Maria Suaçuí-MG (Anos 60)

⁵¹ Meus avós maternos Generoso Pereira da Silva e Margarida Teixeira Lopes, realizaram um relevante trabalho para o movimento pentecostal em Minas Gerais. Ele foi a primeira pessoa a ser batizada nas águas pela Assembléia de Deus na Cidade de Coronel Fabriciano, Vale do Aço no ano de 1945 e tiveram 04 filhos (Esdras, Lídia, Paulo e Zaqueu). Com toda sua família envolta na “obra missionária”, eles abriram/inauguram igrejas assembléia de Deus em várias cidades do interior mineiro, dentre essas: São Domingos do Prata, Guanhães, Santa Maria do Suaçuí, São João Evangelista, Penhora, Cancanção, Beira do Rio, Monbaça, Lagoa verde, Carneirinhos, Teixeira, Perdígão, Cana Brava e Nova Serrana este foi o último município que inclusive tem duas ruas com os nomes deles, CEP 35520616 - Rua Margarida Teixeira Lopes - Bairro Cidade Nova III - Nova Serrana, MG e CEP 35520744 - Rua Pastor Generoso Pereira da Silva - Bairro Nova Londrina - Nova Serrana, MG. Além de uma praça em frente à Igreja Sede das Assembléias de Deus com o nome de Generoso Pereira da Silva (SILVA, 2007, p.104). Mais informações podem ser obtidas nos seguintes links: Pioneiros da Assembléia de Deus no Vale do Aço.



Meus avós, Gêneroso Pereira da Silva e Margarida Teixeira Lopes.

Fonte: Acervo do autor.

Segundo Silva (2007) muito do desenvolvimento industrial da região do Município de Nova Serrana-MG, diz respeito ao trabalho religioso do Pastor Gêneroso Pereira da Silva. Nas palavras do autor:

[...] a segunda foi por volta de 1980 com a Igreja Assembléia de Deus com o Pastor Gêneroso. Dona Geralda relata que houve dificuldades para o início dessas igrejas, que a população repudiava devido a concentração nas manifestações católicas, segundo ela “nem podia falar” sobre o assunto. Com trabalhos de ajuda e caridade à população, o Pastor Gêneroso fundou sua igreja na cidade e incentivou a vinda de vários migrantes da região do Norte de Minas (cidades como Capelinha, Poté, Malacacheta, entre outras), que passaram a fazer parte do número de pessoas que compõem a cidade. (...) Percebe-se que este movimento está diretamente relacionado ao crescimento da cidade e relacionado à chegada dos trabalhadores, muitos dos quais são de igrejas protestantes. Na verdade, a década de oitenta marca de fato um crescimento do protestantismo no Brasil como um todo (SILVA, 297, p. 94).

Esse pioneirismo me traz outra memória. Meus pais, tios, primos e avós, às vezes, conseguiam romper com as barreiras de lugares “secundários” dentro da hierarquia da igreja, alcançando ser pastores/as, missionários/as, líderes dos jovens, maestros de coral, solista do coral, diáconos, professores/as da escola bíblica dominical e até tesoureiros, que é o caso do meu pai, que foi o primeiro tesoureiro da Igreja Assembléia de Deus, Ministério do Belém, setor 14⁵², no Bairro do Jardim Ângela na Zona Sul de São Paulo (AD ANGELA SETOR 14,

⁵² Nessa época, meu pai José Angelo dos Santos, era ½ torneiro mecânico na empresa “Metal Leve”. Minha mãe, Lúcia Lopes da Silva Santos, era atendente de enfermagem no Posto de Saúde Estadual do bairro. Eles foram os primeiros membros da igreja, ele tesoureiro e minha mãe solista do coral, quando era apenas uma congregação. Hoje, é sede setorial com 63 sub-congregações.

2012).

Ocorre que esses são lugares considerados pela comunidade evangélica de “destaque” e “primazia”, mas se bem observados, quando esses negros/as são colocados em posição de liderança, seja na área pastoral, na música, na diaconia, no evangelismo, nas missões e tesouraria, são colocados em lugares onde o branco quer que o negro/a esteja, na mão de obra pesada e força motriz, sem o reconhecimento de seu protagonismo, suas vivências, lutas e conhecimentos.

Um exemplo desse não lugar que a branquitude aloca a maioria dos negros/as é a historicidade apagada da minha família na pessoa dos meus avós maternos negros. Após aproximadamente quatro décadas de empenho e dedicação às Assembléias de Deus no sertão de Minas Gerais, foram subitamente “jubilados” e afastados sob o argumento de modernização. Por isso, quase não se tem registros de suas histórias e trabalho, senão memórias.

Isso relega os saberes religiosos e vivências dos negros/as pentecostais a lugares de controle e opressão e desconsidera os negros/as altamente capacitados, apagando-os e silenciando-os em seus conhecimentos, inclusive teológicos. Eu penso que muita dessas opressões podem ser consideradas como mola propulsora da resistência para o surgimento de outras maneiras de viver a fé cristã.

A teórica Bell Hooks (2019) nos apresenta uma maneira de tentar conter essa nocividade do apagamento e silenciamento intervindo criticamente:

Para encarar essas feridas, para curá-las, as pessoas negras progressistas e nossos aliados nessa luta devem estar comprometidos em realizar os esforços de intervir criticamente no mundo das imagens e transformá-lo, conferindo uma posição de destaque em nossos movimentos políticos de libertação e autodefinição – sejam eles anti-imperialistas, feministas, pelos direitos dos homossexuais, pela libertação dos negros e mais. Se fosse esse o caso, estaríamos sempre conscientes da necessidade de fazer intervenções radicais (HOOKS, 2019, p.31).

Evidenciar a nocividade de não considerar os saberes diversos é uma luta anti-racista que deve ser incentivada. Há muito desta luta na trajetória das mulheres entrevistadas durante esta pesquisa, inclusive da Amabile, Fernanda, Joana e Ineide. Esse esforço coaduna com a grande contribuição da mulher preta no campo religioso pentecostal (ALENCAR, 2010), afinal, são elas a maior força de trabalho, devoção e contribuição financeira e são, também, as que mantêm as “igrejas de pé” e nas igrejas inclusivas isso não parece diferente.

Fato corroborado com o relato do primeiro capítulo, em que três mulheres negras, em meio a pandemia, deslocam o “poder” pastoral masculino, e passam a liderar a igreja inclusiva através de *lives* de orações diárias, e se tornando, como se diz no meio pentecostal: “colunas de oração” da comunidade de fé.

Isso, sem desconsiderar os filhos/as que a maioria dessas mulheres negras trazem ao mundo com seus ventres e acabam por engrossar a força de trabalho na sociedade e na igreja, principalmente na área da música e diaconia.

E por falar em filhos/as dos entrevistados/as somente o Pastor Justino tem prole, um filho e uma filha. Essa é uma característica que constatamos na fala do Pastor Esdras ao relatar que a Nova Esperança Central é uma igreja majoritariamente de pessoas mais velhas, maduras, o que destoa das tradicionais famílias negras brasileiras que geralmente são grandes, como a do próprio Esdras, do Justino, Eneas e Joana. Suas famílias variam entre 9 e 18 pessoas, somando pai, mãe e filhos. Isto também pode ser consequência de que, embora seja uma igreja muito negra, tem desde o seu início um público majoritariamente masculino e não muito afeito à cultura e “geração” do “cuidado de crianças”, como observamos no segundo capítulo.

Em contraponto, as mulheres tem gerado com seu trabalho e empenho muitos fiéis, pois ocupam lugares de destaque na Nova Esperança. É o caso da entrevistada Pastora Ineide, que é mulher, lésbica, enfermeira e casada com uma professora do ensino médio. Sua trajetória religiosa se resume a Congregação Cristã do Brasil e Nova Esperança. Atualmente, ela é a Pastora da Igreja Nova Esperança Osasco juntamente com sua esposa. Além de curso superior em enfermagem, tem casa própria e automóvel.

A trajetória de vida, inclusive religiosa da Pastora Ineide, nos faz questionar o senso comum de que no Brasil só existem negros/as pobres, em vulnerabilidade social, miseráveis, sem estudo, sem moradia, vivendo nas periferias, sem acesso a lugares de tomada de decisão, inclusive nas igrejas pentecostais. À exemplo da Pastora Ineide, pelo que depreendemos da pesquisa de campo, não é o caso de grande parte dos fiéis da Igreja Nova Esperança. Lá, são os/as negros/as que estão em quase todos os espaços de tomada de decisão, inclusive são eles que ordenam ao Pastorado as lideranças brancas⁵³.

Esse cenário nos remete à pesquisa de Ruth Landes (2002), antropóloga norte-americana que trouxe luz a realidade de mulheres pretas baianas que subverteram a ordem social de comando em suas casas, na sociedade e na religião. A pesquisa de Landes (2002), que foi realizada em 1938 tinha o intuito de discorrer sobre a vida de negros/as brasileiros, considerando as questões de gênero, raça e sexualidade em contraponto com os negros/as norte americano/as e se concentrava na experiência humana, dando primazia às questões de gênero, sexualidade e singularidade do sujeito na geração de conhecimento. Sua pesquisa se demonstrou contrária às tradições dominantes nas ciências sociais da época que excluam a

⁵³ Sobre “coletivos” “grupos religiosos” que subvertem o senso comum, ler o texto *A Cidade das Mulheres* (no original, *The city of Women*) da antropóloga norte-americana Ruth Landes (2002).

primeira pessoa das narrativas científicas.

Para Walter Benjamin (2001), ela substitui a experiência pela informação e a narrativa pela história. E por falar em história, muito embora à época ainda predominasse a ideologia do embranquecimento, da democracia racial e da eugenia, sua pesquisa apontou a força, resistência e potência das mulheres negras que subvertem o senso comum naturalizante de opressões. Ela revela mulheres capazes de conduzir seu próprio destino, através de um matriarcado forte, inclusive na religião “uma cidade das mulheres, no mundo dos homens”. Se os homens governam a auto-estrada, as mulheres governavam as casas e as religiões. Eram delas a “obrigação” de sustentar a família e os filhos e realizavam muito bem, principalmente após a aprovação da lei do ventre livre⁵⁴, pois eram culturalmente centrais na unidade doméstica, enquanto os homens negros ocupavam colocações marginais, pedreiros, eletricitas, encanadores, mecânicos (LANDES, 2002). Ela desnuda a inversão de poder, nas seguintes palavras, sobre as mulheres negras:

1. Nas regiões latino-americanas que as mulheres negras encontraram maior reconhecimento do seu povo e dos Senhores (LANDES, 2002, p.350);
2. Atingiram o auge de eminência e poder (LANDES, 2002, p.350);
3. Controlando mercados públicos e a sociedade de religiosos (LANDES, 2002, p.350); e
4. Pela sua simpatia e equilíbrio, bem como pelas suas capacidades (LANDES, 2002, p.350).

Assim como na “cidade das mulheres, mundo dos homens”, onde o protagonismo é delas, na igreja Nova Esperança, considerando a pesquisa de campo, o protagonismo parece ser de negras/os LGBTI+. Esta percepção desloca o senso comum de uma igreja pentecostal tradicional onde o/a negro/a não tem lugar de comando, formação superior ou condições econômicas. Na igreja Nova Esperança, podemos ver pessoas negras em outra condição.

3.2.6 No afro/nte da educação eurocentrada

Ainda sobre deslocar o senso comum, Keila da Silva Santos Rodrigues (2021), em sua obra “O infiltrado: Benedito Galvão: a trajetória do primeiro presidente negro da OAB/SP

⁵⁴ LEI Nº 2.040, de 28 de setembro de 1871, assinada pela Princesa Isabel e promulgada em 28 de setembro de 1871. A partir dessa data, eram considerados livres todos os filhos nascidos de mulheres escravizadas. Esses filhos, agora livres, ficariam aos cuidados de seus senhores até completarem 21 anos (até os 8 anos, a escolarização também era de responsabilidade dos senhores) ou seriam entregues ao governo (RODRIGUES, 2019).

(1881–1943)”, nos aponta a difícil arte de evidenciar o (in)visível⁵⁵, tendo em vista a invisibilidade gerada por meio das generalizações que ignoram a multiplicidade de sujeitos negros/as e suas subjetividades, difundindo e perpetuando uma crença de que o/a negro/a não pode se sobressair (RODRIGUES, 2021) e obter lugares de tomada de decisões na política, na economia, nas mídias sociais, nas religiões dentre outros espaços.

Fato é que o negro/a é até citado, mas numa perspectiva equivocada. Schmitt (2001) destaca que:

Por muito tempo a história foi escrita baseada no centro, e, assim, a história dos povos anulava-se na história dinástica e religiosa, ou seja, fora dos grandes autores e das eras eruditas não havia literatura. A partir do centro irradiava-se a verdade, a qual eram comparados todos os erros, desvios as simples diferenças (SCHMITT, 2001, p. 261 *apud* RODRIGUES, 2021, p.46).

Muito embora haja uma centralidade da “verdade” na figura dos homens brancos e haver na época restrições legais como a Constituição de 1824 que proibia escravizados nos bancos escolares por não serem entendidos como cidadãos/ãs. Isso não impediu que alguns negros/as frequentassem as escolas ou aprendessem nas próprias fazendas. Desde a época da Monarquia os espaços de prestígio eram disputados entre brancos e negros, contrariando a concepção (pseudo) científica da época de que o/a negro/a vivia em total sujeição, passividade e estudos contradizem a ideologia do branqueamento⁵⁶ (RODRIGUES, 2021, p. 51) e a desqualificação do mestiço. Em suas palavras:

os libertos de cor, mesmo antes da extinção total da escravatura no Brasil, já desempenhavam um papel muito importante na sociedade, pois “havia alcançado considerável ascensão ocupacional — o ingresso em ocupações qualificadas e até mesmo, vez por outra o destaque como artistas plásticos, políticos e escritores — enquanto a escravidão vigorava no país” (SKIMORE, 2012, p. 86–87 *apud* RODRIGUES, 2021, p. 51).

Assim, há a necessidade de se desvelar, ou seja, tornar visível, os percursos e trajetórias de negros/as em lugares e espaços pouco prováveis, como, por exemplo, a trajetória de um negro que empresta o nome a uma importante avenida de São Paulo, a Avenida Rebouças, e,

⁵⁵ O texto traz as estratégias de Benedito Galvão e sua família curiosamente com três mulheres (mãe Carolina, avó Antônia e esposa Alceste), para a entrada e permanência no sistema educacional da época. Ele mostra a trajetória de sucesso escolar e ascensão social de uma criança negra, nascida na cidade de Itu-SP, no ano de 1881, e que estudou em instituições de ensino importantes da capital paulista, inclusive na Faculdade de Direito, onde se formou advogado, chegando a exercer a função de Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil em 1940. Uma trajetória notável, tendo em vista o regime escravista, que durou no Brasil mais de 300 anos, trazendo enorme vulnerabilidade social aos negros/as e que até hoje ainda os considera como sinônimo de escravos/as (Rodrigues, 2021).

⁵⁶ De acordo com Skimore (2012), o auge do pensamento racista no Brasil foi de 1880 a 1920, alimentando a ideologia do branqueamento.

no Rio de Janeiro. Conforme estudo de Grinberg (2002), o negro Antônio Pereira Rebouças⁵⁷ teve grande sucesso e proeminência social, política e jurídica ainda no Brasil império. Sua história nos dá novas perspectivas sobre a presença de negros/as e seus descendentes em posição de destaque e de tomada de decisão e poder (RODRIGUES, 2021).

3.2.7 Eu preciso de um companheiro, mas com muita fé!

Quando olhamos para a Nova Esperança e para os/as negros/as que a compõem, percebemos eles/as no exercício de poder em suas igrejas. Ainda, percebe-se um afronte ao sistema opressor, euro-cis-centrado, pois são negros/as que ocupam lugares dantes jamais imaginados, em sua maioria, com curso superior, resistem e conseguem romper com a barreira da cor conscientemente e não dissociada da realidade brasileira, numa luta anti antirracista nos moldes de Fanon (1983). Ou seja, sem a pretensão de essencialidade positiva, onde o combate e superação do racismo ocorre pela conscientização do lugar do/a negro/a na sociedade, acarretando em negociações e deslocamentos sobre as reais formas da vida, resistência e permanência, constantemente combatendo as estruturas e mecanismos racistas que oprimem o povo negro.

Nessa perspectiva, observamos nas trajetórias do Diácono Eneas, do André e do Jandeirson a figura da solidão, embora persistentes e resistentes por serem homens, negros, gays e solteiros na igreja inclusiva. Conversei com Eneas, André e Jandeirson (Tabela 1), numa tarde do mês de maio de 2022, presencialmente, pós-pandemia, na minha casa.

Eneas é brasileiro, homem negro, gay, solteiro, com 53 anos, assistente administrativo, paulistano e filho de pai e mãe negros e baianos. Seu pai foi Pastor da Igreja Batista do Jardim dos Ipês Zona Leste de São Paulo por quase 20 anos. Ele teve 16 irmãos, 8 homens e 8 mulheres, dos quais faleceram 5, 3 homens e 2 mulheres.

Eneas tem formação cristã e doutrinária na Igreja Batista e chega no evangelho inclusivo no final dos anos 90, ainda na fase de grupos como CCG, que depois se tornaria a Igreja Acalanto. Foi o primeiro ministro de Louvor de uma Igreja Inclusiva em São Paulo que se tem notícia. Eneas é o negro retinto que aparece no centro da Figura 5, no restaurante do Pr. Wladimir, no segundo capítulo.

Quando perguntado porque nunca namorou e/ou casou na Igreja Inclusiva, Eneas

⁵⁷ Político e advogado nascido na Bahia, em 1798, de pai português – Gaspar Pereira e mãe liberta, a mulata Rita dos Santos. Antônio Pereira foi pai de dois engenheiros negros André Rebouças (1838–1898) e Antônio Pereira Rebouças Filho (1939–1974).

respondeu:

[...] porque nunca apareceu uma oportunidade, não tive w a sorte e a alegria de ter essa felicidade... a maioria das pessoas da igreja inclusiva conseguem companheiros fora da igreja, por causa da aparência, situação financeira e acadêmica...só com pessoas estudadas... por questão da localidade de onde mora e a faculdade que estudou e a questão profissional. (Diário de Campo, Maio de 2022).

Não muito diferente é a trajetória amorosa de André. Ele é vendedor, solteiro, e foi um dos primeiros negros a serem batizados na Nova Esperança, no primeiro retiro no interior de São Paulo, ele está na Figura 9, no segundo capítulo. O que podemos destacar da entrevista com André, além de ser mais um solteiro, é o fato dele ter ido para a Igreja Inclusiva levado por um namorado, experiência de muitos outros homens gays da igreja. Ele é filho adotivo de uma família estrangeira branca que mora no município de Mauá há muitos anos.

Jandeirson é professor, também é solteiro, e embora tenha iniciado sua caminhada de fé cristã inclusiva na Nova Esperança, sempre esteve em trânsito religioso nas igrejas inclusivas e, nesse ínterim, com várias experiências nas religiões de matriz africana. Tais vivências e percursos de pertencas religiosas poderão ser objeto de estudos futuros.

Gostaríamos de nos ater à uma situação cara aos homens negros LGBTI+ pentecostais, e que atravessa a vida dos três (Eneas, Andre e Jandeirson). Estamos falando da solidão do homem, gay, negro. Pelo que se depreende, a solidão do homem gay negro na igreja inclusiva Nova Esperança é uma máxima, das 10 pessoas entrevistadas, 80% dos homens são solteiros, apenas dois estão casados e/ou em relacionamento, enquanto que das quatro mulheres, 50% estão casadas e 50% solteiras. Quando o recorte recai sobre as mulheres transexuais na igreja, a quantidade beira a 100% de solteiras.

Portanto, a quantidade de homens negros solteiros é muito alta. Tirando como exemplo a fala do Eneas, durante seus quase 20 anos de igreja inclusiva, não teve um relacionamento e/ou casamento, dentre outras coisas, por “falta de sorte” e por sua “situação financeira e acadêmica”.

O Texto de Lucas Veiga (2018), “As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil”, pode nos ajudar a pensar essa “solidão”. Dentre outras coisas, o autor fala das experiências de pessoas com marcas por ser negro, homossexual e acresce o atravessamento da solidão. Isto muito tem a ver com as interseções do homem, branco, hétero cunhadas como padrão pela nossa sociedade patriarcal em que o negro/a e o gay está fora desse padrão. E estar de fora do modo cishetero de vida, traz muitas violências às subjetividades e aos corpos entendidos como “desviantes”, pois não se prestam à submissão colonizadora. “Narciso acha feio o que não é espelho”, daí o período colonial e a escravidão, bem como o machismo, o

racismo e a LGBTI+fobia são nomes para a violência exercida pelo homem-branco-hétero, o duplo colonizador.

A masculinidade ocidental é fundamentada na lógica violenta branca e patriarcal. E o homem negro, como forma de autopreservação, pois não há como deixar de ser negro, incorpora os códigos morais e comportamentais do “macho-alfa” branco, como tentativa de ser aceito e reconhecido dentro de um padrão heteronormativo. “O movimento social negro acabou por produzir um certo masculinismo negro como a pré-suposição de uma identidade negra que é masculina, que exclui a mulher, que exclui o homossexual”, afirma Pinho (2004, p. 129) e por isso, o homem e até o homem negro hétero, por vezes se posicionam como superiores em relação à mulher e aos LGBTI+, reproduzindo violências e opressões.

Veiga (2018) utiliza a metáfora de uma segunda diáspora para ilustrar o sofrimento dos garotos negros homossexuais que precisam negar sua sexualidade, retirando deles a possibilidade de integração e acolhimento. Ilustra de uma forma ainda mais agressiva e dolorosa, pois ela ocorre em seus próprios quilombos como sua família, comunidade, espaço de fé e até do próprio movimento negro, ficando num limbo de “afeto-diáspora”, ou nega a sexualidade e vive protegido ou assume e fica desprotegido.

Lembrando que a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado e a cada 28 minutos um LGBTI+ é morto. A intersecção desses dados coloca o gay negro mais vulnerável à violência física, psicológica e afetiva. Para se livrar destas violências, muitos gays negros buscam as igrejas cristãs protestantes e pentecostais como um refúgio para suplantar a rejeição familiar e social. Ocorre que a maioria não encontra nesses espaços acolhimento devido ao fato de que essas igrejas tradicionais não entendem a homossexualidade como dom de Deus:

Porque nunca apareceu uma oportunidade, não tive a sorte e a alegria de ter essa felicidade (...) a maioria das pessoas da igreja inclusiva conseguem companheiros fora da igreja, por causa da aparência, situação financeira e acadêmica. Só com pessoas estudada, por questão da localidade de onde mora e a faculdade que estudou e a questão profissional (DIARIO DE CAMPO, fevereiro de 2022). Sair da igreja acaba sendo uma escolha não tão escolhida assim, de modo que muitas bixas pretas não rompem com a Igreja por não mais terem fé, mas porque a instituição força esse rompimento, às vezes de modo sutil, às vezes de modo violento. Elas, que costumam ser a Beyoncé do ministério de louvor ou a Viola Davis do grupo de teatro, deixam o púlpito por terem sido desprezadas, agredidas pelos que se autoproclamam cristãos. A Igreja perde um membro, o Cristianismo esvazia-se de sentido (VEIGA, 2018, p. 82).

Nisso, as igrejas inclusivas prestam um excelente serviço religioso, pois tem acolhido milhares de LGBTI+ “excluídos” das igrejas ditas tradicionais como fizeram com Eneas, André e Jandeirson, mesmo que o desafio e luta dentro dessas igrejas continue e passe pela tentativa de diminuir a quantidade de homens gays pretos sozinhos que sofrem, nesse lugar, como vítimas

do racismo multifacetado brasileiro.

Segundo Veiga (2018), esse racismo sorrateiro no Brasil funciona como uma engrenagem para o capitalismo com o fim de perpetuação, pois se acabar o racismo, acaba-se o capitalismo como o conhecemos hoje. Neste contexto, racismo e capitalismo se retroalimentam. A manutenção ocorre mediante a colonização do pensamento e do desejo midiático, esse é colonizado pelo capital branco, ficando quase nenhum espaço para a bixa preta na economia do desejo, afinal, o branco é o protagonista da beleza e do ideal de consumo para o amor romântico, desde o panteão grego, as passarelas de moda, publicidade, cinema e televisão, dentre outros.

Viver em uma sociedade onde o padrão de beleza é sempre o outro, coloca o gay negro em um não-lugar. Com baixa autoestima, ele tenta lidar com a solidão e o desejo de ser amado, numa insegurança sobre seu valor como ser humano, mesmo quando o afeto e reconhecimento existe através de outras pessoas (FANON, 2008). A confirmação de sua aceitação passa pelo outro e isso pode aumentar o medo de ser rejeitado e intensificar a solidão, de acordo com Veiga:

Há uma redução da sua humanidade, da sua integridade como pessoa, que inclui sua personalidade, sua história, seus desejos, seu modo de ver e de estar no mundo a uma dimensão apenas corporal. O não-lugar da bixa preta na economia do desejo é o lugar de um corpo, por vezes, animalizado, em que a fantasia em torno do tamanho do pênis e de sua performance sexual preenche o imaginário das bichas brancas, deixando pouco espaço para que a bixa preta possa entrar na economia do desejo como sujeito que tem um corpo e não apenas como corpo (VEIGA, 2018, p. 84–85).

Vemos esse jogo e tratativa desumana com os corpos das bixas pretas também nos movimentos LGBTI+, incluindo a igreja inclusiva. Mesmo nesses espaços que se dizem plurais e de acolhida das sexualidades “destoantes”, tem pessoas brancas que se entendem como brancas, que se recusam a reconhecer seus privilégios e que se engajam numa luta LGBTI+ que seja interseccional. Embora eu concorde que não exista hierarquia de opressões como ensina, Lorde (2020), as opressões estão dadas e atingem em demasia os LGBTI+ negros solteiros em comparação com os LGBTI+ brancos solteiros.

Assim, a dificuldade nas relações amorosas do gay negro está relacionada à baixa autoestima e à sensação de rejeição e insegurança geradas por arranjos entre o racismo e o capitalismo (VEIGA, 2018). A superação estaria no resgate do senso de amor-próprio de ser negro, sem influência do branco colonizador, por meio do regaste de seu valor como descendente do povo “que há mais de dois mil anos já trabalhava o ouro e a prata” (FANON, 2008, p.119).

3.2.8 Travesti não é bagunça, é pentecostal e quilombola!

Sobre amor-próprio e rejeição, ainda, temos nas mulheres transexuais, Fernanda Moraes e Joana, membros da Nova Esperança, exemplo de resiliência e resistência. Ambas iniciaram seu processo de transição de gênero como travestis, numa época em que poucos estudos relacionavam o termo transexual ou mulher transexual ao travestismo.

Não tivemos tempo para entrevista com a outra mulher transexual (Jacque Chanel) que teve seu ministério “Sefora’s” iniciado na Nova Esperança, em 2014. A escolha por Fernanda de Moraes e Joana diz respeito ao resgate de memórias dos anos iniciais e período de solidificação da Nova Esperança.

Fernanda, é mulher transexual, viúva, assistente social, começou sua vida religiosa na Assembléia de Deus em Manaus/AM com sua avó Dona Ana da Conceição, depois se iniciou na Candomblé, com 19 anos. Em São Paulo, no ano 2005 membrou-se na Igreja Nova Esperança, onde exerceu o ofício de diaconisa, foi professora da Escola Bíblica e vice-líder do Ministério de Mulheres com a Pastora Amábile. Em setembro de 2010 foi consagrada Pastora da Assembléia de Deus independente no Jardim São Luiz, periferia da Zona Sul de São Paulo e em dezembro de 2010 foi consagrada como Yalorixá no Candomblé e encerrou suas atividades na Nova Esperança, em suas palavras:

F: Tá? Eu sou Fernanda de Moraes da Silva, não é? Eu sou uma mulher transexual. (...) Eu sou natural de de Belém do Pará (...) eu vim para São Paulo em 97 e eu sempre fui criada entre 3 religiões porque o meu pai era padre, né? (...) a minha mãe sempre foi de candomblé e a minha avó sempre foi evangélica, então eu nunca tive esse conflito entre as religiões, não é?

Eu fui batizada na Assembleia de Deus, com 18 anos, porque com 19 anos eu fui iniciada no candomblé com os 19 anos de idade.

A: E na Igreja Nova Esperança você chegou a exercer alguma função nela?

F: Eu ensinava, eu era professora da escola bíblica... **Eu servia, servia a Santa Ceia, tudo isso também.**

A: Você chegou a pregar?

F: Sim, várias vezes, várias vezes assumir a tribuna um, principalmente no culto das mulheres.

A: E outra coisa, você saiu da Nova Esperança?

F: Sim, sai, **o que me afastou mais da Nova Esperança na época, é que as pessoas começaram a me acusar, dizendo que eu não podia mais pregar a palavra de Deus, porque eu estava endemoniada.** Principalmente as pessoas pretas, pessoas negras vieram conversar comigo. Na verdade, né Átila **eu queria na época continuar sendo das 2 religiões.**

A.: Se alguém, alguma transexual preta chegasse pra você e falava assim: eu vou lá para Nova Esperança, o que você falaria para ela hoje em 2022, uma mulher trans preta que está frequentando a Nova Esperança? Aconselharia ela a ficar lá?

F: Sim, com certeza, porque eu acho e penso que as pessoas têm que ter fé. As pessoas precisam ter fé, em alguma coisa, seja em Deus ou seja, em Buda, seja em qualquer coisa, nos orixás... **o nosso Deus se chama Olodum e é o mesmo Deus de todo mundo (...) continuo acreditando em Jesus Cristo como filho de Deus e meu Deus, porém um Deus Negro, e continuo o diálogo inter-religioso com os meus irmãos/ãs cristãos e pentecostais.**

A: Você está falando do panteão africano?

F: Sim, não é? É um mesmo Deus. É o mesmo, é o mesmo Deus e as pessoas precisam ter fé.

Se eu encontrar uma pessoa, uma mulher transexual, uma travesti que queira estar na Nova Esperança, eu vou dar a maior força ...

A: Assim, você agora você é do candomblé, isso?

F: Ó, **eu sempre fui do candomblé. Apesar do tempo que eu estive dentro da Nova Esperança, né?** Uma vez você me perguntou como é que você se tornou Ialorixá mãe de Santo, já que você tinha que ter passado por todo um processo dentro dessa religião? Eu falei pra você que né, que eu já **tinha sido iniciada em 93.**

A: Você não está mais exercendo suas funções na Assembleia de Deus, né?

F: Não, só no candomblé mesmo. **Eu me identifico mais com o candomblé exatamente por causa dessa cultura negra.** Entendeu? É isso. A gente também faz orações **para os nossos deuses negros, né?** (Diário de campo, abril 2022, grifos nossos).

A trajetória da Fernanda nessa igreja, por ser mulher transexual e candomblecista e se sentir parte da fé cristã, nos ajuda a pensar, dentre outras coisas a Nova Esperança como um “quilombo pentecostal”, tendo em vista o campo pentecostal não ser nada ortodoxo, acolhendo como os quilombos, a diversidade. Lélia Gonzalez (1984) já dizia que o quilombo era o primeiro movimento do estado democrático e desde a época da escravatura acolhia, negros/as fugitivos, abolicionistas, brancos e não brancos, indígenas, cristãos, não cristãos, católicos e não católicos a partir daquilo que os tornavam iguais, sua humanidade. Eram organizados a partir de critérios democráticos com a justa distribuição dos frutos do seu trabalho e embricados em uma cosmovisão africana e sincrética (GONZALEZ, 2018) que se assemelha a um esforço para o surgimento, quiçá, de uma nova humanidade.

O quilombo tinha também a função de garantir e restabelecer algum senso de identidade e coletividade dos africanos, através do canto, da dança e da espiritualidade, fundamentais para a preservação do corpo e da saúde mental (VEIGA, 2018) nisso há semelhança com os negros/as LGBTI+ que “subvertem” a ordem religiosa cristã/protestante/pentecostal e para sobreviverem se reúnem em igrejas inclusivas. Esta igreja para muitos negros/as LGBTI+ é um espaço seguro, de refúgio, de aprendizado e afeto, como o quilombo.

Nisso vemos como a Nova Esperança é um refúgio também para a mulheres transexuais como a Joana e nossa entrevista ocorreu em uma segunda-feira e presencialmente.

Joana é brasileira, solteira, 69 anos, empregada doméstica, iletrada, podemos dizer que a mais antiga das membras da Nova Esperança, era católica antes de conhecer e se filiar a Nova Esperança.

Joana quando perguntada dos seus pais, e avós (maternos e paternos), não conseguiu lembrar, nome, onde nasceram, onde viveram a religião. Apenas se recordou que a mãe era religiosa católica. A justificativa foi que não se conversava sobre essas coisas quando ela era

criança e adolescente:

A: Deixa eu te falar uma coisa, sua mãe contava muitas histórias que a sua avó contava pra ela e que ela te passou?

J: Minha mãe contava, **mas eu não lembro muito bem** o que ela falava. Minha mãe contava histórias para a gente dormir e minha avó fazia muito artesanato.

A: Qual o nome dos seus pais e avós (maternos e paternos) e onde eles nasceram, qual a religião deles?

J: **Eu não lembro, não lembro de jeito nenhum, não lembro.** Eu só lembro do nome da minha mãe, do meu pai e do meu avô e avó não lembro. **Não lembro onde nasceram, lembro que minha mãe era católica.**

A: Porque não lembra?

J: Porque **a gente não conversava sobre isso, sobre essas coisas, então eu não lembro de muita história e nem do nome deles.** Eu lembro que minha mãe falava que meu avô era pastor de uma igreja e que trabalhava numa empresa chamada belga mineira. (Diário de campo, julho de 2022, grifos nossos).

Esse “eu não lembro” da Joana nos ajuda a pensar o apagamento e esquecimento que o povo preto escravizado sofreu e reverbera até agora. Somos um povo com quase nenhuma memória histórica e registros “oficiais” porque até isso nos foi negado, Sueli Carneiro foi muito assertiva ao dizer que sobrevivemos e sobreviremos. Ou seja, somos resistência:

Nós somos sobreviventes e somos testemunhas, porta-vozes dos que foram mortos e silenciados. Nós estamos aqui. A elite intelectual deste país, no começo do século 20, só tinha uma preocupação: quanto tempo levaria para esta mancha negra ser extinta. Uns diziam que até 2015 essa mancha negra estaria extirpada. Nós somos sobreviventes. Vivemos e viveremos. Nós não só sobrevivemos como agora estamos em ação. Nós, mulheres negras, somos a vanguarda do movimento feminista nesse país (CARNEIRO, 2017)

O registro da entrevista com a Joana, também nos aponta como as mulheres transexuais e travestis resistem, com seus corpos, à sociedade transfóbica. Sua entrevista nos faz refletir sobre a enorme vulnerabilidade dessas mulheres transexuais, travestis e transgêneros. No país que mais mata transexuais e que mais consome pornografia transexual. Joana é uma sobrevivente no país que a média de vida das mulheres transexuais e travesti é em torno de 30 anos.

O fato de todos/as entrevistados/as se verem representados na Nova Esperança e darem conceito “A” para a participação/colaboração dos negros/as, vem ao encontro do reconhecimento que a Igreja recebeu na Câmara dos vereadores em 2014, quando completou seus 10 anos de existência, relatado no segundo capítulo. Tal homenagem ocorreu tendo em vista o excelente trabalho realizado com a comunidade LGBTI+ negra, evangélica e pentecostal.

Por fim, estes exemplos de pessoas negras LGBTI+ apontam/ilustram/demonstram em

suas experiências e vivências a complexidade de ser um LGBTI+ pentecostal e para além de oportunidades ou não, acesso ou não, a vez, a voz e protagonismo das nossas próprias narrativas, existimos, resistimos e ocupamos os espaços para vivermos livres, afinal quando encontramos um lugar que podemos ser quem somos, ficamos e nos estabelecemos com grande potência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando neste lugar do negro/a perpassado pelas estruturas racistas que fundamentam nossa sociedade consequentemente a religião pentecostal, que como já dito alhures tem tantas contribuições negras em seu surgimento e solidificação, é que buscamos entender uma das igrejas mais antiga e negra do cenário das igrejas inclusivas.

Nisso, nesta pesquisa investigamos, interseccionalmente, alguns marcadores sociais (classe, raça, gênero, religião, sexualidade, geração, localidade) para além da política de silenciamento e apagamento de histórias e estórias de pessoas pretas, pois para grande parte dos entrevistados e pessoas pretas a memória funciona como umas das formas de resistência.

Percebemos que muitos/as dos/as negros/as se veem representados/as nos serviços/liturgias/ministérios/departamentos/administração/ da igreja e que alcançam suas vivências, desde a religiosa até a vida cotidiana como ações fundamentais para sobrevivência das pessoas pretas, nessa igreja, que são em sua maioria homens gays negros e alocados em lugares de tomadas de decisão. Há também uma boa quantidade de mulheres negras em espaços de liderança e poder. Pessoas bem instruídas com nível superior e que residem próximo das igrejas.

No primeiro capítulo são apresentadas as contribuições e participações dos negros/as nas origens do pentecostalismo, sem prescindir das marcas de racismo, misógina e homofobia no percurso, que atravessa as instituições “tradicionais”, como a igreja Assembléia de Deus e desemboca no surgimento de igrejas pentecostais alternativas, dentre essas as igrejas “inclusivas”.

De certo que neste capítulo percebemos, então, que as igrejas inclusivas pentecostais são expressão e um apontamento do pluralismo religioso brasileiro no contexto do campo pentecostal na atualidade, e que as primeiras que surgiram nativas, como a Acalanto, Cidade de Refúgio, Nova Esperança e Contemporânea, são espaços privilegiados para parte dos LGBTI+, negros, mulheres.

Nessas igrejas essas pessoas podem exercer sua espiritualidade cristã atrelada a sua sexualidade, a despeito de grupos religiosos conservadores e preconceituosos da sociedade

brasileira, fazendo uso de uma teologia/hermenêutica pentecostal que rompe com o tradicionalismo protestante e pentecostal clássico. Em contrapartida o discurso e narrativa, de forma geral, em algumas dessas igrejas mantém uma lógica moral que privilegia alguns aspectos religiosos conservadores que se distanciam de aspectos sociais tão caros às minorias, inclusive dos próprios fiéis LGBTI+s, como por exemplo, controle sobre os corpos, proibições de diferentes formas de sociabilidade e outros.

No segundo Capítulo foi contado um pouco da história oficial, do surgimento e sedimentação da Igreja Nova Esperança, que nos anos de 2004 a 2019, se apresentou a mais pretas das igrejas inclusivas. Foi demonstrado através da história do Pastor Wladimir e Justino Luiz, dentre outros, como a Nova Esperança construiu sua própria verdade desde o seu surgimento, trajetória e maiores características, considerando sua institucionalização e longevidade.

Foi apresentado as tensões, cisões e divergências tão comumente no protestantismo, e que o campo revelou presente nesta igreja. Tanto que em 2019, por divergências doutrinárias internas, todas as igrejas Nova Esperança se tornaram independentes, e embora tenham havido dissidência de algumas igrejas, essas mantiveram um vínculo moral com as demais igrejas Nova Esperança que passaram a funcionar em um sistema de fraternidade/irmandade, desfazendo o sistema com um presidente e assumindo uma administração horizontal, porém ainda sem muita efetividade no dia a dia das “igrejas irmãs”, que se limita a participações nos aniversários, congressos, palestras, cultos festivos, mas não no campo administrativo e eclesiástico como discutir o trânsito religioso entre as igrejas inclusivas, ações afirmativas em conjunto nas manifestações como parada do orgulho LGBTI+, ter uma representatividade menos tímida na sociedade civil com posicionamentos em conjunto publicamente de questões concernentes as pautas LGBTI+, negros, mulheres, crianças, operando políticas públicas que podem desembocar em reais melhorias para os inúmeros fiéis dessas igrejas.

Retornando as questões relativas às cisões e reestruturações apresentadas da Nova Esperança elas surgem por tratar-se de um campo de pesquisa em constante movimento e que só pode ser analisado a partir de uma perspectiva contextualizada, inclusive temporalmente. Até porque, parte desta pesquisa foi realizada em meio a essas dinâmicas complexas e que continuam até hoje. Este é um contexto gradativo de tensões, dos quais nós, pastores inclusivos, fazemos parte.

No terceiro capítulo buscou-se compreender como são as vivências de alguns agentes religiosos dentro e fora da Nova e Esperança, perpassadas dentre outras coisas pelo colonialismo e racismo. Foi visto interseccionalmente como as marcas sociais dessas pessoas

pretas LGBTI+ pentecostais, operam ou não mais violências simbólicas mesmo no campo religioso, ou seja, cumpriu-se a proposta de um estudo interseccional das vivências e experiências de entrevistados clérigos/as, membros/as, frequentadores/as e ex-frequentadores/as da Igreja Inclusiva Nova Esperança. Essa visão interseccional trouxe luz a complexidade de ser um LGBTI+ negro/a pentecostal e para além de oportunidades ou não, acesso ou não, a vez, a voz e protagonismo das narrativas, eles/as existem, resistem e ocupam os espaços para vivermos livres, afinal quando encontram um lugar que podem ser quem são, ficam e se estabelecem com grande potência.

Com potência e força a Igreja Nova Esperança, se mostrou ser uma grande representante pentecostal inclusiva étnico racial, pois, trata-se de uma igreja com fortes marcas raciais e resistente, a começar pelos pastores e pastoras em sua grande maioria negros/as, com curso superior, casados/as, com casa própria e exercendo lugares de tomadas de decisão em suas igrejas.

No que concerne aos pastores/as, pensando as lideranças interlocutoras nessa pesquisa da Nova Esperança e outras como Lanna Holder, Rosania Rocha, Esdras, Justino, Amon, Fernanda, Wladimir e praticamente 90% dos pastores/as da Nova Esperança levantados pelo Pastor Justino foram ou tiveram fortes passagens na Igreja Assembleia de Deus.

Mesmo sendo umas das igrejas que mais “doutrinam” seus fiéis desde as prédicas nos púlpitos até as diversas publicações/periódicos/revistas/livros com uma teologia avessa a questões ditas “morais”, como ecumenismo, divórcio, homossexualidade, casamento gay, aborto, eutanásia, secularismo, humanismo, ateísmo, feminismo, contestação do modelo patriarcal externando um conservadorismo selvagem, percebe-se ser ela um celeiro de lideranças pentecostais LGBTI+.

Mas, o certo é que chegamos nas considerações finais com mais perguntas do que respostas, ou seja:

1-Porque tão poucos estudos, seria por causa somente do racismo institucional?

2-Porque se fala pouco de “pecados sociais” nessas igrejas e mesmo assim a maioria dos entrevistados se veem representados?

3-Pensando um possível quilombo pentecostal, aonde realmente estão e o que fazem as pessoas não negras nessas igrejas? E os héteros? E os soropositivos?

4-A igreja inclusiva pentecostal no Centro da Cidade de São Paulo/SP “Nova Esperança” “realmente” tem acolhido ou não parte da população LGBTI+ Negra com tantas demandas sociais?

5-Se sim, qual seria a real percepção de racismo dentro dessa igreja?

6-Se não, porque ela tem uma quantidade considerável de pessoas pretas, ou seja, a maioria dos fiéis são negros/as.

7-O olhar analítico interseccional consegue dar conta da complexidade dessas vivências LGBTI+ negra pentecostal?

Assim esperamos que essa dissertação sirva de inspiração e desafie outros/as pesquisadores/as, pois ela abre campos diversos para novas pesquisas, para além do recorte racial e interseccional ela relaciona-se com o campo da psicologia, direito, biologia, educação, geografia, literatura, economia, sexualidades, administração, comunicação social e até relações internacionais, dentre outras. E que as contribuições que trouxemos sejam aproveitadas principalmente no campo das Ciências da Religião com aprofundamentos e preencham as prováveis lacunas que não conseguimos alcançar, afinal a pretensão, por ser uma pesquisa séria, não é encerrar qualquer assunto, mas abrir maiores possibilidades.

Poderíamos ter nos aprofundado nas questões das mulheres e mulheres negras nesses espaços de fé, que são alvo de formas de discriminação e violência distintas daquelas que compõem a experiência de homens gays, como por exemplo das mães de tantos LGBTI+ que passam a frequentar e acompanhar seus filhos/as nessas igrejas, as mulheres trans, travestis e trabalhadoras do sexo, algumas com filhos/as que participam das reuniões da igreja e quiçá sobre parte das pessoas portadoras de HIV que buscam sobriedade nesse ambiente de fé que é a igreja inclusiva, mas não o fizemos devido aos limites acadêmicos e pessoais. Assim esperamos que demais trabalhos alarguem essas discussões tão importantes em um campo que vemos tantas pessoas em precariedade religiosa

Penso que as discussões trazidas ao longo da dissertação sirva de algum parâmetro para as lideranças de igrejas inclusivas repensarem o processo de condução dos seus rebanhos. Mesmo que já tenham muitos estudos e reflexões acadêmicas sobre as igrejas inclusivas e vivências das pessoas LGBTI+ nelas, pensar as relações entre religião, gênero, classe, sexualidade, raça e etnia, pode contribuir muito para a aproximação de uma melhor realidade de como esses marcadores sociais de diferença produzem experiências sócio-religiosas distintas dentro de uma igreja inclusiva pentecostal, pois para mim a certeza está no fato de que os LGBTI+ negros/as pentecostais continuam pertencendo a uma classe social das mais oprimidas e a principal na luta por políticas de ações afirmativas, inclusive no campo religioso.

Por fim foi bastante desafiador encarar um campo vasto em que, praticamente, inexistiam pesquisas sobre as igrejas inclusivas com um viés étnico/racial, mesmo no campo das humanidades, que tem o ser humano no centro das reflexões. Além de ter que lidarmos com as questões da pandemia Covid-19, com isolamento social e o desamparo do sistema político tão tensionado no nosso país, que por vezes relega as questões da educação a segundo plano, comprometendo e prejudicando as instituições, pesquisas e pesquisadores. Mas ao "final" existe uma certa felicidade, por ser esta pesquisa uma das primeiras a abordar este tema, que por outro lado aumenta a responsabilidade do pesquisador,

mas aumenta também a fome e sede por igualdade, equidade e mais justiça, faço minhas novamente as palavras de Sueli Carneiro: “O pessoal da orientação sexual não vai retroceder em suas lutas, as mulheres não vão recuar mais suas agendas; nós não vamos voltar mais para a senzala, e isso está colocado. Vai ter luta!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A IGREJA DA VILA, 2022. Disponível em: < <https://www.instagram.com/aigrejadavila/> > Acesso em: 30 mar, 2022.

ADICHIE, Chimamanda. **Os perigos da história única**. 1. Edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembléias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia – 1911- 2011**. Tese de Doutorado (Ciências da Religião). PUC/SP, São Paulo, 2012.

ALENCAR, Gedeon Freire. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus**. Assembléia de Deus - origem, implantação e militância nas quatro primeiras décadas - 1911-1946. Dissertação de Mestrado (Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2000.

ALENCAR, Gedeon. **Assembléias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo Tupiniquim**. São Paulo, Arte editorial, 2007.

ALENCAR, Gedeon; FAJARDO, Maxwell. Pentecostaismos: uma superação da discriminação racial, de classe e de gênero? In: **Estudos da Religião**, UESP, v. 30, no. 2, pg. 95-112, mar-ago. 2016.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019

ALVES, Alfredo, 2008 **Noivas do cordeiro** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cVmjlhORxso&t=333s> Acesso em 26.05.22

ARAÚJO, Israel. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ASSEMBLÉIA DE DEUS ANGELA SETOR 14. **Congregações**. 2012 Disponível em: < <http://adangelasetor14.com.br/congregacoes/> > Acesso em: 30 JUN, 2022.

ASSEMBLÉIA DE DEUS FABRICIANO IPATINGA. **Pioneiros no Vale do Aço**. 2016 Disponível em: < https://www.adfabricianoipatinga.com.br/ler_texto.php?id=125 > Acesso em: 30 jun, 2022.

ASSEMBLÉIA DE DEUS INCLUSIVA. **ADI Efraim**. 2018. Disponível em: < <https://pt-br.facebook.com/pages/category/Evangelical-Church/ADIEfraim-2026535817412825/> > Acesso em: 30 mar, 2022.

BASTIDE, R.; FERNANDES, F. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. Anhembi, [1960] 1995.

BATISTA, Leonardo Moraes. Educação Musical, relações étnico-raciais e decoloneidade: tensões, perspectivas e interações para a Educação Básica. In: **Orfeu**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 111-135, dez. 2018.

BENJAMIN, Walter. **O narrador in Obras Escolhidas**. Volume 3. São Paulo: Editora Brasiliense. 2001.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. A ilusão biográfica. In: **FERREIRA, M.de M.; AMADO, J.** (org). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz, Rio de Janeiro – RJ São Paulo, Ed. Bertrand, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ser católico: dimensões brasileiras – um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião. In: **Brasil & EUA: religião e identidade nacional**, Graal, Rio de Janeiro 1988, 27-58.

BRASIL. **Lei Imperial n. 3.353**, de 13 de maio de 1888 | Lei Áurea. Disponível em < <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/385454> > Acesso em 31 mai, 2022.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência** tradução. Andreas Lieber; revisão técnica Carla Rodrigues, 1 ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019.

CAMARA MUNICIPAL SP, 2014. Roberto Vieira – Redação. **Igreja Nova Esperança, que acolhe o público LGBT, comemora dez anos**. Disponível em: < <https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/igreja-nova-esperanca-que-acolhe-o-publico-lgbt-comemora-dez-anos/> > Acesso em: 20 mai, 2021.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As Origens Norte-Americanas do Pentecostalismo Brasileiro: Observações Sobre uma Relação Ainda Pouco Avaliada. **Revista USP**, n.67, p.100-115, set./nov. 2005.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010.

CARDOSO, Tiago Guimarães. **A praxis metodológica para inclusão de soropositivos: estudo de caso**. Trabalho de Conclusão de Curso (Centro de Educação, Filosofia e Teologia) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Espelho com Lazaro Ramos. In. *Epistemicídio*. Portal Geledes, 4. setembro, 2014. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/epistemicidio/#> > Acesso em: 15 mai, 2022.

CARNEIRO, Sueli, Sobrevivente testemunha e porta voz (entrevistada por Bianca Santana 09.05.2017) **Revista Cult**. Disponível em: < <https://revistacult.uol.com.br/home/sueli-carneiro-sobrevivente-testemunha-e-porta-voz/> > Acesso em: 31 mai, 2022.

Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CORTEN, André. **Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1996.

COSTA, Denise Ferreira da. **Seguindo as tramas da beleza em Maputo**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

CRENSHAW, K (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Rev. **Estudos feministas**, 10(172), p. 171-188.

DAGNINO, E. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: DAGNINO (org.). **Os anos 90: política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DAVIS, Angela. Palestra na Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2017. **Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela**. Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Disponível em: < <https://www.ihu.unisinos.br/166-sem-categoria/570053-quando-a-mulher-negra-se-movimenta-toda-a-estrutura-da-sociedade-se-movimenta-com-ela> > Acesso em: 12 jun, 2022.

DIAS, Maria Berenice. **Manual de direito das famílias**. 10.^a edição revista, atualizada e ampliada I. - São Paulo, Ed. RT, 2013.

DIAS. Tainah Biela UM “LUGAR PARA SER” (TESE): RECONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DE PESSOAS LGBTI+ CRISTÃS NAS IGREJAS DA COMUNIDADE METROPOLITANA Universidade Metodista de São Paulo - Escola de Comunicação, Educação e Humanidades Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião São Bernardo do Campo, 2022

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2019

ESTATUTO DA IGREJA NOVA ESPERANÇA, 2010. **Estatuto Igreja Nova Esperança**. Sexto Oficial de Registro de Pessoa Jurídica, número 127.942, São Paulo/SP.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Editora Fator, 1983.

FAUSTO, B. **Negócios e ócios: histórias da imigração**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FEITOSA, Alexandre. **Igrejas Inclusivas: Uma breve história**. Brasília: Oásis, 2018.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo, Ática, 1978.

FERNANDES, Rubem Cezar (org.) **Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FERREIRA, Rubio. SILVA, Moisés A organização eclesiástica da comunidade cristã Nova

Esperança: entre o acolhimento e o desacolhimento. In: **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 40, p.2292-2307, out./dez. 2015.

FIGUEIREDO, Ângela. “**Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada**”: Identidade, Consumo e Manipulação da Aparência entre os Negros Brasileiros”. XXVI Reunião Anual da ANPOCS, 2002. Disponível em: < <https://anpocs.com/index.php/papers-26-encontro/gt-23/gt17-14/4475-afigueiredo-cabelo/file> > Acesso em: 20 jun, 2022.

FIGUEIREDO, Sérgio. Educación musical em la escuela brasileña: aspectos históricos, legislación educacional y desafíos contemporáneos: Music Education in the Brazilian School System: Historical Aspects, Educational Legislation and Current Challenges. **Revista Musical Chilena**, Año LXIV, Julio-Diciembre, 2010, N° 214, [S. 1.], p. 36-51. Disponível em: < <https://revistamusicalchilena.uchile.cl/index.php/RMCH/issue/view/1049> > Acesso em: 14 mai, 2022.

FIOCRUZ, 2021. **Negros são os que mais morrem por Covid-19 e os que menos recebem vacinas no Brasil**. Disponível em: < <https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/negros-sao-os-que-mais-morrem-por-covid-19-e-os-que-menos-recebem-vacinas-no-brasil> > Acesso em: 29 jun, 2022.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. 2. ed. – São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 12 ed. Rio de Janeiro, Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Tese de doutorado, Unicamp, Campinas, 1993.

GALINDO, Florêncio. **O fenômeno das seitas fundamentalistas**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GEBARA, Ivone, 2020 **Sofrimento das mulheres e as religiões**, Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=ILfyyqZdA9E> Acesso em: 26.05.22.

GELEDES, 2009. **Pentecostalismo e os afrodescendentes: diferenças e semelhanças entre os EUA e Brasil**. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/pentecostalismo-e-os-afrodescendentes-diferencas-e-semelhancas-entre-os-eua-e-brasil/> > Acesso 16 mar, 2022.

GLADSTONE, Marcos. **A Bíblia sem preconceitos**. 4ª ed. Rio de Janeiro. Ed. Marcos Gladstone, 2019.

GOIS, Pamela Cristina. 0619 pedagogia da decolonialidade: um debate acerca do epistemicídio acadêmico e filosófico e uma educação antirracista como antídoto

GOMES, José Cleudo; ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares. A trajetória do movimento social

pelo reconhecimento da cidadania LGBTI+. **Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, 2019.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T (Org.). **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

GONZALEZ, Lélia. **Democracia racial? Nada disso!** (1981). In: Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa...Diáspora Africana, Filhos da África, [1981] 2018.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. In: **Revista Isis Internacional**,

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20%20GONZALEZ%2C%20L%20%20C3%A9lia%20%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf > Acesso em: 03 maio, 2022.

GREEN, J.N. **Além do carnaval: homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: UNESP, 2000.

GRINBERG, K. **O fiador dos brasileiros – Cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002.

GUIA GAY SÃO PAULO, 2022. **Igreja Nova Esperança**. Disponível em: < <https://www.guiagaysaopaulo.com.br/roteiro/igrejas/ccne-comunidade-crista-nova-esperanca#/0> > Acesso em 24 mar, 2022.

Guia gay são paulo, 2022. In: **Revista estudos libertários – UFRJ**. Vol. 03 Nº 08, 1º semestre de 2021. Disponível em: < <https://www.guiagaysaopaulo.com.br/roteiro/igrejas/ccne-comunidade-crista-nova-esperanca#/0> > Acesso em: 29 jun, 2021.

HOLDER, Lanna. **O diário de uma filha pródiga**. Belo Horizonte: Editora Atual Brasil, 2009.

HOLDER, Lanna. Pesquisa [mensagem pessoal]. **Mensagem recebida** por < tuti34@bol.com.br > em: 14 de out. 2014 apud LIMA; LANZA; PATROCINIO, 2018 p. 55-56.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo, Elefante, 2019.

<https://www.facebook.com/igrejainclusivadespertaremcristo/about> Acesso em 30.03.22

IBGE. **Censo demográfico, 2010 – Características Gerais da População – Resultados da Amostra**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa etnográfica. Disponível em: < <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html> > Acesso em: 04 nov, 19.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio**, contínua, 2016

IEDEC, 2019. **Igreja Evangélica Incluir em Cristo**.

IGREJA A IGREJA DA VILA, 2022 “A igreja da Vila” Disponível em: <<https://www.instagram.com/aigrejadavila/>> Acesso em 06 jan, 2022.

IGREJA CIDADE DE REFÚGIO, 2022. Site oficial da CR - *Instagram* da **Igreja Cidade de Refúgio**. Disponível em: < <https://cidadederefugio.com.br/2022/> > Acesso em 06 jan, 2022.

IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA, 2022. **Igreja Cidade de Refúgio**. Disponível em: < <https://www.igrejacontemporanea.com.br/> > Acesso em 30 mar, 2022.

IGREJA ICM EUA, 2022 Disponível em: <https://www.mcccchurch.org/mcc-loses-a-prophet-and-a-healer-celebrates-the-life-of-rev-delores-p-berry/> Acesso em 29.03.2022

IGREJA TENDA DO ENCONTRO, 2022. **Igreja Tenda do Encontro**. Disponível em: < <https://www.instagram.com/tendadoencontrop/> > Acesso em 30 mar, 2022.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da violência 2017**. Rio de Janeiro - junho de 2017. Disponível em: < <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019> > Acesso em: 04.11.19

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da violência 2020**. Rio de Janeiro - junho de 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/200826_ri_atlas_da_violencia.pdf> Acesso em 09 jun, 2022.

KRUSES, 2022. **Prevista para este ano - revisão da lei de cotas pode ficar para 2023**. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/prevista-para-este-ano-revisao-da-lei-de-cotas-pode-ficar-para-2023/> > Acesso em 29 jun, 2022.

LANDES, Ruth. 2002. **A Cidade das Mulheres**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 352 pp.

LIMA, Regiane Aparecida de; LANZA, Fábio; PATROCÍNO, Luís Gustavo **Igreja gay: inclusiva e pentecostal** Macapá: UNIFAP, 2018. 72 p.

LÓPEZ, Maricel Mena. **Sou negra e formosa: raça, gênero e religião**. I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. Faculdades EST, São Leopoldo, RS, Sinodal, 2015.

LÓPEZ. Maricel Mena. Hermenêutica negra Feminista – De invisível a intérprete da sua própria história. In: **Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana**. São Paulo: Vozes, ano 2005/1, n.50, p. 184-185.

LÓPEZ. Maricel Mena. Teologia negra. In: BOTELHO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de; KILPP, Nelson. **Dicionário Brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

LORDE, Audre. **Sou sua irmã: Escritos reunidos e inéditos**. Tradução de Stephanie Borges. E-book (não-paginado). São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014

MARQUES, Joílson Santana **LGBTI+ negras: conhecimento e políticas em revista [SYN]THESIS**, Rio de Janeiro. In: **Cadernos do Centro de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro** v. 9, n. 1, p. 17-27, jan./jun., 2016. Disponível em: <

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/synthesis/article/view/42201/29235> > Acesso 01 jun, 2022.

MATTOS, Patrícia. As abordagens da ‘sociologia disposicional’ e da ‘interseccionalidade’: articulando uma proposta para os estudos de gênero. In: BODEMER, Klaus (Org.). **Cultura, sociedade y democracia en América Latina**: aportes para un debate interdisciplinario. Madrid: Iberoamericana, 2012.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: 1 edições, 2018

MONTERO, Paula. Religiões Públicas ou Religião no Espaço Público? Para uma crítica ao conceito de campo religioso em Pierre Bourdieu. In: **Religião & Sociedade**. Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 128-150, 2016.

MORAIS, José Geraldo Vinci de. **Cidade e cultura urbana na Primeira República**. São Paulo: Atual, 1994.

MOTT, Luiz (2004). **Blog do Luiz Mott**. Disponível em: < <https://luizmottblog.wordpress.com/sobre/> > Acesso em: 28 mar, 2022.

MOURA, Clóvis. **Rebelião na Senzala**. Rio, Ed. Conquista. 1972.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Via(da)gens teológicas**: itinerários para uma teologia queer no Brasil / André Sidnei Musskopf; orientador Rudolf von Sinner. – São Leopoldo: EST/PPG, 2008.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016

NATIVIDADE, Marcelo. 2016 **Igrejas inclusivas nascem da intenção de repensar a tradição religiosa**. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/politica/1469820936_254948.html > Acesso em: 28 jun, 2022

NATIVIDADE, Marcelo. **Deus me aceita como eu sou**: a disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ. Mimeo, 2008.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. **As novas guerras sexuais**: diferença, poder religioso e identidades LGBTI+ no Brasil. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

OBSERVATÓRIO G. **Assassinato de Edson Nérís completa 20 anos**: conheça a história. Disponível em: < <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/assassinato-de-edson-neris-completa-20-anos-conheca-historia> > Acesso em: 29 jun, 2021.

OLIVEIRA, Justino Luis de. **Mensagem de agradecimento** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: atilasantosadv@gmail.com em 22.04.21.

OLIVEIRA, Justino Luis de. **Uma nova esperança para os excluídos** – 1 ed. – Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.

OLIVEIRA, Luiz Gustavo Silva de. **O Senhor é meu pastor e ele sabe que eu sou gay**:

etnografando duas igrejas inclusivas na cidade de São Paulo / Luiz Gustavo Silva de Oliveira; Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2017.

OLIVEIRA, Marco Davi de. **A Religião Mais Negra do Brasil**. São Paulo. Mundo Cristão, 2004.

OLIVEIRA, Marco Davi de. **A Religião Mais Negra do Brasil: por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo** – 1 ed. Atual. – Viçosa, MG: Ultimato, 2015.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Ventura. **Trajatória e atuação das três deputadas federais negras evangélicas da 55ª Legislatura: Benedita da Silva, Tia Eron e Rosângela Gomes**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo - Escola de Comunicação, Educação e Humanidades Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião São Bernardo do Campo, 2018.

ORELLANA, 2015. Facebook de Victor Orellana – **Memórias**. Disponível em: < <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.10205744966995861&type=3> > Acesso em: 28 mar, 2022.

ORELLANA, 2022. Facebook de Victor Orellana – **Detalhes**. Disponível em: < https://www.facebook.com/victor.soto.orellana/about_details > Acesso em: 28 mar, 2022.

ORO, Ari Pedro. **Notas sobre a diversidade e a liberdade religiosa no Brasil atual**. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/333886906_Notas_sobre_a_diversidade_e_a_liberdade_religiosa_no_Brasil_atual-2004 > Acesso em: 01 jun, 2022.

ORO, Ari Pedro. Transnacionalização evangélica brasileira para a Europa: significados, tipologia e acomodações. In: **ETNOGRÁFICA**. LISBOA, v. 23, p. 5-25, 2019.

ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto. RICKLI, Joao. **Transnacionalização religiosa: Fluxos e redes**. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2012.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, vol. 13, n. 37, 1998, p. 43-73.

PINHO, O. A guerra dos mundos homossexuais: resistência e contra-hegemonias de raça e gênero. In: RIOS, L.; ALMEIDA, V.; PARKER, R.; PIMENTA, C (Orgs.) **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

PINSK, Jaime. **A escravidão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

PINTO, Geíse Pinheiro. **Juventude e Pentecostalismo: participação social em contexto de favela** Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

PIOVESAN, Flávia. SILVA, Sandro Gorski. Diversidade sexual e o contexto global: desafios a plena implementação dos direitos humanos LGBTI+. In: **Quaestio Iuris**. Vol. 08, nº. 04, Número Especial. Rio de Janeiro, 2015. pp. 2613-2650.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas.** Buenos Aires, Colección Sur Colecciona, 2005, pp.107-130. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf > Acesso em: 10 mai, 2022.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+:** Uma breve história do século XIX aos nossos dias. Autêntica Editora. Edição: 1. Coleções: Ensaios. São Paulo/SP.

REGO, Julyana Macedo. **A interseccionalidade entre raça e gênero como elemento de maior vitimização das mulheres negras no ambiente doméstico.** 15 Simpósio da Faculdade de Ciências Sociais, UFG – 2019.

REINA, Morgane Laure. Pentecostalismo e questão racial no Brasil: desafios e possibilidades do ser negro na igreja evangélica. In: **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 24.2, 2017, p. 253-275.

RELATORIO CEI, 2012 – **Relatório do Café Inclusivo**, realizado pela Igreja Nova Esperança, nas dependências da Igreja Cidade de Refúgio em 21/07/2012.

RETAMERO, Marcio Tavares. A igreja inclusiva e a política. In: SANTOS, Átila Augusto dos (Org.). **PANORAMA HOMOAFETIVO** “Perspectivas Cristãs de Inclusão LGBTI+”. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015, p. 87-90.

REVISTA ÉPOCA, 2002. **Sou pastor e sou gay.** Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG56496-6060-254,00-SOU+PASTOR+E+SOU+GAY.html> > Acesso em 24 mar, 2022.

REVISTA LADO A , 2016 Disponível em: <<https://revistaladoa.com.br/2014/11/brasil/ratinho-sbt-condenados-pagar-r150-mil-em-indenizacao-pastor-gay/> > Acesso em 30 jun, 2022.

ROCHA, Cleiton de Jesus. **Racionalizando o Pentecostalismo:** experiências e vivências raciais religiosas em duas Igrejas nos extremos do Brasil. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, BR-RS,2021.

RODRIGUES, Eduardo Lima. **Igrejas Evangélicas Inclusivas das cidades de São Paulo e Guarulhos:** um estudo psicopolítico das igrejas vistas por seus pastores. (Dissertação) PUC/SP, São Paulo, 2009.

RODRIGUES, Keila da Silva Santos. **O Infiltrado:** Benedito Galvão: a trajetória do primeiro presidente negro da OAB/SP (1881-1943). 1.ed, Curitiba, Appris, 2021.

RODRIGUES, Letícia. **A educação musical do negro brasileiro a partir de um panorama da trajetória de Pixinguinha e Moacir Santos** (TCC). Faculdade Mozarteum de São Paulo, 2020.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **Os Africanos no Brasil.** Rio de Janeiro. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais – 2010.

ROESE, Anete. O modo de fazer religião das mulheres que fundam suas próprias igrejas:

feminismo descolonial e feminismo comunitário. In: **Mandragora**. Ano: 2018 | Volume: 24 | Número: 2 mandragora.metodista@gmail.com

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

SANCHIS, Pierre, **O repto pentecostal à cultura católico-brasileira**, em: Nem anjos nem demônios, Vozes, Petrópolis, 1994, 34-63.

SANTOS, Boaventura Sousa. **O direito dos oprimidos**. São Paulo: Cortez, 2014

SILVA, Dhones Stalbert Nunes MIRANDA, Marcelo Henrique Gonçalves de SANTOS, Maria do Carmo Gonçalo. Homofobia e interseccionalidade: sentidos condensados a partir de uma pesquisa bibliográfica. **Interritórios**. Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, V.6 N.10, 2020.

SILVA, Vagner Gonçalves da. “Religião e identidade cultural negra: católicos, afrobrasileiros e neopentecostais”. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v.20, n. 20, jan./dez. 2011.

SOUHOURNER, Truth, 1851. **E não sou uma mulher?** Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/> > Acesso em: 10 mai, 2021.

SOUZA, Sandra Duarte de. Mulheres evangélicas na política: tensionamentos entre o público e o privado. **Horizontes**, v. 13, n.39, p.1261-1295, jul./set. 2015.

SOUZA, Sandra Duarte de. O gênero escrito na literatura evangélica: notas sobre a regulação religiosa do feminino. In: OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de; DE MORI, Geraldo (Org.) **Religião e Educação para a Cidadania**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 113-128.

VEIGA, Lucas, As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **PPGEL** – Salvador, Vol.: 12; nº. 01, junho de 2018.

VILHENA, Valéria Cristina. Frida Maria Strandberg, uma missionária esquecida:

VINGREN, Ivar. **Gunnar Vingren: o diário do pioneiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

WEISS, Fátima de Jesus. **Unindo a cruz e o arco-íris**. (TESE): Vivência Religiosa, Homossexualidades e Trânsitos de Gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo – Florianópolis SC, 2012.

WILMORE, Gayraud S.; CONE, James H. **Teologia Negra**. Coleção Pesquisa e Projeto. Volume 7, Paulinas, 1986 p. 122-124.

WOODHEAD, Linda. As diferenças de gênero na prática e no significado da religião. **Estudos de sociologia**. Araraquara v.18 n.34 p.77-100, jan.-jun. 2013. Disponível em: < <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/5974/4527> > Acesso em: 09 jun, 2022.

XAVIER, João Paulo. **Racismo Estético: Decolonizando os corpos negros**. Belo Horizonte, MG: Amazon, 2020.

XAVIER. Liniker Henrique. CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. **Ditadura**,

democracia e fé no país da moral e bons costumes: as ADs e o Mensageiro da Paz. Editora Recriar, São Paulo, 2021.

ANEXOS

I - QUESTIONÁRIO PARA Clérigo/Pastor/líder LGBTI+ NEGROS/AS

Você como Clérigo/Pastor/líder você se autodenomina negro/a, pardo ou branco/a?

- 1) Qual sua Idade?
- 2) Qual sua nacionalidade?
- 3) Estado e Bairro em que nasceu?
- 4) Qual a sua Escolaridade?
- 5) Qual seu Trabalho/profissão?
- 6) Qual o local da sua residência?
- 7) Qual o local do seu emprego?
- 8) Qual sua relação afetiva sexual e/ou estado civil?
- 9) Ele/a frequenta a igreja com você?
- 10) Qual sua Orientação sexual/ expressão de gênero?
- 11) Você faz parte de alguma Militância e/ou ONG?
- 12) Em poucas palavras, quando, onde e como se converteu?
- 13) Quais as igrejas anteriores?
- 14) Como você conheceu a igreja inclusiva?
- 15) Há quanto tempo você frequenta essa igreja? Ou Você é o fundador/a? Se fundador como iniciou?
- 16) Por que você frequenta e faz parte dessa igreja inclusiva?
- 17) Você já frequentou outra igreja inclusiva?
- 18) Como você chegou a ser Pastor/ líder/ membro/ a/ dessa igreja?
- 19) E a quanto tempo você é Pastor líder/ membro/ a/ de Igreja Inclusiva?
- 20) Você já foi discriminado ou sofreu algum preconceito aqui nesta igreja inclusiva?
Em outra igreja Inclusiva? Se sim qual?
- 21) Haveria alguma distinção desta igreja inclusiva pentecostal para outras igrejas inclusivas pentecostais que você conhece, se sim quais seriam?
- 22) Considerando seu “lugar de fala” responda as próximas 7 questões:
 1. Você se vê representado no sermão da igreja?
 2. Você se vê representado nos louvores da igreja?
 3. Você se vê representado na liturgia da igreja?

4. Você se vê representado na administração da igreja?
 5. Você se vê representado no corpo eclesial da igreja?
 6. Qual a teologia da igreja e você se vê representado nesta teologia?
 7. O que representa para você um pastor/a negro/a nesta igreja inclusiva?
- 23) Como surgiu essa Igreja Inclusiva e qual a participação dos negros e negras nesse início? Está Igreja é pentecostal e porque?
 - 24) Hoje qual a participação e representatividade dos negros e negras na Igreja?
 - 25) Como Clérigo/Pastor/líder de uma Igreja Inclusiva, qual seria a importância ou não desta igreja para um LGBTI+ NEGRO/A PENTECOSTAL e o resgate da cidadania?
 - 26) Qual seu entendimento (Clérigo/Pastor/líder) sobre os ditos “pecados sociais”, inclusive racismo e homofobia na Igreja?
 - 27) Para você qual a diferença entre igualdade e equidade, no contexto desta igreja? Você teria algum exemplo?
 - 28) Clérigo/Pastor/líder a Liturgia (prédica, louvores) desta igreja alcança a vivência das pessoas pretas pentecostais?
 - 29) Clérigo/Pastor/líder a Liturgia (prédica, louvores) desta igreja alcança a vivência das pessoas pretas pentecostais?
 - 30) Como você avalia a participação dos/as negros/as na Igreja?
 - 31) Qual a participação dos/as negros/as na administração da igreja? E no ritual/culto?
 - 32) Quais os ministérios e ou departamentos primordiais de uma igreja inclusiva pentecostal?
 - 33) Quais os cultos/reuniões/encontros primordiais de uma igreja inclusiva pentecostal?
 - 34) Quais os requisitos mínimos bíblicos ou não para ser um pastor/a de uma igreja inclusiva pentecostal?
 - 35) Qual a quantidade de LGBTI+ Negros/as tem na sua igreja?
10%; 20%;30%; +30%; não sei, N.R.A (outros...%)
 - 36) Qual a quantidade de LGBTI+ Negros/as moram e residem próximo da sua igreja?
10%; 20%;30%; +30%; não sei, N.R.A (outros...%)
 - 37) Qual a quantidade de LGBTI+ Negros/as na igreja com menos de 25 anos?
10%; 20%;30%; +30%; não sei, N.R.A (outros...%)
 - 38) Qual a quantidade de LGBTI+ Negros/as na igreja com mais de 25 anos?
10%; 20%;30%; +30%; não sei, N.R.A (outros...%)
 - 39) Qual a quantidade de LGBTI+ Negros/as na igreja com mais de 40 anos?
10%; 20%;30%; +30%; não sei, N.R.A (outros...%)

- 40) Qual a quantidade de LGBTI+ Negros/as na igreja com mais de 40 anos e menos de 60 anos?
10%; 20%;30%; +30%; não sei, N.R.A (outros...%)
- 41) Qual a quantidade de pessoas negras que auto se denominam como mulheres?
10%; 20%;30%; +30%; não sei, N.R.A (outros...%)
- 42) Qual a quantidade de pessoas negras que auto se denominam como Homens?
10%; 20%;30%; +30%; não sei, N.R.A (outros...%)
- 43) Quantos Pastores/as LGBTI+ Negros?
1; 2;3; +3; não sei, N.R.A (outros...)
- 44) Quantos tem curso superior?
1; 2;3; +3; não sei, N.R.A (outros...)
- 45) Quantos tem curso superior de Teologia?
1; 2;3; +3; não sei, N.R.A (outros...)
- 46) Negros/as pregam no culto principal?
1; 2;3; +3; não sei, N.R.A (outros...)
- 47) Quantos ministérios/departamentos tem na igreja?
1; 2;3; +3; não sei, N.R.A (outros...)
- 48) Quantos desses Ministérios/departamentos tem LGBTI+ NEGRO/a liderando?
1; 2;3; +3; não sei, N.R.A (outros...)
- 49) Qual a quantidade de pastores/as é remunerada pela Igreja?
10%; 20%;30%; +30%; não sei, N.R.A (outros...%)
- 50) Você teria algo a acrescentar ou dizer sobre a vivência de uma pessoa LGBTI+ negra pentecostal?

II – CARTA PROCLAMAÇÃO

“É necessário que demos liberdade ao Espírito Santo para que ele opere livremente, seja por homem ou por mulher, seja por dom ou ministério, para que a Igreja possa crescer na graça do Senhor”. Gunnar Vingren

Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, 01/12/1930, n° 1, p. 4.

Aos pastores e presidentes da Igreja Evangélica Assembléia de Deus dos estados do Amazonas e do Pará Pastores Jonatas Câmara e Samuel Câmara.

A mulher é e foi durante a história parte vital e imprescindível no movimento pentecostal do norte do país. No Brasil, elas perfazem quase 70% do total da membresia, isso se deve, ao perfil histórico da igreja que em sua origem, teve como foco alcançar o pobre e os marginalizados e isso atraiu vários grupos e pessoas e naturalmente também a mulher que vive historicamente em um contexto de opressão e inferioridade.

Muitos nomes de mulheres aparecem no início da história do movimento pentecostal moderno, com significativa participação nos relatórios, serviços, administração, lideranças e missões e continua evidente sua atuação no decorrer da história do movimento. Não podemos deixar de citar o nome das duas mulheres que fizeram história no pentecostalismo no Brasil no século XX: Frida Vingren, mulher pentecostal sueca atuante na posição de liderança que veio para o Brasil na década de 1920; e Ruth Doris Lemos, norte-americana, jornalista e teóloga, que havia sido ordenada pastora nos Estados Unidos. Chegando no Brasil, sem ter sido reconhecido o seu ministério feminino, renunciou ao título e exerceu sua missão em submissão às regras da igreja brasileira.

Estas foram algumas das mulheres que ganharam notoriedade na história do movimento, foram inflamadas pela chama do Espírito Santo e cada uma, ao seu modo, marcou profundamente seu tempo e sua geração e nos deixou um rico legado. Porém, não podemos deixar de mencionar as milhares de mulheres sem rosto e sem nome que trabalharam e trabalham sem o reconhecimento devido pelos serviços prestados ao Reino de Deus.

Diante do exposto, trazemos algumas reflexões: o que é mais complexo, conceder o dom ou uma ordenação? O dom é concedido por Deus, a ordenação é um ato humano. Portanto, é Deus quem concede o dom a homens e mulheres, e não há, biblicamente falando, nenhum dom divino que seja exclusivo para homens ou mulheres, todos somos de igual forma capacitados

por Deus.

Se a ordenação humana parte de pessoas que a estão efetuando em nome de Deus, logo esta precisa estar de acordo com o que fora antes divinamente instituído, pois se o ato da ordenação se desassocia do que antes já fora constituído por Deus, logo não perde a legitimidade de estar sendo feito em nome de Deus? Deus dá igualmente seus dons para homens e mulheres.

Assim, homens e mulheres, concordam que o dom do pastorado é evidente em muitas mulheres dentro da igreja, a própria liderança admite e dá espaço para a atividade pastoral feminina. Elas ensinam, pregam, aconselham, visitam, cuidam, evangelizam, dirigem igrejas. No entanto, não participam das instâncias administrativas e decisórias em ambientes eclesiástico e convencional. A ordenação, em tese seria o reconhecimento de um dom adquirido e já legitimado pela comunidade.

Com base nas argumentações acima, externamos nossos propósitos para serem analisados por esta nobre liderança com visão cosmopolita e comprometida com as necessidades da igreja atual:

1. A oficialização da vocação pastoral feminina, não por status, mas pela evidencia do chamado espiritual concedido por Deus a homens e mulheres, com a intenção de aperfeiçoamento para a obra de Deus, a começar pela região Norte se estendendo, enquanto proposta, para instâncias convencionais em nível nacional. Assim, discutir sobre o reconhecimento da função eclesiástica fundamentada pela Bíblia e legitimada no trabalho cotidiano das mulheres em suas realidades locais;
2. Participação nas mesas diretoras das convenções estaduais e nacionais;
3. Participação da mulher nas mesmas convenções com direito de voto e voz;
4. Participar com representação nos projetos parlamentares da igreja;
5. Presidir projetos missionários nacionais e internacionais;
6. Participação obrigatória da figura feminina em todas as instâncias de decisões, sejam elas quais forem;
7. Criação de um fórum nacional que se desdobre em encontros regionais, afim de

promover discussões que contribuam para o desenvolvimento pessoal, intelectual, espiritual e pastoral da mulher.

Parágrafo único: Mapeamento do trabalho das mulheres que já atuam hoje como dirigentes de igrejas e promover uma consagração local das mesmas. A região Norte deve ser o exemplo para o Brasil no processo de oficialização do ministério feminino, como já foi no advento do nascimento das ADs.

A contribuição da mulher pentecostal para o pentecostalismo é algo incalculável, contudo, há uma sutil artimanha oculta afim de desacreditar nossos esforços, associando nosso coração inflamado por Deus a movimentos que não tem legitimidade cristã, fazendo com que nosso trabalho e luta, que estão validados em Deus, percam a condição de legitimidade.

O legado deixado pelas mulheres pentecostais ao longo da história é algo que nos motiva a continuar. Que se lembrem das mulheres pentecostais do século XXI como mulheres que não viveram alienadas da vida ou do seu tempo, mas que enfrentaram com coragem os tempos difíceis, movidas sempre pela chama do Espírito Santo que nos transforma e nos empurra para fora de nós; que se lembrem de nós como representantes legítimas de Deus; que se lembrem de nós como alguém que descobriu sua identidade em Cristo; que não somos determinadas pela função que exercemos ou por qualquer movimento, é a identidade de Cristo em nós que nos faz ser quem somos.

E esta é a maior contribuição e legado que podemos deixar como mulheres pentecostais para as próximas gerações: descobrir hoje quem somos em Deus e organizar toda a nossa vida a partir desta verdade, pois antes de qualquer coisa, somos filhas legítimas de Deus e não queremos simplesmente o título, mas, sobretudo, o resgate de nossa dignidade. Ora, se é Deus que dá o dom para ambos, porque o mesmo Deus negaria a prática ou o reconhecimento deste dom?

Manaus, 29 de setembro de 2017.

III – TERMO DE ADESÃO AO SERVIÇO VOLUNTÁRIO



TERMO DE ADESÃO AO SERVIÇO VOLUNTÁRIO

Art.1º da Lei nº 9.608: Considera-se serviço voluntário, para fins desta Lei, a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade.

Parágrafo único: O serviço voluntário não gera vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista previdenciária ou afim.

NOME: _____
 DATA DE NASCIMENTO: _____ / _____ / _____
 RG: _____ CPF: _____
 ENDEREÇO: _____
 BAIRRO: _____ CEP: _____
 TELEFONE(S): _____
 E-MAIL: _____

TIPO DE SERVIÇO(S) QUE O VOLUNTÁRIO IRÁ PRESTAR:

Declaro que estou ciente e aceito os termos da LEI DO SERVIÇO VOLUNTÁRIO nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998.

São Paulo, _____ de _____ de 20 _____.

 Assinatura do Voluntário

 Assinatura do responsável

IV – LIDERANÇAS IGREJA NOVA ESPERANÇA (ATUAIS E DISSIDENTES)

Busca-se com as fotos, dar visibilidade aos agentes religiosos/as principalmente negros/as, além de colaborar com assertivas levantadas na dissertação como colorismo, ser uma igreja majoritariamente masculina (lideranças) negra e não menos plural.

(As fotos são do arquivo pessoal do autor)



